

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURA
ESPAÑHOLA E HISPANO-AMERICANA

ANGELO ROBERTO GONÇALVES RIBEIRO

Dom Quixote e Sancho Pança: o diálogo epistolar entre amo e escudeiro

Versão Corrigida

São Paulo

2023

ANGELO ROBERTO GONÇALVES RIBEIRO

Dom Quixote e Sancho Pança: o diálogo epistolar entre amo e escudeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Augusta da Costa Vieira

Versão Corrigida

São Paulo

2023



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO

Termo de Anuência da orientadora

Nome do aluno: Angelo Roberto Gonçalves Ribeiro

Data da defesa: 31/03/2023

Nome do Profa. Orientadora: Maria Augusta da Costa Vieira

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/05/2023



(Assinatura da orientadora)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R484d Ribeiro, Angelo Roberto Gonçalves
Dom Quixote e Sancho Pança: o diálogo epistolar
entre amo e escudeiro / Angelo Roberto Gonçalves
Ribeiro; orientador Maria Augusta da Costa Vieira -
São Paulo, 2022.
91 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua Espanhola e Literaturas
Espanhola e Hispano-Americana.

1. Literatura Espanhola. 2. Epistolografia. 3.
Cervantes Saavedra, Miguel de, 1547-1616. 4. Século
XVII. 5. Dom Quixote. I. Vieira, Maria Augusta da
Costa, orient. II. Título.

RIBEIRO, Angelo Roberto Gonçalves. **Dom Quixote e Sancho Pança: o diálogo epistolar entre amo e escudeiro.** 2022. 91 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Às Hosanas, à Luciana e à Vânia.

AGRADECIMENTOS

Não chegaria até aqui se me tivessem faltado os olhares atentos da professora Maria Augusta, que me orientou nas difíceis linhas de cada parágrafo e me escutou nas diversas dúvidas durante o processo de escrita e de leituras. Para ela, a minha imensa gratidão.

Também, não teria escrito sequer uma linha, sem antes a professora Deolinda não tivesse me apresentado o *Quixote* na graduação e me possibilitado a primeira leitura. Para ela, o meu singelo agradecimento.

Igualmente sou grato ao professor Jean Pierre e a sua leitura atenta, sua carta amistosa e rica em ensinamentos, oferecida a mim na qualificação.

Agradeço à USP - Universidade de São Paulo, pela oportunidade de poder estar em um espaço de ensino público e gratuito de excelência, ao CRUSP - Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, por me abrigar nos momentos em que eu não tinha condições de moradia digna e à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento da pesquisa, que me garantiu sobrevivência para concluir essa etapa da vida acadêmica.

À minha família pelo apoio à distância.

Aos meus amigos Cinthia, Geovana, Larissa, Letícia, Maria, Renata, Saulo, Talita, Tia Lu, por serem alegria e prumo durante as chamadas de longa distância e as inúmeras mensagens de texto.

Ao meu namorado Jordy, que me encorajou com humor e amabilidade em muitas horas dos meus conflitos internos.

Por fim, agradeço ao Quixote e ao Sancho por me afetarem tanto, sendo possível rir e chorar, refletir e pensar, por tudo ensinando e deleitando juntamente.

RESUMO

RIBEIRO, Angelo Roberto Gonçalves. **Dom Quixote e Sancho Pança: o diálogo epistolar entre amo e escudeiro**. 2022. 91 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Este trabalho tem por objetivo analisar o diálogo epistolar entre amo e escudeiro contido no capítulo LI da segunda parte da obra cervantina, *Don Quijote de la Mancha*. Com este propósito, nos orientamos a partir dos manuais retóricos e poéticos da época de circulação da própria obra, buscando uma adequação histórica ao objeto de estudo. Conforme o exame das cartas trocadas entre Dom Quixote e Sancho Pança, observou-se que elas seguem os princípios poéticos vigentes na época de circulação da obra e seus discursos carregam uma intenção específica, isto é, enquanto o cavaleiro tem por intenção primeira o aprendizado de Sancho, o escudeiro se preocupa com uma possível mobilidade social, no sentido de não passar fome, comendo com fartura, casar bem os filhos e ter uma vida confortável. Também, foi possível identificar a incorporação do subgênero carta à composição poética como elemento fundamental de verossimilhança e de construção da comicidade presente na relação entre as duas personagens.

Palavras-chave: Literatura Espanhola. Epistolografia. Miguel de Cervantes. Século XVII. Dom Quixote.

ABSTRACT

RIBEIRO, Angelo Roberto Gonçalves. **Don Quixote and Sancho Panza: the epistolary dialogue between master and squire.** 2022. 91 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

This work aims to analyze the epistolary dialogue between master and squire contained in chapter LI of the second part of Cervantes' work, *Don Quixote de la Mancha*. For this purpose, we are guided by the rhetorical and poetic manuals of the time of circulation of the work itself, seeking a historical adaptation to the object of study. According to the examination of the letters exchanged between Don Quixote and Sancho Panza, it was observed that they follow the poetic principles in force at the time of circulation of the work and their speeches carry a specific intention, that is, while the knight has as his first intention the learning of Sancho, the squire, is concerned with possible social mobility, in the sense of not going hungry, eating plenty, marrying the children well and having a comfortable life. Also, it was possible to identify the incorporation of the letter subgenre to the poetic composition as a fundamental element of verisimilitude and construction of the comic present in the relationship between the two characters.

Keywords: Spanish Literature. Epistolography. Miguel de Cervantes. 17th century. Don Quixote

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - ANTES E DURANTE O TEMPO DO <i>QUIXOTE</i>	12
1.1 CIRCULAÇÃO DE CARTAS	12
1.2 <i>O diálogo entre ausentes nas obras: Cárcel de amor (1492), La Celestina (1499) e Lazarillo de Tormes (1554)</i>	15
1.3 Cartas na primeira parte do Quixote (1605)	21
1.4 Cartas na segunda parte do <i>Quixote</i> (1615)	28
CAPÍTULO 2 – APRESENTAÇÃO DO INTERCÂMBIO DE CARTAS ENTRE DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA	42
2.1 NO BOSQUE, ENTRE O SER E O PARECER	42
2.2 <i>A Carta de dom Quixote para Sancho Pança</i>	44
2.3 <i>A Carta de Sancho Pança para dom Quixote</i>	51
2.4 Entre cartas: dom Quixote e Sancho Pança	57
CAPÍTULO 3 - PREOCUPAÇÕES EDUCACIONAIS E FILOSOFIA MORAL DA ESPANHA DO SÉCULO XVI – ERASMO E CERVANTES	59
3.1 CERVANTES E ERASMO: A PREOCUPAÇÃO COM A FORMAÇÃO EDUCACIONAL	59
3.2 <i>Os ensinamentos: alma e corpo</i>	59
3.3 Os efeitos do ensinamento em Sancho Pança	65
3.4 Cervantes e Erasmo: o ensinamento por meio do risível	72
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE RETÓRICA DAS CARTAS – UMA PRECEPTIVA EPISTOLAR	75
4.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	75
4.2. <i>Abertura</i>	77
4.3. Desenvolvimento ou setor central	80
4.4. Fecho ou conclusão	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
BIBLIOGRAFIA	87

INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe uma leitura da troca de cartas entre amo e escudeiro, afastada de leituras iluministas e românticas sobre *Don Quijote de La Mancha* (1605, 1615). Ou seja, a partir de manuais retóricos e tratados poéticos da época de circulação da própria obra, evidenciados nas poéticas seiscentistas. Dessa forma, utilizar a retórica como fundamento para esta leitura é buscar uma adequação histórica ao objeto estudado, tanto no caso dos discursos quanto das cartas, que compõem o *corpus*.

O nosso objetivo geral é analisar as cartas trocadas entre dom Quixote e Sancho Pança, contidas no capítulo LI do *Quixote* de 1615. Também são nossos objetivos: apresentar a obra e seu contexto de produção, demonstrar os procedimentos retóricos e poéticos que são baseados nas práticas seiscentistas, com ênfase na leitura das cartas; e possibilitar uma leitura que permita auxiliar o leitor na compreensão dos ensinamentos dados a Sancho por dom Quixote e seus frutos sob a perspectiva dos tratados poéticos e retóricos seiscentistas.

Assim, ao empreender a pesquisa aqui descrita, partimos do pressuposto de que a comunicação entre um texto e seu leitor deve se estabelecer sobre algum tipo de conhecimento das condições que regem a circulação do texto. É claro que não se tem a pretensão de conseguir ler a obra como seus contemporâneos, mas sim como leitores do século XXI que levam em consideração as reflexões que tanto o autor como os leitores da época fizeram a respeito do *Don Quijote de La Mancha* (1605, 1615) e das novelas de cavalaria. Desse modo, dividimos esta dissertação em capítulos, que resumimos conforme seguem.

O capítulo 1, “Antes e durante o tempo do *Quixote*”, tem por objetivo apresentar a circulação de cartas. Para isso, inicialmente são expostas as cartas em três principais obras do século XV e XVI: *Cárcel de amor* (1492), *La Celestina* (1499) e *Lazarillo de Tormes* (1554); além das cartas da primeira (1605) e da segunda parte (1615) do *Quixote*. O intuito é observar como as cartas transitavam durante o período e como elas foram incorporadas na composição poética a fim de estabelecer verossimilhança com o contexto histórico e social da época.

O capítulo 2, “Apresentação e localização do intercâmbio de cartas entre dom Quixote e Sancho Pança”. Como o próprio nome sugere, tem por objetivo apresentar e localizar o intercâmbio de cartas entre amo e escudeiro, na segunda parte do *Quixote* de 1615, especificamente no episódio dos duques. Em seguida, comentar e descrever as cartas a fim de possibilitar ao leitor uma leitura pormenorizada do diálogo que se estabelece nas ausências físicas das personagens no plano espacial da narrativa.

O capítulo 3, “Preocupações educacionais e filosofia moral da Espanha no século XVI – Erasmo e Cervantes”, propõe uma descrição dos conselhos dados pelo amo ao escudeiro, relativos à alma e ao corpo, situados nos capítulos XLII, XLIII e LI, do *Quixote* de 1615. Além disso, pretende-se recorrer a alguns textos do filósofo humanista do século XVI, como *O Manual do Cavaleiro Cristão* (1503), *Elogio da Loucura* (1511) e *A Civilidade Pueril* (1530), no intuito de apontar uma possível relação ou eco entre Cervantes e Erasmo no que diz respeito aos conselhos e à educação.

O capítulo 4 apresenta uma análise das cartas trocadas entre dom Quixote e Sancho Pança, a fim de demonstrar que elas podem ser lidas a partir das preceptivas epistolares do, assim denominado, Anônimo de Bolonha, *Rationes dictandi* (1135); de Erasmo de Rotterdam, *Brevissima formula* (1520); e de Justo Lúpsio, *Epistolica institutio* (1590). Além disso, empregamos na análise a referência a alguns procedimentos retóricos presentes em tratados que circularam nos tempos do *Quixote*.

CAPÍTULO 1 - ANTES E DURANTE O TEMPO DO *QUIXOTE*

1.1 Circulação de cartas

A edição do *Quixote* consultada para a presente dissertação foi a edição comemorativa do IV Centenário, publicada, em 2015, pela Real Academia Española, Asociación de Academias de la Lengua Española e Editora Alfaguara. Nossa proposta é examinar a presença das cartas inseridas na primeira e na segunda parte da obra¹ como objeto de composição poética com a perspectiva de observar como esse subgênero pode se constituir como representação, em outros termos, como uma mimetização da circulação de cartas dentro do mundo próprio da sociedade de corte. Além disso, também usaremos, como forma exemplificativa da importância da circulação de cartas no âmbito da composição poética, as obras: a novela sentimental de Diego de San Pedro, publicada em 1492, intitulada *Cárcel de amor*²; a comédia ou tragicomédia de Fernando de Rojas, publicada em 1499, *La Celestina*³; e a chamada novela picaresca, de autor anônimo, publicada 1554, intitulada *Lazarillo de Tormes*⁴.

Na obra cervantina, a troca de cartas também é expressiva e, em particular, chamam atenção as trocadas entre amo e escudeiro, como a que dom Quixote envia a Sancho, no momento em que ele é o governador da ínsula Baratária: “Cuando esperaba oír nuevas de tus descuidos e impertinencias, Sancho amigo, las oí de tus discreciones, de que di por ello gracias particulares al cielo...”⁵. Situada na segunda parte do *Quixote*, de 1615, esta carta estabelece um diálogo entre ausentes⁶ em que os amigos conversarão em tom amistoso, educativo e de lamento.

Entendemos que a carta, subgênero escrito, é usada como um dos procedimentos ficcionais que Cervantes incorpora na composição poética do *Quixote*, o que nos faz pensar na presença dela nas duas partes da obra.

¹ *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha* e *El ingenioso caballero don Quijote de la Mancha*, obras publicadas em 1605 e 1615, respectivamente, por Miguel de Cervantes. Neste trabalho, optamos referenciá-la apenas como *Quixote* por uma questão de economia linguística.

² SAN PEDRO, Diego. *Cárcel de amor*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. 304 p.

³ ROJAS, Fernando de. *La Celestina*. 16. ed. Madrid: Catedra, 2007. 353 p.

⁴ ANÔNIMO. *Lazarillo de Tormes*. São Paulo: Editora 34, 2005. 224 p.

⁵ Carta de Don Quijote de La Mancha a Sancho Panza, Gobernador de la Ínsula Baratária. Conforme edição consultada, página 941, segunda parte, capítulo LI.

⁶ Segundo Muhana (2000, p. 329), “Definida desde Cícero como ‘diálogo entre ausentes’ a epístola tem um lugar destacado entre os gêneros em prosa da Antiguidade, justificado na preceptiva humanista não só quanto ao seu estilo, disposição e tópicos, como principalmente quanto ao modo de imitação.”.

As cartas circulavam na sociedade de corte e com propósitos muito diversos, porém é possível classificá-las em cartas de cunho público e de cunho privado⁷. Além de servirem a propósitos variados, elas são introduzidas em composições poéticas, se transformando em um componente essencial para a construção de verossimilhança, atuando como um subgênero incorporado à forma ficcional. Segundo Castillo (2006, p. 43), as cartas e os manuais epistolares integravam um conjunto de normas e usos de civilidade que propiciavam o ensino de boas maneiras, visto que “los tratados epistolares y las cartas vinieron a contribuir a la constitución y expansión de la llamada civilización cortesana”.

A partir de doutrinas voltadas para a arte de escrever cartas, os manuais eram redigidos a fim de apresentar a estrutura da composição, ou seja, expondo exemplos de como se devia escrever uma carta. Castillo (2006), baseado na exposição de Antonio de Torquemada, apresenta seis elementos constituintes na comunicação epistolar, a saber: quem, a quem, por que, o quê, quando e de que maneira. Desse modo, pautada pelas regras, podemos pensar sobre como a sociedade espanhola, entre os séculos XVI e XVII, estava regrada e como ela devia se comportar a partir dos princípios de composição da matéria escrita, promovendo ensinamentos na arte de escrever em geral e na arte de escrever cartas, em particular. Nas palavras do autor, os tratados epistolares e as cartas “promovieron una específica educación de las costumbres y de los gestos, o, lo que es lo mismo, un determinado código de representación y un inconsciente político capaz de ejercer el control social a través de los usos de la lengua, oral y escrita” (CASTILLO, 2006, p. 43).

Nesse sentido, o comportamento do escrevente perante a comunicação escrita é regrado, ou seja, a partir de regras de composição estabelecida, de controle e de uso, se observa o decoro e as práticas requeridas na sociedade cortesã, pois “en la medida que la sociedad respondía a una estructura y organización determinadas, el uso de la escritura, lo mismo que el del lenguaje y el silencio, debía atenerse a la observancia de ciertas reglas” (CASTILLO, 2006, p. 43).

A respeito da circulação das cartas neste período, entre os séculos XVI e XVII, observamos que essa prática era bastante significativa, pois permitia aos interlocutores estabelecerem uma comunicação privilegiada à distância, criando uma presença simbólica por meio do papel. Nesse sentido, Castillo (2006, p. 59) aponta que “la carta acredita una de las prácticas más significativas de la escritura personal durante el Siglo de Oro” e Petrucci (2019) menciona que a carta, como parte de uma cultura manuscrita, teve um crescimento estrondoso

⁷ Segundo Tin (2005, pp. 28-29), Caio Júlio Victor divide as cartas em dois tipos: cartas de negócio (*negotiales*) e cartas familiares (*familiares*).

por estabelecer uma conexão entre as pessoas, seja no âmbito público como no privado. Assim, conforme o autor, no século XVI ocorreu uma grande explosão ou revolução da correspondência escrita, dando origem à carta moderna.

A ritualização da composição de cartas era um evento fundamental para os letrados e se estendia aos analfabetos por meio de uma mediação, isto é, um indivíduo ouvia e escrevia o que o analfabeto não conseguiria escrever (CASTILLO, 2006). As cartas se tornaram essenciais para a sociedade da época, pois eram um meio de comunicação destinado a oferecer informações, saber notícias, dar e executar ações e toda uma gama de propósitos, dentro do ambiente da corte e fora dela, portanto “era tal su importancia que ni siquiera los analfabetos se libraron de la necesidad de escribirlas o de leerlas” (CASTILLO, 2006, p. 23).

Aqui nos compete focalizar a presença das cartas em um ambiente privado, porém, é sabido que as cartas também foram úteis no âmbito público, na esfera governamental e política da Península Ibérica. Cabe a nós recordar os inúmeros eventos históricos que sucederam entre os séculos XVI e XVII na Espanha como o avanço das navegações, as trocas mercantis, e principalmente, os mandos e desmandos da coroa espanhola na apropriação de territórios americanos. Nesse sentido, Bouza (2005, p. 11) considera que

durante los siglos XVI y XVII, la presencia de las cartas, no importa si aisladas o transformadas en correspondencia regular, alcanzó tales dimensiones sociales, políticas y económicas que sería posible considerar a la alta Edad Moderna como una cultura epistolar.

Sendo assim, consideramos as cartas como parte de um processo de comunicação escrita, em que o destinatário e o remetente participam de uma espécie de “diálogo entre ausentes” (MUHANA, 2000, p. 329), realizada por meio do papel no qual as vozes são transcritas. Como afirma Bouza (2001, p. 139), “la cultura de corte es, precisamente, ante todo una cultura de la conversación y por ello las instrucciones para los jóvenes caballeros que ingresan en ella están llenas de noticias sobre cómo hablar, con quién y de qué hacerlo.”. Ainda, conforme o autor, Bouza (2001) considera que as convenções acerca das cartas se assemelham às práticas de conversação na cultura de corte, pois assim como na oralidade, a escrita prescreve o como, com quem, para quem e de que forma fazer, ou seja, “las cartas parecen estar siguiendo las pautas de lo oral” e “respondía a los principios del arte de la conversación” (BOUZA, 2001, p. 139).

Portanto, observaremos a comunicação escrita por meio de cartas, e a conversação oral, por meio da forma dialogada em obras anteriores ao *Quixote* a fim de possibilitar um entendimento acerca de um dos instrumentos contidos na composição poética eleita por

Cervantes ao imitar os conceitos, os preceitos, os modelos que eram prescritivos da sociedade letrada, em busca da verossimilhança em sua narrativa.

1.2 O diálogo entre ausentes nas obras: Cárcel de amor (1492), La Celestina (1499) e Lazarillo de Tormes (1554)

Ao lermos a novela sentimental de Diego de San Pedro, *Cárcel de amor* (1492), é possível concluir que ela é toda uma conversação entre ausentes, ou seja, uma narrativa com características epistolares. Apresenta um começo alegórico, criando uma imagem acerca da prisão da personagem cativa; há também um autor-personagem que dialoga com Leriano e Laureola, os protagonistas. As cartas integram a maioria da obra e, chegando aos capítulos finais, Leriano expõe a Tefeo, seu amigo, a sua defesa às mulheres que são vítimas dos juízos indecorosos e hostis dos homens. Por fim, o autor retoma a narrativa e encerra a história.

Neste sentido, observamos um ciclo que se inicia e termina com o autor-personagem. A novela começa após uma guerra, no inverno na Serra Morena, e termina em Peñafiel com a chegada do autor beijando a mão de vossa mercê, cujo personagem parece ser o destinatário dessa narrativa. Leriano morre logo após ingerir as cartas de Laureola, pois ele as rasga e as submerge em uma taça com água. Sua mãe sofre e lamenta a perda de seu filho, em seguida o autor conclui a narrativa.

Segundo Cláudio Giordano, tradutor da novela editada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, “*Cárcere de amor* consta como uma das novelas mais famosas escritas no mundo” e ainda, segundo ele, a novela “foi breviário de amor, código de elegância, arquivo de comportamento cortês para damas e cavalheiros do Renascimento e da Idade de Ouro” (SAN PEDRO, 2010, p. 5).

No prólogo, também intitulado de “dedicatória”, endereçado ao senhor D. Diego Hernandez, alcaide dos donzelos e de outros cavaleiros da corte, a narrativa é nomeada como tratado e está a pedido deste senhor. O seu conteúdo é sustentado por um discurso servil e fortemente humilde. Além disso, como o discurso é endereçado do autor para seu senhor, nos leva a afirmar que a novela se aproxima de um discurso epistolar.

O sumário, texto preliminar que apresenta a estruturação da novela, também provoca essa interpretação, ou seja, de sustentar que *Cárcel de amor* é uma novela epistolar, pois nela encontramos, após a dedicatória e a introdução da obra pelo autor-narrador, os seguintes títulos: “El preso al autor, Respuesta del autor a Leriano, El autor, El autor a Laureola, Respuesta de Laureola, El autor, Carta de Leriano a Laureola... el autor, fin” (SAN PEDRO, 2010, pp. 10-

13), ou seja, a comunicação de um remetente para um destinatário, construindo uma conversação entre ausentes.

O preso é Leriano que solicita ao autor que o liberte de seu cárcere. A seguir, no breve fragmento, Leriano se apresenta e sintetiza seu sofrimento dedicado à sua amada Laureola:

Tú sabrás que yo soy Leriano, hijo del duque Guersio, que Dios perdone, y de la duquesa Coleria. Mi naturaleza es este reino donde estás, llamado Macedonia. Ordenó mi ventura que me enamorase de Laureola, hija del rey Gaulo, que ahora reina, pensamiento que yo debiera antes huir que buscar. Pero como los primeros movimientos no se pueden en los hombres excusar, en lugar de desviarlos con la razón confirmelos con la voluntad, y así de Amor me vencí, que me trajo a esta su casa, la cual se llama Cárcel de amor. (SAN PEDRO, 2010, pp. 36-38).

A seguir, Leriano descreve acerca das significações do plano alegórico construído no começo da obra, explicando ao autor o seu suplício e o seu desejo que ele vá até Laureola e relate a ela o estado em que ele se encontra. Assim, o autor fará e será o mensageiro de Leriano: “... díjele que se esforzase a escribir a Laureola, ofreciéndome a darle la carta” (SAN PEDRO, 2010, p. 68).

Conforme observamos no sumário, podemos inferir como se dará o desenrolar da narrativa, ou seja, o autor enviará as cartas de Leriano à Laureola e retornará com as cartas de Laureola a Leriano. Durante a narrativa também haverá outras cartas como a de Pérsio a Leriano, de Leriano ao rei, do cardeal ao rei, de Leriano a seus cavaleiros, porém, nos basta, por ora, exemplificar a ideia de uma novela epistolar que “influenciou profundamente os corações, os costumes e as letras universais desde os tempos remotos da Idade Média até os umbrais do prosaico século XVIII” (SAN PEDRO, 2010, p. 5).

A primeira carta de Leriano a Laureola é notavelmente servil e temerosa. Nela, Leriano explicita a sua dor de estar preso a um sentimento dolorido e pede à amada que o tire desse martírio, ainda que seja por via da morte:

Si tuviera tal razón para escribirte como para quererte, sin miedo lo osara hacer, mas en saber que escribo para ti se turba el seso y se pierde el sentido, y de esta causa antes que lo comenzase tuve conmigo gran confusión: mi fe decía que osase, tu grandeza que temiese; en lo uno hallaba esperanza y por lo otro desesperaba; y en el cabo acordé esto.

[...] si porque lo hice te pareciere que merezco muerte, mándamela dar, que mucho mejor es morir por tu causa que vivir sin esperanza. (SAN PEDRO, 2010, pp. 70-72).

As cartas trocadas entre Leriano e Laureola são mediadas pelo autor-personagem, que busca convencer o leitor da sua nobre tarefa de libertar o cativo e fazer conhecer a sua dor perante a amada. Durante as trocas das cartas, o mensageiro irá descrever a alteração de comportamento de Laureola em relação a Leriano, mas sempre decorosa e firme, ela não cede diante das investidas do mensageiro. Por fim, Leriano morre bebendo as cartas de sua amada, pois encontrava desrespeito rasgá-las e se as deixasse a cargo de alguém pensava no eventual

perigo de alguma represália que correria o mensageiro delas, caso fossem divulgadas. Desse modo:

Pues tomando de sus dudas lo más seguro, hizo traer una copa de agua, y hechas las cartas pedazos echolos en ella. Y acabado esto, mandó que le sentasen en la cama, y sentado, bebióselas en el agua y así quedó contenta su voluntad. Y llegada la hora de su fin, puestos en mí los ojos dijo: - acabados son mis males. (SAN PEDRO, 2010, p. 292).

Após a morte de Leriano, o autor parte, mas antes retrata brevemente a sua tristeza se desculpando que seria crueldade demais se alongar. Chega a Peñafiel e beija a mão de seu senhor, cujo destinatário parece ser o principal endereço dessa narrativa.

É curioso observar elementos que aproximam *Cárcel de amor* da narrativa cervantina. No *Quixote*, o famoso cavaleiro também está em Serra Morena e lá escreve uma carta a sua amada, Dulcineia del Toboso. Além disso, dom Quixote, assim como Leriano, escreve à amada e tem um mensageiro, o escudeiro Sancho Pança. Diferente do arauto amoroso, Pança não entrega a carta à Dulcineia, porém finge tê-la entregado.

O conteúdo da carta de dom Quixote também imita o amor cortês expresso por Leriano, pois o remetente irá descrever a sua condição dolorida e elogiar a formosura de sua amada, além de expressar que morreria se ela não lhe correspondesse: “del modo que por tu causa quedo: si gustares de acorrerme, tuyo soy; y si no, haz lo que te viniere en gusto, que con acabar mi vida habré satisfecho a tu crueldad y a mi deseo. Tuyo hasta la muerte” (CERVANTES, 2015, p. 245).

Assim como em *Cárcel de amor*, é possível observar algumas informações importantes ao ler o sumário de *La Celestina*. Esse texto preliminar, que serve de orientação para o leitor entender a estrutura da obra, provoca o sentido de atendimento a um pedido, ou seja, a obra é escrita atendendo a um pedido de um amigo, dessa forma, no índice: “El autor a un su amigo 69”, “El autor, escusándose de su yerro en esta obra que escribió, contra sí arguye y compara 71” (ROJAS, 2007, p. 7). O autor escreve a seu amigo se desculpando pela obra escrita. Ao finalizá-la, ele descreve o propósito de tê-la escrito, ou seja, um exemplo didático de como não se deve fazer: “Concluye el autor, aplicando la obra al propósito por que lo hizo 343” (ROJAS, 2007, p. 8). A partir disso, podemos pensar que a obra se assemelha a um pseudo-manual de comportamento para os leitores da época, e a leitura de seu índice pode antecipar ao leitor a orientação estrutural do texto e o que se espera dele.

Recorrendo à argumentação contida na introdução da edição consultada, escrita por Dorothy S. Severin, “El propósito de la *Comedia*, según Rojas, es el de enseñar a los amantes como escapar de la cautividad del amor, y para ello nos recomienda atender al «argumento de toda la obra» y al planto de Pleberio” (ROJAS, 2007, p. 18). Severin reitera que a obra se

propõe a “deleitar y curar al enfermo de amores...”, tornando-se “... simplemente como un ejemplo negativo de lo que no debe hacerse” (ROJAS, 2007, p. 21).

Portanto, essa estrutura é bem semelhante à novela sentimental de Diego de San Pedro, que em seu prólogo considera a narrativa como tratado. Ambos textos retratam o amor cortês: no primeiro, o amor de Leriano por Laureola, e, no segundo, o amor de Calisto por Melibea, nos dois casos os relatos acabam em morte. Também, há em ambas narrativas, os lamentos e a tristeza dos pais pela morte dos filhos. Em *Cárcel de amor*, a mãe de Leriano chora e lamenta a morte de seu filho assim como em *La Celestina*, o pai de Melibea chora a morte da filha feita pedaços após o seu suicídio.

Diferentemente de *Cárcel de amor*, *La Celestina* não é escrita por meio de cartas, mas sim em forma dialogada. Contudo, é possível aproximar os discursos de ambas narrativas a partir da ideia do diálogo, que na primeira será por cartas e na segunda, por meio de diálogos, assemelhando-se a uma obra dramática. Além disso, cada uma delas terão um mensageiro para os amantes: o autor-personagem, na primeira e Celestina, na segunda.

A respeito dos personagens homens, Severin afirma que Calisto é uma paródia de Leriano e que Rojas havia lido a novela sentimental de Diego de San Pedro e, muito provavelmente, a usou enquanto escrevia *La Celestina* (ROJAS, 2007). Para sustentar essa afirmação, a autora da “introdução”, grande conhecedora da obra de Fernando de Rojas, Dorothy S. Severin, aponta semelhanças entre as duas obras. Vejamos as principais:

Tanto Calisto como Leriano se sirven de un mensajero, los dos se enzarzan en un apasionado debate acerca de las cualidades de la mujer y los dos mueren de amor. Pero Leriano tiene como mensajero al discreto autor de la *Cárcel* en persona, mientras Calisto utiliza a la alcahueta Celestina; Leriano discute seriamente con su amigo Tefeo la naturaleza de las mujeres, mientras Calisto lo hace con su desleal sirviente Sempronio, quien le vence en la discusión y acaba riéndose de él; finalmente, Leriano muere de una muerte elegida por él mismo como su destino inevitable, en tanto que la muerte de Calisto es accidental y casi cómica: resbala y se precipita desde la tapia del huerto de Melibea cuando intentaba ayudar a sus sirvientes, su único acto valeroso y en el que fracasa. Por otra parte, mientras Diego de San Pedro declara el tormento psicológico de su protagonista al principio de la obra, en la detallada alegoría de la *Cárcel*, Rojas deja a los criados de Calisto la tarea de retratarlo como un amante insomne y atormentado, cosa que resulta francamente paródica. (ROJAS, 2007, p. 31).

Dadas as principais semelhanças entre as obras, *Cárcel de amor* e *La Celestina*, podemos pensar sobre a construção poética. Encontramos nelas a figura dos mensageiros, Autor e Celestina, aqueles que se empenham em levar informações aos amantes. Ambos os personagens usam de artifícios semelhantes, pois enquanto o Autor envia e recebe cartas, além de participar e de intermediar um diálogo oral entre os envolvidos; Celestina leva e traz as informações somente no plano oral. A construção da narrativa é semelhante, se entendemos que ambos estão envolvidos no diálogo, escrito ou oral.

Em *La Celestina*, a presença física se estabelece ao encontro da alcoviteira com a amada Melíbea e por meio da forma dialogada se estabelece a comunicação e a função da mensageira. Após a leitura dos diálogos podemos reconhecer a presença do “eu” e do “tu”, além de mencionar o “ele”, referente que objetiva a comunicação entre as personagens. A construção do diálogo simula a oralidade e se aproxima das cartas enquanto diálogo entre ausentes, afinal o papel da alcoviteira é enviar a mensagem do amante à amada, além de a persuadir amorosamente em relação a Calisto.

Ambas as obras contêm os seguintes elementos: amor não correspondido, cativo amoroso, comunicação entre ausentes, mensageiros entre a pessoa que ama e a que é amada, o amor cortês, o destino, a loucura e a morte. Além disso, a beleza e a formosura das amadas e o rechaço das damas provocam naqueles que a amam uma profunda desilusão. Porém, o que estamos tentando observar é como a composição do relato promove uma espécie de comunicação entre ausentes por meio de seu mensageiro, tendo cada um utilizado recursos específicos para este fim.

Por fim, chegamos à obra *Lazarillo de Tormes*, como último exemplo desta seção, quanto a relatos contemporâneos ao *Quixote*, que utilizam o recurso epistolar em sua composição poética. A narrativa anônima, publicada no século XVI, é dirigida à “Vossa Mercê”, segundo a leitura do final de seu prólogo. O “eu” do texto, isto é, o remetente, suplica ao destinatário – “Vossa Mercê” – que receba o escrito como forma de resposta ao seu pedido no sentido de que ele relatasse o “caso”, “muy por extenso”, pois até esse momento não se sabe qual é o “caso”. Para satisfazer a solicitação do destinatário, o remetente dirá que não contará pelo meio, ou seja, não irá direto ao assunto, mas antes contará desde o início, ou seja, desde seu nascimento até a sua vida presente. Dessa forma, se estabelece uma espécie de autobiografia do remetente a fim de demonstrar ao destinatário o percurso de sua vida com o objetivo de exemplificar como “vive un hombre con tantas fortunas, peligros y adversidades” (ANÔNIMO, 2005, p. 22).

Suplico a Vuestra Merced reciba el pobre servicio de mano de quien lo hiciera más rico, si su poder y deseo se conformarán. **Y pues Vuestra Merced escribe se le escriba y relate el caso muy por extenso**, parecióme no tomalle por el medio, sino del principio, por que se tenga entera noticia de mi persona; y también por que consideren los que heredaron noble estados cuán poco se les debe, pues **Fortuna fue con ellos parcial**, y cuánto más hicieron los que, siéndoles contraria, con **fuerza y maña** remando salieron a **buen puerto**. (ANÔNIMO, 2005, p. 24, grifo nosso).

Podemos observar, após a leitura dos dois últimos parágrafos, a intenção do remetente, que escreve em primeira pessoa atendendo ao pedido do destinatário, contando a este como

sobreviveu e, mesmo com dificuldades e com pouca “Fortuna”, com “fuerza y maña”, alcançou um “buen puerto”.

Diferentemente do casal de *Cárcel de amor* e de *La Celestina*, Lázaro é miserável, órfão de pai preso por delitos e de mãe amancebada, quem, por dificuldades econômicas, entregou o pequeno Lázaro a um cego para que lhe servisse de guia. Assim, com pranto nos olhos, a mãe se despede de Lázaro rogando a Deus que o guie e pede para que ele se empenhe em ser bom: “ – Hijo, ya sé que no te veré más. Procura ser bueno, y Dios te guie. Criado te he y con buen amo te he puesto. Válete por ti.” (ANÔNIMO, 2005, p. 34).

Resumidamente, a vida de Lázaro é contada por ele próprio a um outro a fim de justificar o seu caso. Por meio de uma longa carta, o leitor será conduzido por muitas regiões da Espanha como o povoado de Tejares e a cidade de Salamanca. Conhecerá também o Rio Tormes, cujo nome será o adotado como sobrenome do narrador-protagonista. Além de saber sobre as adversidades de Lázaro perante seus amos, aos que servirá durante a narrativa com o objetivo de sobreviver à fome, o leitor se dará conta, ao final da carta, que Lázaro se casou com uma criada de seu senhor, o arcebispo de San Salvador, amigo de Vossa Mercê, destinatário da carta, e que, segundo as más línguas, a sua esposa é infiel tendo um caso com o arcebispo. Porém, esse rumor não afeta Lázaro, que pede aos amigos que não voltem a comentar com ele esse suposto acontecimento e assim ele tem paz em casa e vive próspero no auge de sua fortuna.

Segundo Lázaro, ele vive e reside a serviço de Deus e do destinatário: “... el día de hoy vivo y resido a servicio de Dios y de Vuestra Merced. Y es que tengo cargo de pregonar los vinos que en esta ciudad se venden” (ANÔNIMO, 2005, p. 174). Conforme diz, estava sendo bem-sucedido no trabalho, assim que o arcebispo, observando a sua habilidade de viver e o conhecimento de sua pessoa, procurou casá-lo com a sua criada: “En este tiempo, viendo mi habilidad y buen vivir, teniendo noticia de mi persona el señor arcebispo de San Salvador, mi señor, y servidor y amigo de Vuestra Merced, porque le pregonaba sus vinos, procuró casarme con una criada suya” (ANÔNIMO, 2005, p. 176).

Por fim, tentamos demonstrar brevemente o “diálogo entre ausentes” (MUHANA, 2000, p. 329) a fim de exemplificar a presença do subgênero epistolar e sua aproximação, em obras anteriores ao *Quixote*. Nosso intuito é oferecer uma leitura de que a comunicação entre ausentes é uma forma de imitação pautada por um mundo no qual a circulação de cartas era algo presente. Assim, os autores procuravam alcançar a verossimilhança em seus textos a partir da realidade em que viviam.

As obras, mencionadas e tratadas brevemente nesta seção, têm em comum a presença de textos epistolares, onde intervêm o “eu” e “tu”, o narrador em primeira pessoa e a forma

dialogada. Neste sentido, vale pensar sobre as posições do narrador, a sua forma de exposição, o tom amoroso e cômico que simulam uma aparência de verdade formada a partir do “eu”. Considerando esses pontos, encontraremos no *Quixote* as cartas como artifício compositivo da estrutura narrativa, colaborando para o estabelecimento da verossimilhança. Vale recordar que as cartas circulavam na sociedade de corte como um fenômeno presente. Desse modo, propomos que, para atingir a representação da realidade à composição poética, o autor deveria também trazer mecanismos de aproximação entre o leitor e a obra para que ele reconhecesse e os validasse. O autor, assim, persuadia e convencia o leitor da aparência de verdade de seu texto, dificultando para seu leitor, muitas vezes, a distinção entre o que seria uma “história fingida”, como aparece no prólogo do *Amadis de Gaula*, e o que seria uma história verdadeira.

1.3 Cartas na primeira parte do *Quixote* (1605)

Em uma breve carta amorosa de Cardênio à Lucinda, lida por dom Quixote a pedido de Sancho que, segundo o escudeiro, gosta de ouvir essas coisas de amores, podemos observar a imitação do amor cortês: “Tu falsa promesa y mi cierta desventura me llevan a parte donde antes volverán a tus oídos las nuevas de mi muerte que las razones de mis quejas. Desechásteme, ¡oh ingrata!” (CERVANTES, 2015, p. 215)⁸. Esse início marca o lamento do remetente em relação ao distanciamento do destinatário, demonstrando a sua insatisfação.

No capítulo XXIII da primeira parte, dom Quixote e Sancho Pança caminham pela Serra Morena e encontram, dentro de uma maleta, um caderninho de notas. No intuito de descobrir algum vestígio de seu dono, dom Quixote o folheia e se depara com um soneto e uma carta. Sem demora, o amo as lê ao escudeiro, que se impressiona e pergunta se ele entende de poemas. Rapidamente, o amo responde que sabe mais disso do que pensa seu escudeiro e que logo mais irá escrever uma carta e lhe pedirá que a leve a sua senhora, Dulcinea; assim disse dom Quixote: “ – Y más de lo que tú piensas, ... y veraslo cuando lleves una carta, escrita en verso de arriba abajo, a mi señora Dulcinea del Toboso.” (CERVANTES, 2015, p. 214).

Após ler o soneto a Sancho, o escudeiro solicita ao amo que continue lendo o livrinho para que busquem mais escritos que talvez possam identificar o dono da maleta. Em seguida, dom Quixote encontra uma carta e a identifica: “-Esto es prosa y parece carta” (CERVANTES, 2015, p. 214), Sancho pergunta se a carta é missiva⁹, opondo-se à de negócios

⁸ Carta de Cardênio à Lucinda. Conforme edição consultada, página 215, primeira parte, capítulo XXIII.

⁹ Segundo Lobo (1991, p. 90): “Três géneros de cartas missivas assina o mesmo Túlio, aos quais alguns costumam reduzir muitas espécies delas. O primeiro é das cartas de negócio e das cousas que tocam à vida, fazenda e estado

sendo pessoal ou familiar¹⁰. Dom Quixote, observando o conteúdo, conclui que parece ser de amores. Logo, Sancho se entusiasma e pede que a leia em voz alta, pois ele gosta muito de coisas dessa natureza. O amo satisfaz o desejo de leitura do escudeiro e lê a breve carta amorosa na íntegra e, assim como esta, há outras cartas e versos no livrinho que, segundo dom Quixote, todos os escritos continham: “... quejas, lamentos, desconfianzas, sabores y sinsabores, favores y desdenes, solemnizados los unos y llorados los otros.” (CERVANTES, 2015, p. 215).

É provável que a maleta perdida seja do “Caballero de la Sierra”, do Cavaleiro do Bosque, do “el Roto de la Mala Figura (como a don Quijote el de la triste)” (CERVANTES, 2015, p. 221), ou simplesmente o “Roto”. Tais nomeações são interessantes e todas são codinomes usados para referenciar Cardênio, morador de Andaluzia, nobre, de pais ricos, assim como Lucinda, sua amada. Essas informações biográficas acerca do “roto” será contada por ele mesmo a dom Quixote e a Sancho Pança no capítulo seguinte, XXIV, quando o faminto e louco andaluz encontra a ambos.

Vale lembrar que Cardênio, segundo consta, está louco, agressivo e furioso com Don Fernando, traidor, pois ele se casara antes com Lucinda, sua amada. Além disso, Cardênio faz penitências em Serra Morena caminhando desnudo por lá, coincidência que o aproxima de dom Quixote que assim que o vê o abraça, talvez se identificando com a personagem: “con gentil continente y donaire, le fue a abrazar y le tuvo un buen espacio estrechamente entre sus brazos, como si luengos tempos le hubiera conocido” (CERVANTES, 2015, p. 221). Esse episódio é bastante pertinente, pois nele encontramos cartas e bilhetes, comunicações escritas entre ausentes.

Antes de continuar, vamos nos atentar a um fato curioso que observamos no início deste capítulo: o aconselhamento dado a dom Quixote por Sancho. O escudeiro adverte o amo que se ele o tivesse ouvido, nada de mal teria acontecido a eles, ou seja, se tivesse aceito o seu conselho, ambos não teriam que fugir da perseguição da Santa Irmandade refugiando-se na Serra Morena: “si me hubiera creído se hubiera excusado este daño” (CERVANTES, 2015, p.

de cada um, que é o que para as cartas primeiro foram inventadas, que, por tratarem de cousas familiares, se chamaram assim. O segundo, de cartas dentre amigos uns aos outros, de novas e cumprimentos de galantarias, que servem de recreação para o entendimento e de alívio e consolação para a vida. O terceiro, de matérias mais graves e de peso, como são de governo da República e de matérias divinas, de advertências a príncipes e senhores e outras semelhantes. O primeiro género se divide em cartas domésticas, civis e mercantis. O segundo, em cartas de novas, de recomendação, de agradecimento, de queixumes, de desculpa e de graça. O terceiro, que é mais grave e levantado, contém cartas reais em matérias de Estado, cartas públicas, invectivas, consolatórias, laudativas, persuasória e outras, que se pegam a cada uma das que nomeei em todos os três géneros”.

¹⁰ Conforme nota 149, da edição traduzida por Miguel Serras Pereira, “carta missiva: o termo significa que não se trata de uma carta de negócios, mas de um escrito pessoal ou familiar” (CERVANTES, 2015, p. 918).

211). Em seguida, ao ouvir o comentário, dom Quixote aceita o conselho de Sancho e ambos se refugiam na Serra Morena.

Porém, o amo explica que o seu consentimento nada tem a ver com covardia ou medo de sua parte, senão por preservar o escudeiro de ser pego pela Santa Irmandade; pois ele, ao contrário de Sancho, não é covarde e se sustentaria ali, suportando qualquer intempérie, não somente diante da Santa Irmandade, mas perante qualquer irmão e irmã que há no mundo.

Sancho, por sua vez, ao ouvir a explicação de seu amo, justifica o seu conselho dizendo que partir não é fugir, tampouco esperar é insensato quando o perigo se aproxima. Com isso, além de se portar como ajuizado e humilde, demonstra amparo e auxílio a seu amo. Dessa forma, o escudeiro irá ser tão convincente que o cavaleiro montará em seu cavalo, sem nada dizer ou acrescentar, e ambos enveredarão pela Serra Morena¹¹. Apesar de dom Quixote aceitar o conselho de Sancho, ele impõe uma condição: que jamais, nem vivo ou morto, Sancho dirá a quem quer que seja que seu amo fugiu por medo. Desse jeito, dom Quixote enfatiza:

– Naturalmente eres cobarde, Sancho, pero, porque no digas que soy contumaz y que jamás hago lo que me aconsejas, por esta vez quiero tomar tu consejo y apartarme de la furia que tanto temes, mas ha de ser con una condición: que jamás en vida ni en muerte has de decir a nadie que yo me retiré y aparté de este peligro de miedo sino por complacer a tus ruegos; que si otra cosa dijeres mentirás en ello, y desde ahora para entonces y desde entonces para ahora te desmiento y digo que mientes y mentirás todas las veces que lo pienses o lo dijeres. (CERVANTES, 2015, p. 211).

Esse fragmento faz eco à fala de Sancho, posteriormente no capítulo X, da segunda parte, quando o escudeiro engana seu amo a respeito da Dulcineia encantada, ou seja, da lavradora em seu burrico que ele diz ser a “sem par”. Neste capítulo, em seu solilóquio, Sancho se vê confuso e pensativo, pois pensa em como sairá do enrosco de ir a Toboso pedir a Dulcineia uma benção ao cavaleiro trazendo resposta dela como disse ter feito na primeira vez. Porém, como já aprendera a enganar o amo e acredita que para todas as coisas há remédio, afirma:

... no será muy difícil hacerle creer que una labradora, la primera que me topare por aquí, es la señora Dulcinea; y cuando él no lo crea, juraré yo, y si él jurare, tornaré yo a jurar, y si porfiare, porfiaré yo más, y de manera que tengo de tener la mía siempre sobre el hito, venga lo que viniere. Quizá con esta porfía acabaré con él que no me envíe otra vez a semejantes mensajerías, viendo cuán mal recado le traigo de ellas, o quizá pensará, como yo imagino, que algún mal encantador de estos que él dice que le quieren mal la habrá mudado la figura, por hacerle mal y daño. (CERVANTES, 2015, p. 617).

Desse modo, Sancho engana seu amo por crer que não será difícil fazê-lo acreditar que uma lavradora é a senhora Dulcineia. E assim como dom Quixote, ele será persistente na

¹¹ “-Señor –respondió Sancho–, que el retirar no es huir, ni el esperar es cordura, cuando el peligro sobrepuja a la esperanza, y de sabios es guardarse hoy para mañana y no aventurarse todo en un día. Y sepa que, aunque zafio y villano, todavía se me alcanza algo de esto que llaman buen gobierno; así que no se arrepienta de haber tomado mi consejo, sino suba en Rocinante, si puede, o si no yo le ayudaré, y sígame...” (CERVANTES, 2015, p. 212).

mentira, ou seja, sustentará até às últimas consequências assim como seu amo fará se algum dia Sancho desmenti-lo dizendo que o amo fugiu à Serra Morena, por covardia ou por medo, para se esconder da Santa Irmandade.

No intuito de observarmos mais claramente as insistências de ambos, trazemos os dois fragmentos que comprovam a obstinação dos personagens em relação à mentira que contam:

1) Insistência de dom Quixote, na primeira parte: “que si otra cosa dijeres mentirás en ello, y desde ahora para entonces y desde entonces para ahora te desmiento y digo que mientes y mentirás todas las veces que lo pensares o lo dijeres. (CERVANTES, 2015, p. 211).

2) Insistência de Sancho, na segunda parte: “y cuando él no lo crea, juraré yo, y si él jurare, tornaré yo a jurar, y si porfiare, porfiaré yo más, y de manera que tengo de tener la mía siempre sobre el hito, venga lo que viniere” (CERVANTES, 2015, p. 617). A parte desse caso curioso sobre o aconselhamento, a insistência sobre a mentira, a honra, a covardia, o medo, a fuga, voltamos às cartas na primeira parte do *Quixote*.

Ainda no capítulo XXIII e XXV da primeira parte, encontraremos outras cartas que enumeramos brevemente a seguir:

a) Carta de amor, de Cardênio a Lucinda;

b) Cartas não transcritas, mas mencionadas: “Y hojeando casi todo el librillo, halló otros versos y cartas...” (CERVANTES, 2015, p. 215);

c) No capítulo seguinte, XXIV, quando Cardênio conta a dom Quixote e a Sancho Pança sobre a sua vida e suas desventuras, encontraremos as seguintes menções sobre as cartas: “¡Ay, cielos, y cuántos billetes¹² le escribí! ¡Cuán regaladas y honestas respuestas tuve!” (CERVANTES, 2015, p. 224);

d) Carta do duque Ricardo ao pai de Cardênio: “Por esa carta verás, Cardenio, la voluntad que el duque Ricardo tiene de hacerte merced” (CERVANTES, 2015, p. 225);

e) Carta breve de Lucinda a Cardênio, encontrada e lida por dom Fernando: “... quiso la fortuna que hallase un día un billete¹³ suyo [de Lucinda] pidiéndome [a Cardênio] que la pidiese a su padre por esposa” (CERVANTES, 2015, p. 228);

f) Leituras feitas por dom Fernando de cartas entre Cardênio e Lucinda: “Procuraba siempre don Fernando leer los papeles que yo a Lucinda enviaba y los que ella me respondía...” (CERVANTES, 2015, p. 228);

¹² Segundo a edição consultada (CERVANTES, 2015, p. 224), “billetes” se referem a notas ou cartas breves.

¹³ “Billete” aqui entendido como uma carta breve, conforme demonstra a explicação da nota consultada.

g) No capítulo XXV, há menção à carta que dom Quixote escreverá à Dulcineia e que deverá ser entregue por Sancho: “Loco soy, loco he de ser hasta tanto que tú vuelvas con la respuesta de una carta que contigo pienso enviar a mi señora Dulcinea; y si fuere tal cual a mi fe se le debe, acabarse ha mi sandez y mi penitencia” (CERVANTES, 2015, p. 236);

h) A carta escrita por dom Quixote a Dulcineia, no livrinho de memórias de Cardênio, é lida à Sancho, como segue:

CARTA DE DON QUIJOTE A
DULCINEIA DEL TOBOSO

Soberana y alta señora:

El ferido de punta de ausencia y el llagado de las telas del corazón, dulcísima Dulcinea del Toboso, te envía la salud que él no tiene. Si tu fermosura me desprecia, si tu valor no es mi pro, si tus desdenes son en mi afincamiento, maguer que yo sea asaz de sufrido, mal podré sostenerme en esta cuita, que, además de ser fuerte, es muy duradera. Mi buen escudero Sancho te dará entera relación, ¡oh bella ingrata, amada enemiga mía!, del modo que por tu causa quedo: si gustares de acorrerme, tuyo soy; y si no, haz lo que te viniere en gusto, que con acabar mi vida habré satisfecho a tu crueldad y a mi deseo. Tuyo hasta la muerte,

El Caballero de la Triste Figura
(CERVANTES, 2015, p. 245).

Após escrita e lida, dom Quixote entrega a carta a Sancho, mas sem antes escrever a seguinte mensagem/bilhete a sua sobrinha, que deverá dar ao escudeiro três dos cinco burrinhos que tem em sua propriedade:

Mandaré vuestra merced, por esta primera de pollinos, señora sobrina, dar a Sancho Panza, mi escudero, tres de los cinco que dejé en casa y están a cargo de vuestra merced. Los cuales tres pollinos¹⁴ se los mando librar y pagar por otros tantos aquí recibidos de contado, que con ésta y con su carta de pago serán bien dados. Fecha de las entrañas de Sierra Morena, a veinte y dos de agosto de este presente año. (CERVANTES, 2015, p. 246).

Após a entrega dos escritos a Sancho, o escudeiro se motiva a ir depressa executar o mando, porém, é interessante observar que Sancho questiona seu amo a respeito das assinaturas. Na carta à Dulcineia, Sancho pergunta como fará com a assinatura quando o conteúdo da carta seja reescrito em outro papel, visto que dom Quixote a escreve no livrinho de memória de Cardênio e solicita a reescrita em um papel apropriado, com boa letra e supondo que quem o faça seja mestre ou sacristão, mas nunca escrivão que, segundo ele, nem o capeta entenderá. Dom Quixote responde que nunca as cartas de Amadis foram assinadas e, portanto, será suficiente que coloque no final: “seu até a morte, o cavaleiro da triste figura”. Além do que, segundo dom Quixote, Dulcineia não sabe escrever nem ler e tampouco na vida ela viu sua letra ou carta, pois o amor entre ambos foi sempre platônico. Porém, a carta endereçada à sobrinha

¹⁴ “Pollinos”, segundo a RAE – Real Academia Espanhola, são asnos jovens, ou seja, burrinhos.

será rubricada, pois “no es menester firmala –dijo don Quijote-, sino solamente poner mi rubrica, que es lo mismo que firma...” (CERVANTES, 2015, p. 246). Desse modo, a sobrinha irá atender à sua solicitação: “que en viéndola mi sobrina no pondrá dificultad en cumplilla” (CERVANTES, 2015, p. 242).

As cartas para Dulcineia e para a Sobrinha são distintas: enquanto a primeira é de amor, a segunda é de solicitação, de ação, de cumprimento, brevíssima e objetiva. Além disso, há também um espaço mencionado –a Serra Morena– e uma data, 20 de agosto daquele ano. Tem-se também a identificação por rubrica que fará com que a remetente reconheça o destinatário, portanto, confirmando o direcionamento discursivo na carta expresso por “señora sobrina”. A carta de amor, por sua vez, anuncia o destinatário nas primeiras linhas, referenciado por “ferido” e “ilgado”, desejando a ela o gozo da saúde que ele não tem. Também se identifica como sendo o amo de um escudeiro chamado Sancho e finaliza a missiva, expressando a sua servil condição como “teu até a morte”, assinando como Cavaleiro da Triste Figura.

Observamos agora a Carta de Lucinda a Cardênio, contida no capítulo XXVII. Ela será lida por Cardênio como a tinha na memória. Vale recordar, que a carta foi encontrada dentro do livro de *Amadis de Gaula* que Cardênio ia presentear Lucinda.

LUSCINDA A CARDENIO

Cada día descubro en vos valores que me obligan y fuerzan a que en más os estime; y, así, si quisiéredes sacarme de esta deuda sin ejecutarme en la honra, lo podréis muy bien hacer. Padre tengo, que os conoce y que me quiere bien, el cual, sin forzar mi voluntad, cumplirá la que será justo que vos tengáis, si es que me estimáis como decís y como yo creo. (CERVANTES, 2015, p. 263).

Pelo conteúdo da carta breve, Cardênio se sentiu motivado a pedir Lucinda por esposa a seu pai. O mesmo bilhete fez com que dom Fernando encontrasse na amada de Cardênio uma mulher discreta e cheia de qualidades: “Por este billete me moví a pedir a Luscinda por esposa, como ya os he contado, y éste fue por quien quedó Luscinda en la opinión de don Fernando por una de las más discretas y avisadas mujeres de su tiempo” (CERVANTES, 2015, pp. 263-264). Mais adiante, no mesmo capítulo, Cardênio lê outra carta que Lucinda lhe escreve, nestes termos:

La palabra que don Fernando os dio de hablar a vuestro padre para que hablase al mío, la ha cumplido más en su gusto que en vuestro provecho. Sabed, señor, que él me ha pedido por esposa, y mi padre, llevado de la ventaja que él piensa que don Fernando os hace, ha venido en lo que quiere, con tantas veras, que de aquí a dos días se ha de hacer el desposorio, tan secreto y tan a solas, que sólo han de ser testigos los cielos y alguna gente de casa. Cuál yo quedo, imaginaldo; si os cumple venir, veldo; y si os quiero bien o no, el suceso de este negocio os lo dará a entender. A Dios plega que ésta llegue a vuestras manos antes que la mía se vea en condición de juntarse con la de quien tan mal sabe guardar la fe que promete. (CERVANTES, 2015, p. 267).

Após ler essa carta, que um homem lhe entregara, Cardênio parte a buscar a amada na ânsia de interromper o seu casamento com dom Fernando: “... fueron las razones que la carta contenía y las que me hicieron poner luego en camino” (CERVANTES, 2015, p. 267). Cardênio chega a tempo de escutar sua amada dar o sim ao cura: “oigo que dijo con voz desmayada y flaca «Sí quiero», y lo mismo dijo don Fernando; y, dándole el anillo, quedaron en disoluble nudo ligados.” (CERVANTES, 2015, p. 270).

Após responder afirmativamente ao cura, que celebrou a união entre Lucinda e dom Fernando, Lucinda desmaia. Sua mãe, na tentativa de ajudar a respirar melhor afrouxa a sua roupa e encontra, em seu seio, um papel declarando que não podia ser esposa de dom Fernando, pois Cardênio seria seu esposo verdadeiro e tinha ainda intenção de se matar. Dom Fernando lê os escritos de Lucinda e fica furioso, tentando matá-la, mas antes seus pais o interrompem e ele sai correndo.

No capítulo XXVIII, Doroteia conta que Cardênio escreve uma carta, dando conta da sua tortura: “Supe más: que el Cardenio, según decían, se halló presente a los desposorios, y que en viéndola desposada, lo cual él jamás pensó, se salió de la ciudad desesperado, dejándole primero escrita una carta, donde daba a entender el agravio que Lucinda le había hecho” (CERVANTES, 2015, p. 286).

Conforme podemos observar, estão presentes várias cartas na primeira parte do *Quixote*, sendo elas, em sua grande maioria, cartas de amor. Além disso, a narrativa menciona outras e bilhetes, porém não trazem seu conteúdo.

As cartas de amor têm como mote um amor cortês, ou seja, um amor impossível de ser concretizado, o que afasta o destinatário do remetente. Além disso, podemos observar os excessos de aflição amorosa e uma espécie de “coita de amor”, produzida pela falta de reciprocidade amorosa. Nesse sentido, podemos aproximar Cardênio de dom Quixote quando, como remetentes, escrevem as suas amadas transcrevendo o seu amor afetado e a sua dor sentida. Podemos perceber, ainda, a brevidade da carta e a falta de alguns aspectos que poderiam identificar o destinatário a outros leitores. Por exemplo, quando dom Quixote encerra a sua carta a Dulcineia, ele não a assina com seu nome, ao invés disso usa um codinome, ou seja, Cavaleiro da Triste Figura. Por sua vez, quando dom Quixote lê para Sancho a carta de Cardênio a Lucinda, não identificamos a assinatura do remetente. No entanto, é possível identificar o remetente pelo destinatário, em outras palavras, quem lê sabe quem escreveu, mas nenhum outro leitor, que não participa do pacto epistolar dos amantes, é capaz de identificá-los.

Com efeito, dom Quixote reconhece os gêneros, a composição poética, pois, conforme dito, ele sabe muito dessas coisas: “Esto es prosa y parece carta” (CERVANTES, 2015, p. 215).

O amo reconhece prosa que se opõe a verso, assim como reconhece o gênero ao qual pertence a carta: “–En el principio no parece sino de amores” (CERVANTES, 2015, p. 215). Porém, nada desses conhecimentos permitem ao leitor inferir quem seja o destinatário: “Menos por ésta que por los versos se puede sacar más de que quien la escribió es algún desdeñado amante” (CERVANTES, 2015, p. 215). Vale lembrar que dom Quixote lê para Sancho os versos e depois a carta, desse modo o amo conclui que em ambos escritos não é possível identificar a autoria.

Observaremos as cartas na segunda parte do *Quixote*, com a preocupação de perceber que as cartas de amor serão substituídas pelo que chamaremos de cartas familiares, ou seja, cartas privadas que contarão notícias, prestando contas e dando conselhos, reafirmando, assim, presenças. Segundo Muhana (2000, p. 333), a carta familiar “É todo esse variado âmbito de assuntos éticos, civis e epidícticos, que visa deleitar (recrear para a vida) e ensinar (consolar da vida)”, e:

Tais epístolas de gênero "familiar" referem-se a todas aquelas que são escritas não a parentes, ou nem só a eles, tratando de assuntos domésticos, mas a todos aqueles chamados "amigos", tratando de "novas e cumprimentos... que servem de recreação para o entendimento, e de alívio e consolação para a vida" (LOBO, 4, p. 90 *apud* MUHANA, 2000, p. 333).

Neste sentido, as cartas que encontraremos, contidas na segunda parte do *Quixote*, versarão a respeito da vida privada de seus remetentes e de seus destinatários. Serão de amigos, se pensarmos na relação entre amo e escudeiro; de familiar, se inferirmos a presença da esposa ao esposo, ou seja, de Teresa Pança a Sancho Pança. Ou ainda, de não parentes, quando a duquesa escreve a Sancho e a Teresa, além é claro, não podemos nos esquecer, da carta do duque a Sancho.

Essas cartas se aproximam do gênero familiar, conforme Muhana (2000) esclarece, pois tratam de assuntos domésticos, além de apresentarem também novas e saudações. A carta de dom Quixote a Sancho está mais próxima do tom de consolação e de ensinamento, enquanto que a de Sancho para dom Quixote, se aproxima do tom de lamentos.

1.4 Cartas na segunda parte do *Quixote* (1615)

As cartas, na segunda parte do *Quixote* (1615), são distintas das apresentadas na primeira parte. As principais diferenças serão a extensão delas, o assunto, o endereçamento e a assinatura. Vale lembrar que as cartas, até então mencionadas, tratavam de amor, ou seja, eram destinadas a amantes distantes com desejo do destinatário se fazer conhecer perante o seu lamento e a sua dor amorosa, ausentes um do outro. Além disso, não eram assinadas, como bem

disse dom Quixote, que Amadis não assinava as suas. O assunto era o mesmo: dor de amor e flagelo do amante. Eram brevíssimas a ponto de parecerem bilhetes. O endereçamento era cifrado, ou seja, era bem possível o reconhecimento do destinatário apenas por parte do remetente que conseguiria inferir os diversos codinomes apresentados, e, por fim, a assinatura; poucas vezes, era algo como finalizou o amo a sua amada: “o Cavaleiro da Triste Figura”.

Posto isto, iremos nos centrar na leitura das 7 epístolas situadas entre os capítulos XXXVI a LII da segunda parte do *Quixote*, em que as cartas estão dispostas conforme a seguinte enumeração:

1ª – Carta de Sancho para Teresa (Capítulo XXXVI, pp. 831-832).

2ª – Carta do duque para Sancho (Capítulo XLVII, p. 903).

3ª – Carta da duquesa para Teresa (Capítulo L, pp. 931-932).

4ª – Carta de dom Quixote para Sancho (Capítulo LI, pp. 941-942).

5ª – Carta de Sancho para dom Quixote (Capítulo LI, pp. 943-945).

6ª – Carta de Teresa para a duquesa (Capítulo LII, pp. 949-950).

7ª – Carta de Teresa para Sancho (Capítulo LII, pp. 951-952).

A circulação de cartas no mundo cortesão, entre os séculos XVI e XVII, como vimos, era de modo corrente e frequente. Assim, podemos pensar como a composição poética cervantina estabelece essa ligação com o mundo real possibilitando uma representação desse hábito no *Quixote*.

A partir dessa lógica, da constante circulação de cartas na sociedade de corte e a representação do gênero na composição poética, podemos inferir que se tratamos o *Quixote* como uma paródia das novelas de cavalaria cujo empreendimento, dito no prólogo da primeira parte, era acabar com elas, ou seja: “En efecto, llevad la mira puesta a derribar la máquina mal fundada de estos caballerescos libros, aborrecidos de tantos y alabados de muchos más; que, si esto alcanzásedes, no habríades alcanzado poco” (CERVANTES, 2015, p. 14), os gêneros e subgêneros, ainda não consolidados conforme os entendemos hoje, foram usados de forma a representar a realidade comportando-se parodicamente ao regalo de seu autor.

Outro ponto, que não se pode deixar de mencionar, também contido no prólogo, é a questão da imitação, um dos recursos poético-retórico inerente à composição da fábula¹⁵, pois segundo Pinciano, “la imitación o la fábula (que todo es uno) es la ánima, y el lenguaje, el

¹⁵ Conforme a *Philosophía Antigua Poética* de Alonso López Pinciano, (1998, p. 134) a “Fábula, según dotrina de Aristóteles en sus Poéticos, es imitación de la obra; no la obra misma, sino una semejanza della, como un retrato no es la persona retratada, sino una semejanza della; y como el retratador es más perfecto cuanto más hace semejante el retrato a la cosa retratada, así lo será el poeta quanto la obra hiciere más verisímil”.

cuerpo” (PINCIANO, 1998, p. 134). Neste sentido, a imitação pode trazer verossimilhança à composição poética, pois se aproxima da realidade.

Observamos no prólogo da primeira parte como Cervantes usa um outro recurso poético-retórico para compor o início de sua obra. Nesse texto preliminar, o autor do *Quixote* dirá que encontra muitas dificuldades para escrever, assim o “amigo” lhe aconselha: “Solo tiene que aprovecharse de la imitación en lo que fuere escribiendo, que, cuanto ella fuere más perfecta, tanto mejor será lo que se escribiere” (CERVANTES, 2015, p. 13). No capítulo XXV da primeira parte, dom Quixote diz a Sancho sobre Amadis de Gaula, sua fonte de imitação burlesca: “Sancho amigo, que el caballero andante que más le imitare estará más cerca de alcanzar la perfección de la caballería” (CERVANTES, 2015, p. 235).

O que nos chama a atenção é o emprego dos conceitos de imitação e de verossimilhança, como forma estrutural na composição poética. Cervantes imita e parodia os gêneros que circulavam durante os séculos XVI e XVII como por exemplo, o uso do gênero cartas como matéria a ser representada. Nesse sentido, podemos inferir que essa imitação se dará de forma burlesca, como acontece com o prólogo, as cartas de amor, da primeira parte, e agora, as cartas familiares, na segunda parte do *Quixote*.

Essa escrita entre os personagens é circular, no sentido que se inicia com Sancho e Teresa e termina com Teresa e Sancho. Com exceção da carta do duque, que não tem explicitamente uma resposta escrita, todas as demais cartas estabelecem-se como colóquios, uma vez que a carta é parte de um diálogo que se complementa com a resposta.

A primeira carta, situada no Capítulo XXXVI, da segunda parte, será ditada por Sancho e endereçada a sua esposa, Teresa Pança. Ditada, pois, como sabemos, Sancho é analfabeto. Porém, não é mencionado qual é o escrevente. Desse modo, o escudeiro, conversando com a duquesa sobre a sua penitência para o desencantamento de Dulcineia, pede a ela que leia a sua carta a fim de sentenciar se a maneira escrita está de acordo com o modo segundo o qual os governadores costumavam redigir suas cartas, ou seja, se sua missiva era decorosa. A duquesa é surpreendida com o pedido de Sancho e lhe pergunta quem escrevera a carta. Veja como Sancho responde:

- ¿Y quién la notó? –preguntó la duquesa.
- ¿Quién la había de notar sino yo, pecador de mí? –respondió Sancho.
- ¿Y escribístesla vos? –dijo la duquesa.
- Ni por pienso –respondió Sancho-, porque yo no sé leer ni escribir, puesto que sé firmar.
- Veámosla dijo la duquesa-, que a buen seguro que vos mostréis en ella la calidad y suficiencia de vuestro ingenio. (CERVANTES, 2015, p. 831).

Neste breve diálogo, anterior à leitura da carta pela duquesa, Sancho não responde a ela quem foi o escrevente de sua carta e, por conseguinte, a duquesa parece não se importar em saber. Esse fragmento pode demonstrar que a circulação de cartas também atingia pessoas analfabetas, ou seja, a partir de outrem se estabelecia a comunicação escrita.

Identificamos alguns elementos que diferem das cartas na primeira parte como:

- a) a identificação expressa do destinatário e do remetente: “Teresa mía”, “Teresa”, “Mujer de un gobernador eres”, “Tu marido el gobernador”;
- b) o assunto, dizendo sobre onde está, o que faz e o que fará, enquanto governador de uma ínsula dada pelo duque;
- c) a finalidade: “De aquí a pocos días me partiré al gobierno, adonde voy con grandísimo deseo de hacer dineros”;
- d) marca o espaço e a data: “De este castillo, a veinte de julio de 1614”;
- e) assinatura: “Sancho Panza”.

Após a leitura, a duquesa diz a Sancho que duas coisas não estão certas na carta: a primeira, que o duque oferece a Sancho o governo da ínsula mediante aos açoites, o que não é verdade; e a segunda, que o escudeiro se posiciona como cobiçoso e a cobiça pode fazer justiça desgobernada. Ao ouvir essas sentenças, Sancho imediatamente diz a ela que se a carta não está de acordo com o que pensa, que seja rasgada e escrita outra. Porém, a duquesa replica dizendo que não há necessidade e que está boa e quer que seu marido também a leia.

A carta de Sancho pode funcionar para os duques como uma espécie de verificação de expectativa diante de suas burlas; de outro modo, ao ler a carta de Sancho e todo o seu conteúdo, os duques saberão se estão se saindo bem com as burlas e se seus hóspedes estão acreditando na sua encenação. Desse modo, a carta funciona também como uma verificação da farsa, pois ao lê-la, o duque e a duquesa, podem continuar burlando de seus convidados.

A 2ª carta é escrita pelo duque e enviada a Sancho e se encontra no capítulo XLVII. Sancho, como sabemos, analfabeto, recebe das mãos do correio uma carta e não sabendo muito bem o que fazer com ela pergunta quem ali é seu secretário, para que a lesse: “Hízolo así el recién nacido secretario y, habiendo leído lo que decía, dijo que era negocio para tratarle a solas” (CERVANTES, 2015, p. 903).

É curioso como o secretário é adjetivado como recém-nascido. Podemos inferir aqui, contando que os duques estão burlando de dom Quixote e Sancho, que o secretário, na realidade, não é bem um secretário, mas sim um empregado dos duques que faz ali a interpretação de secretário. Diante disso, o recém-nascido lê:

A mi noticia ha llegado, señor don Sancho Panza, que unos enemigos míos y de esa ínsula la han de dar un asalto furioso no sé qué noche: conviene velar y estar alerta, porque no le tomen desapercibido. Sé también por espías verdaderas que han entrado en ese lugar cuatro personas disfrazadas para quitarnos la vida, porque se temen de vuestro ingenio: abrid el ojo y mirad quién llega a hablaros, y no comáis de cosa que os presentaren. Yo tendré cuidado de socorremos si os viéredes en trabajo, y todo haréis como se espera de vuestro entendimiento. De este lugar, a diez y seis de agosto, a las cuatro de la mañana.

Vuestro amigo,

El duque (CERVANTES, 2015, p. 903).

A carta do duque a Sancho Pança é breve e objetiva. Assinala um possível atentado à ínsula e à vida de seu governador. O duque, ainda, demonstra preocupação e aconselha Sancho que tome cuidado com o que fala e com o que come. Também manifesta a sua proteção, caso seja necessário. Finaliza marcando o lugar, a data e o horário em que escreve a carta. Por fim, assina como amigo do governador e com a sua posição nobre, o duque.

Por sua vez, Sancho se preocupa diante do relato. O governador de Baratária teme por sua vida e por seu estado famélico. E solicita aos seus que aprisionem o doutor Récio, principal causador de sua fome, pois, segundo o governador, é o doutor o principal suspeito que pretende matá-lo.

Um fato curioso na carta do duque: o horário marcado pelo remetente, às quatro da manhã. Talvez no intuito de assinalar uma prudência no cuidado e uma urgência da escrita devido ao assunto tão eminente e importante.

A 3ª carta é escrita pela duquesa e direcionada à Teresa Pança, situada no capítulo L. Assim como Sancho, Teresa e sua filha, Sanchica, são analfabetas. Desse modo, o pajem, mensageiro das cartas da duquesa, lê, para conhecimento da esposa e da filha de Sancho Pança, a seguinte epístola:

Amiga Teresa: Las buenas partes de la bondad y del ingenio de vuestro marido Sancho me movieron y obligaron a pedir a mi marido el duque le diese un gobierno de una ínsula, de muchas que tiene. Tengo noticia que gobierna como un gerifalte, de lo que yo estoy muy contenta, y el duque mi señor por el consiguiente, por lo que doy muchas gracias al cielo de no haberme engañado en haberle escogido para el tal gobierno; porque quiero que sepa la señora Teresa que con dificultad se halla un buen gobernador en el mundo, y tal me haga a mí Dios como Sancho gobierna.

Ahí le envío, querida mía, una sarta de corales con extremos de oro: yo me holgara que fuera de perlas orientales, pero quien te da el hueso no querría ver muertas; tiempo vendrá en que nos conozcamos y nos comuniquemos, y Dios sabe lo que será. Encomiéndeme a Sanchica su hija y dígale de mi parte que se apareje, que la tengo de casar altamente cuando menos lo piense.

Dícenme que en ese lugar hay bellotas gordas; envíeme hasta dos docenas, que las estimaré en mucho, por ser de su mano, y escríbame largo, avisándome de su salud y de su bienestar; y si hubiere menester alguna cosa, no tiene que hacer más que boquear, que su boca será medida, y Dios me la guarde.

De este lugar, su amiga que bien la quiere,

La Duquesa (CERVANTES, 2015, pp. 931-932).

É possível dividir a carta da duquesa em quatro partes, a saber:

- a) inicia com vocativo amistoso nomeando a remetente: “Amiga Teresa”, e apresenta as notícias acerca de Sancho: onde está, o motivo de estar, e como tem feito bom governo, além de demonstrar afeição por seus trabalhos como governador;
- b) envia presentes e avisa que em breve deverá casar muito bem a sua filha;
- c) solicita a Teresa que a envie “bellotas¹⁶ gordas”, que são frutos do carvalho e do azinheiro, e a resposta de sua carta contando se está bem;
- d) encerra a carta em tom amistoso marcando o lugar, sem especificá-lo, e assina, como o duque, com o seu título de nobreza: “La Duquesa”.

A 4ª carta é de dom Quixote para Sancho, localizada no capítulo LI. No início deste capítulo, podemos observar que há mais cartas, porém, não descritas na narrativa, apenas mencionadas: “... el mayordomo ocupó lo que de ella faltaba **en escribir a sus señores** lo que Sancho Panza hacía y decía, tan admirado de sus hechos como de sus dichos, porque andaban mezcladas sus palabras y sus acciones, con asomos discretos y tontos” (CERVANTES, 2015, p. 938, grifo nosso). Além disso, é interessante reparar que em seu governo, Sancho se aproxima do amo em relação ao seu comportamento. Em outras palavras, assim como dom Quixote, o escudeiro oscila entre a discrição e a maluquice.

A carta de dom Quixote para Sancho é uma das mais extensas e está repleta de conselhos ao escudeiro. A enunciação é definida pelo imperativo afirmativo e negativo e marcada pelo “tú” e pelo “yo”, o que assinalaria uma relação próxima do remetente para com o destinatário. Ao contrário da enunciação do duque e da duquesa, por exemplo, que confere um teor distanciado no emprego dos pronomes e da conjugação verbal.

Embora a palavra “amigo e amiga” estejam presentes nas cartas de dom Quixote: “tu amigo”, do duque: “vuestro amigo” e da duquesa: “su amiga” o que demonstra a relação de proximidade entre destinatário e remetente serão os pronomes.

Além disso, dom Quixote assina a carta como: “Don Quijote de la Mancha”, e não com seu codinome, porém marca também a sua posição social: “Don”. Desse modo, podemos pensar na diferenciação entre as cartas. Enquanto as primeiras são tratadas a partir de um distanciamento do remetente para com o destinatário, na carta entre amo e escudeiro, a relação se estreita.

¹⁶ Segundo a RAE – Real Academia Española, a “Bellota” é: “Fruto de la encina, del roble y de otros árboles del mismo género. Es un aquenio ovalado, algo puntiagudo, de dos o más centímetros de largo, y se compone de una cáscara medianamente dura, de color castaño claro, dentro de la cual está la única semilla, desprovista de albumen y con sus cotiledones carnosos y muy ricos en fécula. Se emplea como alimento del ganado de cerda.”.

Desse modo, leu a carta, o secretario de Sancho, em voz alta:

CARTA DE DON QUIJOTE DE LA MANCHA A SANCHO PANZA,
GOBERNADOR DE LA ÍNSULA BARATARIA

Cuando esperaba oír nuevas de tus descuidos e impertinencias, Sancho amigo, las oí de tus discreciones, de que di por ello gracias particulares al cielo, el cual del estiércol sabe levantar los pobres, y de los tontos hacer discretos. Dícenme que gobiernas como si fueses hombre, y que eres hombre como si fueses bestia, según es la humildad con que te tratas: y quiero que adviertas, Sancho, que muchas veces conviene y es necesario, por la autoridad del oficio, ir contra la humildad del corazón, porque el buen adorno de la persona que está puesta en graves cargos ha de ser conforme a lo que ellos piden, y no a la medida de lo que su humilde condición le inclina. Vístete bien, que un palo compuesto no parece palo: no digo que traigas dijes ni galas, ni que siendo juez te vistas como soldado, sino que te adornes con el hábito que tu oficio requiere, con tal que sea limpio y bien compuesto.

Para ganar la voluntad del pueblo que gobiernas, entre otras has de hacer dos cosas: la una, ser bien criado con todos, aunque esto ya otra vez te lo he dicho; y la otra, procurar la abundancia de los mantenimientos, que no hay cosa que más fatigue el corazón de los pobres que el hambre y la carestía.

No hagas muchas pragmáticas, y si las hicieres, procura que sean buenas, y sobre todo que se guarden y cumplan, que las pragmáticas que no se guardan lo mismo es que si no lo fuesen, antes dan a entender que el príncipe que tuvo discreción y autoridad para hacerlas no tuvo valor para hacer que se guardasen; y las leyes que atemorizan y no se ejecutan, vienen a ser como la viga, rey de las ranas, que al principio las espantó y con el tiempo la menospreciaron y se subieron sobre ella.

Sé padre de las virtudes y padrastro de los vicios. No seas siempre riguroso, ni siempre blando, y escoge el medio entre estos dos extremos, que en esto está el punto de la discreción. Visita las cárceles, las carnicerías y las plazas, que la presencia del gobernador en lugares tales es de mucha importancia: consueta a los presos, que esperan la brevedad de su despacho; es coco a los carniceros, que por entonces igualan los pesos, y es espantajo a las placentas, por la misma razón. No te muestres, aunque por ventura lo seas, lo cual yo no creo, codicioso, mujeriego ni glotón; porque en sabiendo el pueblo y los que te tratan tu inclinación determinada, por allí te darán batería, hasta derribarte en el profundo de la perdición.

Mira y remira, pasa y repasa los consejos y documentos que te di por escrito antes que de aquí partieses a tu gobierno, y verás como hallas en ellos, si los guardas, una ayuda de costa que te sobreleve los trabajos y dificultades que a cada paso a los gobernadores se les ofrecen. Escribe a tus señores y muéstrateles agradecido, que la ingratitud es hija de la soberbia y uno de los mayores pecados que se sabe, y la persona que es agradecida a los que bien le han hecho da indicio que también lo será a Dios, que tantos bienes le hizo y de continuo le hace.

La señora duquesa despachó un propio con tu vestido y otro presente a tu mujer Teresa Panza; por momentos esperamos respuesta.

Yo he estado un poco mal dispuesto, de un cierto gateamiento que me sucedió no muy a cuento de mis narices, pero no fue nada, que si hay encantadores que me maltratan, también los hay que me defiendan.

Avísame si el mayordomo que está contigo tuvo que ver en las acciones de la Trifaldi, como tú sospechaste; y de todo lo que te sucediere me irás dando aviso, pues es tan corto el camino: cuanto más que yo pienso dejar presto esta vida ociosa en que estoy, pues no nací para ella.

Un negocio se me ha ofrecido, que creo que me ha de poner en desgracia de estos señores, pero aunque se me da mucho, no se me da nada, pues en fin en fin, tengo de cumplir antes con mi profesión que con su gusto, conforme a lo que suele decirse: «Amicus Plato, sed magis amica veritas»¹⁷. Dígame este latín porque me doy a entender que después que eres gobernador lo habrás aprendido. Y a Dios, el cual te guarde de que ninguno te tenga lástima.

¹⁷ Segundo nota da edição consultada: “‘Platón es amigo, pero es más amiga la verdad’, sentencia clásica que equivale a ‘hay que actuar de acuerdo con la verdad, no siguiendo las amistades o conveniencias’”.

Tu amigo

Don Quijote de la Mancha (CERVANTES, 2015, pp. 941-943).

Após Sancho escutar o teor da carta com toda atenção, se colocou imediatamente preparado para respondê-la. Ditou ao secretário a sua resposta, sem antes dizê-lo que “sin añadir ni quitar cosa alguna, fuese escribiendo lo que él le dijese” (CERVANTES, 2015, p. 943). Dessa maneira, podemos inferir que o teor da carta de Sancho a dom Quixote deverá marcar toda à sua maneira de falar e de agir, suas prioridades e seus descontentamentos. Teremos aqui, novamente, uma simulação da oralidade.

Antes de prosseguirmos, vejamos algo: uma pequena situação, entre tantas outras situações que podemos pensar acerca dessa carta, é a menção sobre o esterco, no início do primeiro parágrafo: “el cual del estiércol sabe levantar los pobres, y de los tontos hacer discretos” (CERVANTES, 2015, p. 941). Esse fragmento nos faz pensar sobre o processo educativo entre dom Quixote e Sancho Pança, reiterando, em certa medida, uma alusão similar à que aparece no capítulo XII, da segunda parte.

Neste capítulo, amo e escudeiro se deparam com a representação da vida a partir da encenação da comédia no teatro. Dom Quixote diz: “... y acabada la comedia y desnudándose de los vestidos de ella, quedan todos los recitantes iguales.” (CERVANTES, 2015, p. 631). Em seguida, uma metáfora é construída por dom Quixote, que informa a Sancho: “llegando al fin, que es cuando se acaba la vida, a todos les quita la muerte las ropas que los diferenciaban, y quedan iguales en la sepultura” (CERVANTES, 2015, p. 631). Ou seja, o teatro como representação da vida, os personagens se despem de suas atuais vestimentas e vão todos virar pó na terra. Sancho, por sua vez, elogia o amo, porém não surpreso diz: “Brava comparación... aunque no tan nueva que yo no la haya oído muchas y diversas veces” (CERVANTES, 2015, p. 631). Seguidamente, irá Sancho apresentar a sua metáfora da vida em relação à comédia a partir do jogo de xadrez, o que deixa dom Quixote surpreso e feliz, no qual sentencia: “-Cada día, Sancho... te vas haciendo menos simple y más discreto” (CERVANTES, 2015, p. 632).

Porém, como se não bastasse, Sancho continua. Em seu contínuo falar, o escudeiro parece ficar lisonjeado com o elogio feito pelo amo e diz que algo teria que valer, pois teve muito contato com a saliente descrição de dom Quixote. A comicidade surge a partir da metáfora do esterco, como elemento que nutre a terra estéril. Sancho irá comparar o estrume dos cavalos com a conversação que ele tem tido com o amo até então. Assim ele explica:

Quiero decir que la conversación de vuestra merced ha sido el estiércol que sobre la estéril tierra de mi seco ingenio ha caído; la cultivación, el tiempo que ha que le sirvo y comunico; y con esto espero de dar frutos de mí que sean de bendición, tales que no

desdigan ni deslicen de los senderos de la buena crianza que vuesa merced ha hecho en agostado entendimiento mío. (CERVANTES, 2015, p. 632).

Após a explicação de Sancho, Dom Quixote ri das razões que o escudeiro apresenta para se referir ao longo diálogo que ambos compartilham durante as suas aventuras¹⁸. Enfim, o que queremos demonstrar com esses fragmentos é o processo educativo que dom Quixote vai construindo com Sancho, no qual servirá ao escudeiro para que seja um bom governador da ínsula Baratária e estará expresso em sua carta e por meio dos ajuizamentos dos outros personagens. Sancho, assim como seu amo: “...de cuando en cuando hablaba de manera que le admiraba” (CERVANTES, 2015, p. 632), mas nas demais vezes proferia ditos populares e asneiras expressando a sua simplicidade e a sua ignorância.

Voltemos às cartas. A 5ª é respondida por Sancho a dom Quixote, que pode ser lida no mesmo capítulo LI, conforme segue:

CARTA DE SANCHO
PANZA A DON QUIJOTE
DE LA MANCHA

La ocupación de mis negocios es tan grande, que no tengo lugar para rascarme la cabeza, ni aun para cortarme la uñas, y, así, las traigo tan crecidas cual Dios lo remedie. Digo esto, señor mío de mi alma, porque vuesa merced no se espante si hasta ahora no he dado aviso de mi bien o mal estar en este gobierno, en el cual tengo más hambre que cuando andábamos los dos por las selvas y por los despoblados.

Escribiome el duque mi señor el otro día, dándome aviso que habían entrado en esta ínsula ciertas espías para matarme, y hasta ahora yo no he descubierto otra que un cierto doctor que está en este lugar asalariado para matar a cuantos gobernadores aquí vinieren: llámase el doctor Pedro Recio y es natural de Tirteafuera, ¡porque vea vuesa merced qué nombre para no temer que he de morir a sus manos! Este tal doctor dice él mismo de sí mismo que él no cura las enfermedades cuando las hay, sino que las previene, para que no vengan; y las medicinas que usa son dieta y más dieta, hasta poner la persona en los huesos mondos, como si no fuese mal la flaqueza que la calentura. Finalmente, él me va matando de hambre y yo me voy muriendo de despecho, pues cuando pensé venir a este gobierno a comer caliente y a beber frío, y a recrear el cuerpo entre sábanas de Holanda, sobre colchones de pluma, he venido a hacer penitencia, como si fuera ermitaño, y como no la hago de mi voluntad, pienso que al cabo al cabo me ha de llevar el diablo.

Hasta ahora no he tocado derecho ni llevado cohecho, y no puedo pensar en qué va esto, porque aquí me han dicho que los gobernadores que a esta ínsula suelen venir, antes de entrar en ella o les han dado o les han prestado los del pueblo muchos dineros, y que ésta es ordinaria usanza en los demás que van a gobiernos, no solamente en éste.

Anoche andando de ronda, topé una muy hermosa doncella en traje de varón y un hermano suyo en hábito de mujer: de la moza se enamoró mi maestresala, y la escogió en su imaginación para su mujer, según él ha dicho, y yo escogí al mozo para mi yerno; hoy los dos pondremos en plática nuestros pensamientos con el padre de entrambos, que es un tal Diego de la Llana, hidalgo y cristiano viejo cuanto se quiere.

¹⁸ A respeito da metáfora do esterco, ver mais em *CERVANTES: DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA – FRAGMENTOS DE UMA APRENDIZAGEM DELEITOSA*, trabalho publicado por Maria Augusta da Costa Vieira em 2018, na revista *Literatura e sociedade*, v. 23, n. 28. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/152426>.

Yo visito las plazas, como vuestra merced me lo aconseja, y ayer hallé una tendera que vendía avellanas nuevas, y averigüele que había mezclado con una fanega de avellanas nuevas otra de viejas, vanas y podridas; apliquelas todas para los niños de la doctrina, que las sabrían bien distinguir, y sentenciela que por quince días no entrase en la plaza. Hanme dicho que lo hice valerosamente; lo que sé decir a vuestra merced es que es fama en este pueblo que no hay gente más mala que las plaseras, porque todas son desvergonzadas, desalmadas y atrevidas, y yo así lo creo, por las que he visto en otros pueblos.

De que mi señora la duquesa haya escrito a mi mujer Teresa Panza y enviádole el presente que vuestra merced dice, estoy muy satisfecho, y procuraré de mostrarme agradecido a su tiempo; bésele vuestra merced las manos de mi parte, diciendo que digo yo que no lo ha echado en saco roto, como lo verá por la obra.

No querría que vuestra merced tuviese trabacuentas de disgusto con esos mis señores, porque si vuestra merced se enoja con ellos, claro está que ha de redundar en mi daño, y no será bien que, pues se me da a mí por consejo que sea agradecido, que vuestra merced no lo sea con quien tantas mercedes le tiene hechas y con tanto regalo ha sido tratado en su castillo.

Aquello del gateado no entiendo, pero imagino que debe de ser alguna de las malas fechorías que con vuestra merced suelen usar los malos encantadores; yo lo sabré cuando nos veamos.

Quisiera enviarle a vuestra merced alguna cosa, pero no sé qué envíe, si no es algunos cañutos de jeringas, que para con vejigas los hacen en esta ínsula muy curiosos; aunque si me dura el oficio, yo buscaré qué enviar, de haldas o de mangas.

Si me escribiere mi mujer Teresa Panza, pague vuestra merced el porte y envíeme la carta, que tengo grandísimo deseo de saber del estado de mi casa, de mi mujer y de mis hijos. Y, con esto, Dios libre a vuestra merced de malintencionados encantadores y a mí me saque con bien y en paz de este gobierno, que lo dudo, porque le pienso dejar con la vida, según me trata el doctor Pedro Recio.

Criado de vuestra merced,

Sancho Panza el Gobernador (CERVANTES, 2015, pp. 943-945).

Assim como a carta de dom Quixote a Sancho, a de Sancho a dom Quixote é extensa. O escudeiro dita a sua carta ao secretário conforme o seu discurso oral, repleto de refrãos e ditos populares, o que nos faz pensar no conceito “escribo como hablo”, pois Sancho solicita ao secretário que redija a sua carta sem tirar nem pôr, ou seja, escreva conforme ele irá ditar, sem adicionar ou tirar nada, que fosse escrevendo conforme ele falava.

O conceito “escribo como hablo” é apresentado por Maria Augusta da Costa Vieira no livro *A Narrativa Engenhosa de Miguel de Cervantes*, publicado em 2012 (Edusp/Fapesp). Em resumo, segundo a autora, o século XVI espanhol convivía com diversos modelos de elocução retórica e a partir da segunda metade daquele século surgiu a preferência do estilo preciso e comedido. Juan de Valdés, em sua obra *Diálogo de la Lengua* faz uma apologia à língua vulgar castelhana, que objetiva estreitar “as distâncias que separam a língua falada da língua escrita” (VIEIRA, 2012, p. 135). Nesse intento, Valdés “atribui grande importância aos provérbios, tão arraigados entre os espanhóis, sobretudo entre o vulgo e, ... passa defender a ideia do ‘escribo como hablo’, que correspondia à concepção de que a escrita deveria imitar a fala” (VIEIRA, 2012, p. 135).

Portanto, nesse sentido, aproximamos o conceito à composição poética em que a carta é escrita simulando a oralidade do rústico, com toda a sua particularidade e engenho para estabelecer a verossimilhança.

A penúltima carta, ou seja, a 6ª, será endereçada por Teresa Pança à duquesa, está localizada no capítulo LII. Mas antes de passarmos à carta, vejamos o que menciona o narrador dessa grande história: “... veis aquí donde entró por la sala el paje que llevó las cartas... y sacando dos cartas las puso en manos de la duquesa. La una decía en el sobrescrito: «Carta para mi señora la duquesa **tal de no sé dónde**»” (CERVANTES, 2015, p. 949, grifo nosso).

No envelope, Teresa Pança, marca o desconhecimento do lugar em que a duquesa disse estar, pois, é muito provável que tenha se lembrado que em sua carta a duquesa não especifica, apenas registra: “De este lugar” (CERVANTES, 2015, p. 932). Podemos concluir que Teresa tenha inferido que a duquesa não está no mesmo local que Sancho, pois no envelope da carta endereçada ao marido está explícito o lugar em que seu marido habita: “A mi marido Sancho Panza, gobernador de la ínsula Barataria” (CERVANTES, 2015, p. 949). Com nervosismo e impaciência, a duquesa logo toma a carta de Teresa e a lê somente para si; posteriormente, vendo que podia lê-la em voz alta, assim o faz para que o duque e os demais também a ouvissem.

CARTA DE TERESA PANZA A LA DUQUESA

Mucho contento me dio, señora mía, la carta que vuesa grandeza me escribió, que en verdad que la tenía bien deseada. La sarta de corales es muy buena, y el vestido de caza de mi marido no le va en zaga. De que vuestra señoría haya hecho gobernador a Sancho mi consorte ha recibido mucho gusto todo este lugar, puesto que no hay quien lo crea, principalmente el cura y mase Nicolás el barbero y Sansón Carrasco el bachiller; pero a mí no se me da nada, que como ello sea así, como lo es, diga cada uno lo que quisiere: aunque, si va a decir verdad, a no venir los corales y el vestido tampoco yo lo creyera, porque en este pueblo todos tienen a mi marido por un porro, y que, sacado de gobernar un hato de cabras, no pueden imaginar para qué gobierno pueda ser bueno. Dios lo haga y lo encamine como ve que lo han menester sus hijos.

Yo, señora de mi alma, estoy determinada, con licencia de vuesa merced, de meter este buen día en mi casa, yéndome a la corte a tenderme en un coche, para quebrar los ojos a mil envidiosos que ya tengo; y, así, suplico a vuesa excelencia mande a mi marido me envíe algún dinerillo, y que sea algo qué, porque en la corte son los gastos grandes: que el pan vale a real, y la carne, la libra a treinta maravedís, que es un juicio; y si quisiere que no vaya, que me lo avise con tiempo, porque me están bullendo los pies por ponerme en camino, que me dicen mis amigas y mis vecinas que si yo y mi hija andamos orondas y pomposas en la corte, vendrá a ser conocido mi marido por mí más que yo por él, siendo forzoso que pregunten muchos: «¿Quién son estas señoras de este coche?»», y un criado mío responder: «La mujer y la hija de Sancho Panza, gobernador de la ínsula Barataria», y de esta manera será conocido Sancho, y yo seré estimada, y a Roma por todo.

Pésame cuando pesarme puede que este año no se han cogido bellotas en este pueblo; con todo eso, envió a vuesa alteza hasta medio celemín, que una a una las fui yo a coger y a escoger al monte, y no las hallé más mayores: yo quisiera que fueran como huevos de avestruz.

No se le olvide a vuestra pomposidad de escribirme, que yo tendré cuidado de la respuesta, avisando de mi salud y de todo lo que hubiere que avisar de este lugar,

donde quedo rogando a Nuestro Señor guarde a vuestra grandeza, y a mí no olvide.
 Sancha mi hija y mi hijo besan a vuestra merced las manos.
 La que tiene más deseo de ver a vuestra señoría que de escribirla, su criada

Teresa Panza (CERVANTES, 2015, pp. 949-950).

Na carta, Teresa, inicialmente, se coloca incrédula, porém com os presentes enviados, ela acredita na história sobre o governo de seu marido. Ela agradece pela carta recebida, pelo colar e pelo vestido, que seu marido lhe enviara. Em seguida, expressa que a notícia, de agora ser esposa de um governador, tenha se espalhado por todo o povoado e devido a isso, ela se tornou vítima de inveja e incredulidade pelas vizinhas e pelas amigas. Também adverte que não pode enviar a quantidade exata de “bellotas” pedidas, pois, naquele ano não há no povoado, porém envia à duquesa, uma porção menor, “celemín”, que ela mesma colheu no monte, selecionando as melhores e as maiores. Ao encerrar a carta, Teresa, solicita à duquesa que não a esqueça e que lhe escreva, pois ela terá o cuidado de responder a tudo o que quiser saber. Finaliza, expressando o seu desejo de mais ver a duquesa do que de lhe escrever, e assina como “sua criada” e, em seguida, seu nome.

A penúltima carta, a da esposa ao esposo, terá por leitores primeiros as gentes castelhanas, isto é: a duquesa, o duque e dom Quixote, habitantes do castelo. A pedido da duquesa e mediante deferimento do amo, ela abre a carta e lê, antes de chegar à mão e aos ouvidos de Sancho em Barataria. A seguir, consta a 7ª carta, que pode também ser lida no capítulo LII:

CARTA DE TERESA PANZA A SANCHO PANZA SU MARIDO

Tu carta recibí, Sancho mío de mi alma, y yo te prometo y juro como católica cristiana que no faltaron dos dedos para volverme loca de contento. Mira, hermano: cuando yo llegué a oír que eres gobernador, me pensé allí caer muerta de puro gozo, que ya sabes tú que dicen que así mata la alegría súbita como el dolor grande. A Sanchica tu hija se le fueron las aguas sin sentirlo de puro contento. El vestido que me enviaste tenía delante, y los corales que me envió mi señora la duquesa al cuello, y las cartas en las manos, y el portador de ellas allí presente, y, con todo eso, creía y pensaba que era todo sueño lo que veía y lo que tocaba, porque ¿quién podía pensar que un pastor de cabras había de venir a ser gobernador de ínsulas? Ya sabes tú, amigo, que decía mi madre que era menester vivir mucho para ver mucho: dígoles porque pienso ver más si vivo más, porque no pienso parar hasta verte arrendador o alcabalero, que son oficios que, aunque lleva el diablo a quien mal los usa, en fin en fin, siempre tienen y manejan dineros. Mi señora la duquesa te dirá el deseo que tengo de ir a la corte: mírate en ello y avísame de tu gusto, que yo procuraré honrarte en ella andando en coche.

El cura, el barbero, el bachiller y aun el sacristán no pueden creer que eres gobernador y dicen que todo es embeleco o cosas de encantamento, como son todas las de don Quijote tu amo; y dice Sansón que ha de ir a buscarte y a sacarte el gobierno de la cabeza, y a don Quijote, la locura de los cascotes. Yo no hago sino reírme y mirar mi sarta y dar traza del vestido que tengo de hacer del tuyo a nuestra hija.

Unas bellotas envié a mi señora la duquesa: yo quisiera que fueran de oro. Envíame tú algunas sartas de perlas, si se usan en esa ínsula.

Las nuevas de este lugar son que la Berrueca casó a su hija con un pintor de mala mano que llegó a este pueblo a pintar lo que saliese: mandole el Concejo pintar las armas de Su Majestad sobre las puertas del Ayuntamiento, pidió dos ducados, diéronselos adelantados, trabajó ocho días, al cabo de los cuales no pintó nada y dijo que no acertaba a pintar tantas baratijas; volvió el dinero, y, con todo eso, se casó a título de buen oficial; verdad es que ya ha dejado el pincel y tomado el azada, y va al campo como gentilhomme. El hijo de Pedro de Lobo se ha ordenado de grados y corona, con intención de hacerse clérigo: súpolo Minguilla, la nieta de Mingo Silbato, y hale puesto demanda de que la tiene dada palabra de casamiento; malas lenguas quieren decir que ha estado encinta de él, pero él lo niega a pies juntillas.

Hogaño no hay aceitunas, ni se halla una gota de vinagre en todo este pueblo. Por aquí pasó una compañía de soldados: lleváronse de camino tres mozas de este pueblo; no te quiero decir quién son: quizá volverán y no faltará quien las tome por mujeres, con sus tachas buenas o malas.

Sanchica hace puntas de randas; gana cada día ocho maravedís horros, que los va echando en una alcancía para ayuda a su ajuar, pero ahora que es hija de un gobernador, tú le darás la dote sin que ella lo trabaje. La fuente de la plaza se secó, un rayo cayó en la picota, y allí me las den todas.

Espero respuesta de ésta, y la resolución de mi ida a la corte; y con esto Dios te guarde más años que a mí, o tantos, porque no querría dejarte sin mí en este mundo.
Tu mujer

Teresa Panza (CERVANTES, 2015, pp. 951-952).

A carta de Teresa é cômica e afetuosa. Ela inicia a sua carta ao esposo, feliz e contente por saber que seu marido, até então pastor de cabras, é agora governador de ínsulas. Dá exemplos de sua alegria descrevendo que quase caiu morta e sua filha se mijou de pura felicidade. Além disso, enumera as coisas que a fizeram acreditar que Sancho é de fato governador tais como: o vestido recebido da duquesa, o colar, as cartas, o mensageiro.

Todas essas coisas lhe tornaram crédula. Foi como se estivesse diante de um sonho, por tudo aquilo que via e tocava. Teresa conta que tem grande desejo de ir à corte e pede ao seu marido que a avise para se preparar. Promete que deverá honrá-lo, andando de carruagem. Revela que o cura, o barbeiro, o bacharel e o sacristão não acreditam que o esposo é governador, pois todos tomam a história por falsa ou devido à loucura do seu amo. Além disso, informa que o bacharel, Sansão Carrasco, pretende ir à procura do marido e tirar o governo de sua cabeça, assim como deve dissuadir também dom Quixote de sua loucura.

Sobre as “bellotas”, diz ao marido que enviou algumas à duquesa, desejosa que fossem de ouro. Seguidamente, descreve ao marido amenidades como o casamento da filha de uma das vizinhas, três moças que são levadas por soldados e a falta de azeitonas e vinagre no povoado. Finalmente, menciona Sanchica para dizer que ela está ganhando dinheiro e juntando para o seu enxoval de casamento. Porém, como é filha de governador, não precisa mais do trabalho, pois espera que seu pai lhe dê o dote sem que ela precise trabalhar. Caminha-se para o final da carta solicitando resposta do marido a essa última carta e espera também a sua resposta sobre se deve ir à corte. Por fim, encomenda o marido a Deus, que o guarde por muitos anos, assim como a

guarde também, pois ela não quer deixar o marido sozinho nesse mundo. Finaliza a carta com “Tua mulher” e a assina com seu nome.

As duas últimas cartas de Teresa são relativamente longas, contêm entre 5 e 7 parágrafos, conforme a diagramação da edição consultada. De Sancho a dom Quixote e do amo ao escudeiro são 10. Da duquesa a Teresa são 5. Do duque a Sancho, é a mais curta, com 1 parágrafo. De Sancho a Teresa são 2, porém um parágrafo inicial é bem extenso. O conteúdo das cartas difere, porém todas têm em comum os modos de comportamento de seus remetentes, o assunto relativo à sua posição social e são de interesse privado.

As cartas entre esposo e esposa são diferentes das cartas de amor da primeira parte. Ao contrário, evidenciam o tratamento conhecido por ambos e tratam de assuntos pertinentes aos dois, além de trazer alguma novidade sobre o povoado, no caso de Teresa, e a grande novidade de Baratária, de Sancho.

As cartas entre amo e escudeiro são de natureza educativa, prescritiva, aconselhadora e lamentadora. Sancho revela em sua carta, mais sensatez na governança e conta que tem atendido aos conselhos de dom Quixote, porém não deixa de lado os provérbios e as lamúrias que sofre como a fome, principal delas. A carta do duque se resume a um aviso expresso, para que seja mantida a sua burla e para que Sancho continue governando com sobressaltos. A carta da duquesa é afetuosa, concentra-se em posicionar a situação do marido de Teresa e lhe pede frutos de “encina”.

Por fim, encerramos o capítulo 1 com o breve comentário das cartas contidas na segunda parte do *Quixote*. No capítulo 2, iremos nos dedicar à leitura da 4ª e da 5ª carta, respectivamente de dom Quixote para Sancho e de Sancho para dom Quixote. Nelas, devemos perceber os conselhos dados a Sancho por dom Quixote e, conseqüentemente, iremos observar se o escudeiro fez bom uso das recomendações, e se de fato eles foram aproveitados na condução de seu governo na ínsula Baratária.

CAPÍTULO 2 - APRESENTAÇÃO DO INTERCÂMBIO DE CARTAS ENTRE DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA

2.1 No Bosque, entre o ser e o parecer

O que se pretende com este capítulo é apresentar o intercâmbio de cartas entre dom Quixote e Sancho Pança na segunda parte da obra. Além disso, demonstrar a importância do recorte definido por meio da singularidade da interlocução epistolar entre amo e escudeiro, único vínculo mantido entre as duas personagens enquanto estão separadas fisicamente. Por fim, fazer uma leitura das duas cartas, entre o engenhoso cavaleiro e seu amigo Sancho Pança, contidas no capítulo LI.¹⁹

Para apresentar o intercâmbio epistolar na narrativa é preciso saber que dom Quixote e Sancho Pança estão hospedados no palácio dos duques, à mercê de suas burlas e de suas artimanhas. Durante essa estadia, ambas as personagens participam de diversas aventuras promovidas pelos duques e seus criados a fim de se divertirem com os dois. Segundo Vieira (2015, pp. 93-94), “O episódio dos Duques vai do capítulo XXX ao LVII da segunda parte e está montado a partir da leitura que o Duque e a Duquesa fizeram da primeira parte da obra [publicada em 1605]”.

O episódio dos duques é interessantíssimo, pois há diversas possibilidades de recortes e inúmeros pontos de vista. Seria possível analisá-lo a partir da perspectiva da leitura e das impressões que ela gera nesses dois leitores da nobreza; também poderíamos nos centrar no espaço em que se movimentam as personagens simultaneamente com a construção das burlas e das artimanhas; ainda seria pertinente observar a estrutura narrativa, no sentido de termos uma narrativa dentro da narrativa, e as conseqüentes relações estabelecidas entre uma e outra.

Contudo, dentre essas alternativas, buscamos nos orientar a partir das cartas trocadas entre dom Quixote e Sancho Pança, uma vez que esse recorte permite vislumbrar um dos traços marcantes na amizade entre amo e escudeiro, entre o letrado e o analfabeto, isto é, a lealdade que permeia a relação amistosa entre ambas as personagens, pois, como afirma Vieira (2015, p. 94) “A fidelidade entre dom Quixote e Sancho é um dos traços mais pronunciados e reconhecidos da amizade entre cavaleiro e escudeiro”.

O recorte é tão interessante que mobiliza o leitor a pensar acerca dos recursos de composição poética empregados no texto literário e traz possíveis inferências que ele se deleita

¹⁹ CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de La Mancha**. Barcelona: Alfaguara, 2015. 1249 p.

em descobrir. Além disso, o texto epistolar é repleto de carga afetiva, é um consolo na solidão, uma presença deleitosa materializada por um texto escrito.

Amo e escudeiro encontram o Duque e a Duquesa em um bosque, “Dom Quixote e Sancho observam à distância os nobres senhores que impressionam pela riqueza. Dom Quixote pede a Sancho que se dirija até a Duquesa e o apresente como Cavaleiro dos Leões” (VIEIRA, 2015, p. 102). É uma apresentação dispensável para os duques, pois eles conhecem as duas criaturas, visto que, conforme mencionado, os senhores são leitores da primeira parte das aventuras do cavaleiro e de seu escudeiro, e os convidam para se instalarem por alguns dias em seu palácio. Para dom Quixote e Sancho, é um momento único e a apresentação deles é totalmente adequada. Esse momento é delicado e cômico, pois o amo se mostra apreensivo em relação aos comportamentos de seu escudeiro, o que inclui o seu modo de falar. Essa temeridade de dom Quixote revela uma preocupação com as aparências e o autocontrole. Sobre a preocupação e tensão do cavaleiro, Vieira (2015, p. 103) aponta que “Se Dom Quixote se preocupa com a má impressão que eventualmente Sancho possa causar, é ele próprio que cai do cavalo num momento tão solene quanto o da saudação aos duques”. Dessa forma, a comicidade pode ser observada a partir da ruptura da hierarquização social em que as personagens estão submetidas, pois, surpreendentemente, Sancho se comporta muito bem ao contrário do amo que “cai do cavalo”. Ainda segundo a autora:

A tensão de Dom Quixote em torno de sua imagem é, portanto, proporcional à desenvoltura de Sancho diante desses nobres senhores. A luta de Dom Quixote para ser aquilo que gostaria de ser é substituída por um desejo persuasivo de parecer aquilo que não é. (VIEIRA, 2015, p. 103).

Essa atmosfera de representações sociais, de comportamentos e de decoro, poderia ser também um recorte pertinente de investigação, a partir dos modos de conduta de Sancho, de dom Quixote e dos duques, sobre o ser e o parecer: a dissimulação e a simulação, o controle dos afetos e dos comportamentos e outros temas pertinentes acerca do universo cortesão da Espanha do século XVI e XVII, pois “as ações serão friamente calculadas e idealizadas pelos duques, que contam com a participação de toda a criadagem” (VIEIRA, 2015, p. 103).

Após se instalarem no palácio e passarem juntos por algumas aventuras criadas pelos duques, dom Quixote e Sancho Pança, se separam. Será a primeira vez que ambos estarão afastados por tempo indeterminado, visto que Sancho irá governar algo que nem ele mesmo sabe do que se trata: a ínsula Baratária. No plano espacial da narrativa, o leitor observa que a vida palaciana vivenciada pelo amo de certa forma é desconfortável, assim como a falsa vida de Sancho como governador, na irreal “ínsula”. Por intermédio da estratégia de atender a uma promessa de dom Quixote feita a Sancho no início das andanças, as personagens serão afastadas

e enquanto o primeiro ficará ocioso no palácio, o segundo “vai ocupar o cargo de governador em Baratária – uma ilha que não é ilha” (VIEIRA, 2015, p. 104).

O distanciamento entre os protagonistas motiva uma interlocução epistolar. Ambos se sustentarão a partir da troca de cartas, que os unirá na comunicação de suas vidas privadas, na qual os temas tratados serão os conselhos, os infortúnios, a amizade e a fidelidade. Segundo Vieira (2015, p. 105), “Essa troca de cartas ocorre quando o governador já está disposto a abrir mão do poder e quando o cavaleiro já não suporta mais a vida ociosa do palácio”, e ainda conforme a autora, “as cartas constituem, portanto, um recurso que move, organiza e distribui o paralelismo narrativo” (VIEIRA, 2015, p. 105).

Portanto, a seguir leremos as cartas trocadas entre dom Quixote e Sancho Pança no intuito de observar os processos compositivos de enunciação, de conteúdo e de estilo para tentar entender essa relação amistosa que se materializa por meio de um discurso epistolar.

Além disso, é curioso observar que, em relação aos três gêneros discursivos: demonstrativo, deliberativo e judiciário; as cartas estão fundamentadas a partir do primeiro gênero, ainda que possamos reconhecer traços dos gêneros deliberativo e judiciário. Vale mencionar que o nosso intuito não é comparar trechos entre a composição poética cervantina e os manuais de retórica, mas usar ambos como caminho possível de leitura possibilitando um entendimento acerca das cartas a fim de apontar uma leitura baseada em seu contexto de circulação e afastada de uma leitura romântica.

2.2 A Carta de dom Quixote para Sancho Pança

A carta surge no momento em que Sancho demonstra sensatez perante a um julgamento. Amparado pela misericórdia, que lhe aconselhara dom Quixote, o governador de Baratária dá liberdade a um homem que devia cruzar uma ponte falando a verdade, caso contrário morreria enforcado. Segundo Sancho: “el tal hombre jura que va a morir en la horca, y si muere en ella, juró verdad y por la ley puesta merece ser libre y que pase la puente; y si no le ahorcan, juró mentira y por la misma ley merece que le ahorquen.” (CERVANTES, 2015, p. 939). De fato, é um caso complicado, porém o escudeiro, atualmente governador, atento aos ensinamentos dados pelo amo sentencia: “que le dejen pasar libremente, pues siempre es alabado más el hacer bien que mal” (CERVANTES, 2015, p. 940), e em seguida justifica aos presentes à sua sentença: “se me vino a la memoria un precepto, entre otros muchos que me dio mi amo don Quijote la noche antes que viniese a ser gobernador de esta ínsula, que fue que cuando la justicia estuviese en duda me decantase y acogiese a la misericordia” (CERVANTES, 2015, p. 940).

Após a resposta de Sancho, o mordomo o elogia e pede que sirvam comida a ele que estava faminto.

Situada no capítulo LI, da segunda parte, a carta é dividida entre 10 parágrafos, conforme a edição consultada. O discurso se aproxima do gênero epidítico (ARISTÓTELES, 1990) ou demonstrativo (SALINAS, 1999). Segundo Aristóteles (1990), a virtude e o vício, o belo e o vergonhoso, são objetos de quem elogia ou censura. Conforme Salinas (1999), o discurso demonstrativo se divide em duas partes: a primeira procura demonstrar, ensinar ou dar conta de alguma pessoa, lugar, tempo ou coisa em geral. A segunda, consiste em elogiar ou vituperar.

Com base nessas definições acerca dos gêneros, entendemos que, nas primeiras linhas da carta de dom Quixote, o amo se manifesta a partir do elogio, pelas descrições de Sancho na governança da ínsula: “Cuando esperaba oír nuevas de tus descuidos e impertinencias, Sancho amigo, las oí de tus discreciones” (CERVANTES, 2015, 941); e, em seguida, da censura, referente à humildade a que o governador se inclina: “Dícenme que gobiernas como si fueses hombre, y eres hombre como si fueses bestia, según es la humildad con que te tratas: y quiero que adviertas,...” (CERVANTES, 2015, p. 941).

Seguidamente, dom Quixote enumera diversas recomendações no intuito de aconselhar e de desaconselhar o escudeiro apontando o que seja conveniente ou prejudicial a partir dos conselhos e da dissuasão. As orientações são usadas com sentido de um tempo futuro, marcando a partir dos verbos no infinitivo, sugerindo a Sancho ordens enumeradas, ou seja, para ser bom e justo como governador deve-se seguir determinadas instruções, por exemplo: “Para **ganar** la voluntad del pueblo que gobiernas, entre otras has de **hacer** dos cosas: la una, **ser bien** criado con todos... y la otra, **procurar** la abundancia de los mantenimientos...” (CERVANTES, 2015, p. 941, grifo nosso).

A enunciação é marcada pela primeira pessoa e a maioria do conteúdo da carta do amo é sobre conselhos ao escudeiro, por isso, é usado um tempo verbal que expressa ao destinatário uma ordem, uma solicitação, um pedido. O imperativo afirmativo e negativo está em quase todos os parágrafos no intuito de efetivar a solicitação do destinatário ao remetente, ou seja, a fim de causar o efeito de ordem do que se deve ou não ser feito. Além disso, a carta faz eco aos capítulos anteriores, XLII e XLIII, em que dom Quixote explicita uma série de conselhos a Sancho, dirigidos à alma e ao corpo, antes que fosse governar Baratária como uma forma de preparação para o futuro governador. Essa repercussão está expressa na solicitação enfática do amo em que relembra ao escudeiro que revise seus conselhos e suas orientações: “Mira e remira,

pasa y repasa los consejos y documentos que te di por escrito antes que de aquí partieses a tu gobierno” (CERVANTES, 2015, p. 942).

Embora a carta do amo seja cordial e decorosa, o seu teor não se afasta de um sentido amável estabelecendo uma conexão próxima e amistosa entre o destinatário e o remetente. Examinemos a seguir, a carta do amo ao seu escudeiro:

CARTA DE DON QUIJOTE DE LA MANCHA A SANCHO PANZA,
GOBERNADOR DE LA ÍNSULA BARATARIA

Cuando esperaba oír nuevas de tus descuidos e impertinencias, Sancho amigo, las oí de tus discreciones, de que di por ello gracias particulares al cielo, el cual del estiércol sabe levantar los pobres²⁰, y de los tontos hacer discretos. Dícenme que gobiernas como si fueses hombre, y que eres hombre como si fueses bestia, según es la humildad con que te tratas: y quiero que adviertas, Sancho, que muchas veces conviene y es necesario por la autoridad del oficio, ir contra la humildad del corazón, porque el buen adorno de la persona que está puesta en graves cargos ha de ser conforme a lo que ellos piden, y no a la medida de lo que su humilde condición le inclina. Vístete bien, que un palo compuesto²¹ no parece palo: no digo que traigas dijes²² ni galas, ni que siendo juez te vistas como soldado, sino que te adornes con el hábito que tu oficio requiere, con tal que sea limpio y bien compuesto (CERVANTES, 2015, p. 941).

Neste primeiro parágrafo, teremos 4 elementos fundamentais que estão ligados ao ensinamento, a saber: a expectativa positiva do amo, o esclarecimento em relação à humildade, o modo de vestir e a questão da higiene.

Dom Quixote inicia a carta tentando captar a benevolência de Sancho para que ele a escute atentamente. Demonstra sua satisfação e admirável surpresa em relação à atuação de Sancho. Elogia as atitudes do governador, assim parecendo superar as suas expectativas, pois o que tem ouvido, acerca das ações do escudeiro na governança da ínsula, tem feito o amo dar graças aos céus. Afinal, quando esperava ouvir ações imprudentes chegaram aos seus ouvidos atitudes discretas. Ao dar graças aos céus, faz referência ao salmo 112²³, cujo sentido remete a um homem virtuoso que teme a Deus e segue seus mandamentos. A alusão a esse salmo é significativa, pois traz consigo a ideia de atenção às prescrições dadas com objetivo de governar com prudência e ter grande êxito em sua empreitada. Além disso, o primeiro parágrafo traz consigo a comicidade, visto que dá à advertência aos mandamentos um sentido divinal e

²⁰ Conforme a edição consultada, “el cual del estiércol sabe levantar los pobres” faz referência aos Salmos, CXII – 112, cujo significado está relacionado com o louvor dos virtuosos.

²¹ Conforme a edição consultada, “que um palo compuesto” refere-se a “adornado, arreglado”.

²² Conforme a edição consultada, “dijes” equivale a “joyas”.

²³ “Louvai ao SENHOR. Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR, que em seus mandamentos tem grande prazer”. BÍBLIA ON LINE. Salmo 112. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/112>. Acesso em: 08 ago. 2022.

milagroso, ou seja, para aqueles que prestam atenção aos mandamentos serão convertidos de tontos a discretos, por meio de uma metáfora relativa do esterco.

A comicidade também está expressa na dualidade “homem-besta” que, segundo o amo, o escudeiro oscila entre um e outro. Após ouvir dizer que Sancho governa como se fosse homem e sendo homem como se fosse besta, quer advertir ao escudeiro que ele precisa estar atento à sua condição e ao seu estado, pois embora a humildade seja uma virtude prezada, deve ser equilibrada de acordo com o cargo que o escudeiro ocupa. Desse modo, dom Quixote esclarece a Sancho, que ele deve ser humilde na medida, ou seja, orientado a partir de seu cargo e não de seu coração. Dom Quixote parece conhecer bem seu escudeiro e tenta instruí-lo de maneira clara.

Em seguida orienta Sancho sobre o seu modo de vestir e sobre cuidados com a higiene. Novamente preza pelo equilíbrio e pelo decoro, instruindo que não é preciso exagerar, mas que se vista adequadamente, conforme seu cargo requer e que, ainda, esteja limpo e arrumado. A questão da higiene é fundamental, pois será o primeiro elemento na resposta de Sancho ao se desculpar. O escudeiro dirá que devido à escassez de tempo, não tem podido nem cortar as unhas. Esse elemento é notório e faz parte das práticas de ensinamento construídas por dom Quixote a Sancho.

No segundo parágrafo, teremos a instrução de como se deve agir para ganhar a disposição do povo. Para isso, dom Quixote irá dizer a Sancho que ele precisa fazer duas coisas, a saber: ser cordial com todos e prover comida ao povo, ou seja, tratar bem a população e evitar a escassez de alimentos, pois a fome incomoda o coração dos pobres:

Para ganar la voluntad del pueblo que gobiernas, entre otras has de hacer dos cosas: la una, ser bien criado con todos, aunque esto ya otra vez te lo he dicho; y la otra, procurar la abundancia de los mantenimientos, que no hay cosa que más fatigue el corazón de los pobres que el hambre y la carestía (CERVANTES, 2015, p. 941).

Neste parágrafo, dom Quixote inicia uma instrução detalhada com objetivo definido. Diferente dos conselhos anteriores, que foram direcionados aos comportamentos do escudeiro, aqui a atenção recai sobre o povo governado, isto é, a instrução tem o propósito de atrair a boa vontade do povo em relação às ações do governador. Neste sentido, o governante precisa ser cordial com todos e não deixar que passem fome, pois isso pode desestabilizar o governo.

No terceiro parágrafo, o amo expressa os conselhos que direcionam ao aspecto administrativo do governo. Desse modo, instrui Sancho para que não faça muitos decretos e os que forem feitos que sejam necessários e cumpridos e não supérfluos e desobedecidos. Assim escreve dom Quixote:

No hagas muchas pragmáticas,²⁴ y si las hicieres, procura que sean buenas, y sobre todo que se guarden y cumplan, que las pragmáticas que no se guardan lo mismo es que si no lo fuesen, antes dan a entender que el príncipe que tuvo discreción y autoridad para hacerlas no tuvo valor para hacer que se guardasen; y las leyes que atemorizan y no se ejecutan, vienen a ser como la viga, rey de las ranas,²⁵ que al principio las espantó, y con el tiempo la menospreciaron y se subieron sobre ella (CERVANTES, 2015, pp. 941-942).

O discurso instrui Sancho para que seja comedido nas ações administrativas, sendo ele prudente ao prescrever leis e regras e que elas sejam adequadas e pertinentes. Para isso, dom Quixote exemplifica a ação de um príncipe que, mesmo tendo discricão e poder para fazer leis, não foi valoroso a ponto de fazer com que fossem efetivas pela população. E sendo leis que não se aplicam e não são cumpridas, se assemelham ao nada sendo menosprezadas pelo povo. Dom Quixote utiliza uma fábula de Esopo para exemplificar a ação das leis não cumpridas. Esse recurso é didático, pois apresenta ao escudeiro um exemplo para garantir o entendimento de Sancho, como se dissesse a ele o que acontece quando não se é comedido, equilibrado, justo e atento às prescrições.

No quarto parágrafo, a enunciação é marcada pela imposição de ordem, fazendo uso do imperativo afirmativo e negativo, assim dom Quixote enumera as regras a serem seguidas por Sancho. Essas prescrições giram em torno da atenção às virtudes e aos vícios enfatizando o comportamento equilibrado nas sentenças e nos juízos, o que demonstra uma adequação ao gênero demonstrativo. Aconselha ainda que se deve visitar os excluídos, como os presos e estar presente na vida cotidiana do povo como nos comércios e nas praças. A ideia central é a de que Sancho se mantenha a par das necessidades dos governados e demonstre sua presença. A comicidade está presente no juízo que dom Quixote tem de Sancho: “No te muestres, aunque por ventura lo seas, lo cual yo no creo, codicioso, mujeriego ni glotón” (CERVANTES, 2015, p. 942), pois como conhece a natureza do escudeiro, o amo aconselha que ele simule o contrário, isto é, embora sendo ajuizado de cobiçoso, de mulherengo e de guloso ele não deve demonstrar isso para que não seja atacado pelo povo por esses vícios e não corra o risco de perder o posto. Assim escreve o remetente:

Sé padre de las virtudes y padrastro de los vicios. No seas siempre riguroso, ni siempre blando, y escoge el medio entre estos dos extremos, que en esto está el punto de la discreción. Visita las cárceles, las carnicerías y las plazas, que la presencia del gobernador en lugares tales es de mucha importancia: consuela a los presos, que esperan la brevedad de su despacho; es coco a los carniceros, que por entonces igualan los pesos, y es espantajo a las plazeras, por la misma razón. No te muestres, aunque por ventura lo seas, lo cual yo no creo, codicioso, mujeriego ni glotón; porque en

²⁴ Conforme a edição consultada, “muchos decretos”.

²⁵ Conforme a edição consultada, “Según una fábula de Esopo em que las ranas piden un rey a Zeus, que les envía un tronco.”.

sabiendo el pueblo y los que te tratan tu inclinación determinada, por allí te darán batería, hasta derribarte en el profundo de la perdición (CERVANTES, 2015, p. 942).

Dom Quixote instrui Sancho para que ele esteja atento aos vícios e às virtudes, para que busque o equilíbrio e seja um governador presente e atuante na rotina da população. No parágrafo seguinte, o amo enfatiza a necessidade de o escudeiro recuperar os seus conselhos escritos para que eles o ajudem diante das adversidades. Salienta a necessidade de ser e de demonstrar gratidão aos seus senhores, fazendo referência ao duque e à duquesa, pois fazendo isso demonstra também gratidão a Deus:

Mira y remira, pasa y repasa los consejos y documentos que te di por escrito antes que de aquí partieses a tu gobierno, y verás como hallas en ellos, si los guardas, una ayuda de costa que te sobrelleve los trabajos y dificultades que a cada paso a los gobernadores se les ofrecen. Escribe a tus señores y muéstrateles agradecido, que la ingratitud es hija de la soberbia y uno de los mayores pecados que se sabe, y la persona que es agradecida a los que bien le han hecho da indicio que también lo será a Dios, que tantos bienes le hizo y de continuo le hace (CERVANTES, 2015, p. 942).

Além de reforçar a leitura dos ensinamentos deixados por escrito, dom Quixote solicita a Sancho que escreva aos seus senhores demonstrando-lhes gratidão. O amo, não apenas solicita como explica as razões da gratidão. Esse cuidado de explicitar os motivos por meio de exemplos é uma característica própria daquele que está atento às necessidades do aprendiz, que antevê a necessidade de tal comportamento para o eficaz entendimento. Ou seja, ao invés de dom Quixote apenas pedir para Sancho ser grato, o amo explica ao escudeiro que a ingratidão é filha da soberba – outro vício– e que ela é um dos maiores pecados conhecidos. Também discorre sobre as qualidades da pessoa agradecida que, com tal gesto, dá indícios de que também é agradecida a Deus, aquele que provê tudo de que se necessita. Trata-se de um parágrafo que alude às ideias de paternidade, filiação e gratidão.

Nos parágrafos seguintes, dom Quixote escreve acerca das novidades, ou seja, sobre aquilo que o escudeiro não sabe que tem acontecido na sua ausência. Além disso, o amo pedirá a Sancho que continue mantendo contato. Demonstrará a sua insatisfação em estar ocioso no castelo e que em breve pretende sair dali, pois deve cumprir antes com a sua profissão do que com o seu gosto. Para isso, se justifica empregando uma frase em latim que supõe que Sancho, sendo agora um governador, entenderá sua sentença que versa sobre a verdade de comportamento, deixando de lado conveniências e amizades. Essa citação desperta outro momento de comicidade presente na carta do amo ao escudeiro, pois ela causa no leitor um efeito surpresa: Será mesmo que Sancho entenderá?

Por fim, encomenda o escudeiro a Deus para que o guarde e proteja, encerra amistosamente e firma com seu nome e sua posição social:

[7]Yo he estado un poco mal dispuesto, de un cierto gateamiento que me sucedió no muy a cuento de mis narices, pero no fue nada, que si hay encantadores que me maltraten, también los hay que me defiendan.

[8]Avísame si el mayordomo que está contigo tuvo que ver en las acciones de la Trifaldi, como tú sospechaste; y de todo lo que te sucediere me irás dando aviso, pues es tan corto el camino: cuanto más que yo pienso dejar presto esta vida ociosa en que estoy, pues no nací para ella.

[9]Un negocio se me ha ofrecido, que creo que me ha de poner en desgracia de estos señores; pero aunque se me da mucho, no se me da nada, pues, en fin en fin, tengo de cumplir antes con mi profesión que con su gusto, conforme a lo que suele decirse: «Amicus Plato, sed magis amica veritas». Dígote este latín porque me doy a entender que después que eres gobernador lo habrás aprendido. Y a Dios, el cual te guarde de que ninguno te tenga lástima.

[10]Tu amigo

Don Quijote de la Mancha (CERVANTES, 2015, p. 942).

No parágrafo 7, dom Quixote conta a Sancho sobre o seu estado de ânimo e o fato acontecido no capítulo XLVI, em que o amo se vê em confronto com gatos, sendo vítima de um deles, que pula em seu rosto, o morde e o arranha. Diante desse conflito, dom Quixote fica ferido e, seguidamente, é atendido pelos duques que ficaram surpresos pelo efeito desastroso da burla que o deixou cinco dias de cama.

No parágrafo 8, o amo pede ao escudeiro que o avise sobre a sua suspeita de que o mordomo seja na verdade a condessa Trifaldi ou dona Dolorida. Descrito no capítulo XLIV, a suspeita de Sancho é advertida pelo amo que não vê razão para averiguar tal contradição naquele momento, minutos antes de partir para a ínsula Baratária. Porém, Sancho adverte que de daí em diante estará atento no intuito de confirmar ou rejeitar essa suspeita. Por outro lado, dom Quixote aceita e diz ao escudeiro que dê a ele notícias de tudo que irá acontecer durante o governo. Por isso, neste parágrafo, dom Quixote retoma o assunto a fim de perguntar a Sancho se ele tem descoberto algo, ou seja, se confirmou ou se afastou tal suspeita.

Vale lembrar que os duques devem estar, naquela ocasião, sabendo das suspeitas do amo e do escudeiro, visto que a carta de dom Quixote fora lida antes pelo secretário e que não encontrou nada que deveria ser ocultado. Em seguida, a carta é lida em voz alta para Sancho, sem antes dizer que “Bien se puede leer en voz alta, que lo que el señor don Quijote escribe a vuestra merced merece estar estampado y escrito con letras de oro” (CERVANTES, 2015, p. 941). Este parágrafo é um indicativo favorável aos duques, pois é por meio dele que os nobres saberão os planos dos burlados e se as suas burlas estão fazendo sentido. Assim, os duques saberão que dom Quixote pretende abandonar a vida ociosa do castelo e que Sancho ronda a efetividade ou não de uma suspeita acerca dos duques. É possível perceber que os duques sempre estão a par das situações e que dom Quixote e Sancho Pança estão sob constante vigilância, pois o secretário irá também escrever aos seus senhores dando a eles notícias sobre

o governo em Barataria: “... y el mayordomo ocupo lo que de ella faltaba en escribir a sus señores lo que Sancho Panza hacía y decía...” (CERVANTES, 2015, p. 938).

No penúltimo parágrafo, dom Quixote se justifica em relação a sua missão com a cavalaria andante e atenção aos desvalidos, o que poderia causar uma indisposição para com seus senhores. O negócio referido pelo amo é o pedido feito por dona Rodríguez, no capítulo XLVIII, de duelar com o pretendente de sua filha fazendo com que ele se case com ela. Dom Quixote suspeita que ao aceitar o desafio irá contra o desejo dos duques causando indisposição a eles, porém não pode declinar do pedido, visto que é seu dever como cavaleiro ir ao encontro e ao auxílio das donzelas.

O último parágrafo encerra a carta com a finalização amistosa: “teu amigo”, fazendo referência à relação entre ele e seu escudeiro. Ao final, diferentemente das cartas da primeira parte, dom Quixote assina com seu nome e sua relação com respeito ao seu destinatário.

2.3 A Carta de Sancho Pança para dom Quixote

Situada também no capítulo LI da segunda parte, a carta de Sancho a dom Quixote contém 11 parágrafos. Assim como na carta do amo, a carta do escudeiro também se aproxima do gênero demonstrativo (SALINAS, 1999), pois o remetente responde ao destinatário a fim de demonstrar suas atitudes e dar conta dos seus progressos na ínsula Barataria. Além de enfatizar a sua contínua atenção às orientações dadas pelo amo.

Sancho escolhe a lamentação, como forma de abertura da sua carta. Para isso, se expressa exageradamente desculpando-se do escasso tempo que tem disponível e das inúmeras atividades que desenvolve, por exemplo: “La ocupación de mis negocios es tan grande, que no tengo lugar para rascarme la cabeza, ni aun para cortarme las uñas...” (CERVANTES, 2015, p. 943).

Assim, o primeiro parágrafo da carta de Sancho pode ser lido como uma espécie de desculpa por não ter escrito antes ao amo: “Digo esto, señor mío de mi alma, porque vuesa merced no se espante si hasta ahora no he dado aviso de mi bien o mal estar en este gobierno...” (CERVANTES, 2015, p. 943). Sancho também rememora a vida junto a dom Quixote expressando que naquele tempo em que viviam juntos ele não era tão faminto como agora se encontra: “... en el cual tengo más hambre que cuando andábamos los dos por las selvas y por los despoblados” (CERVANTES, 2015, p. 943). Sancho parece frustrado, pois pensava que em seu governo iria comer e beber em abundância, mas esse desejo não se concretizou. Portanto, o primeiro parágrafo pode ser lido como uma espécie de lamentação em que os elementos:

higiene, trabalho, lamentos e desculpas são observados de maneira singular. Ainda, neste parágrafo, percebe-se que Sancho usa a memória afetiva para afetar o destinatário em que a sua condição contribui para o efeito desejado, ou seja, atrair a atenção e a benevolência junto a sua causa.

No segundo parágrafo, Sancho informa ao amo que o duque escreveu alertando-o sobre um possível atentado à sua vida. Essa informação é nova para dom Quixote. Além disso, o escudeiro conta sobre o infortúnio sofrido, ou seja, a constante fome que o atormenta, se deve ao doutor Pedro Récio, cujo indivíduo, segundo Sancho, está ali para matá-lo, pois ao invés de tratar das enfermidades, ele as previne aplicando-lhe dietas. Novamente Sancho lamenta o seu estado procurando assim relatar ao amo a sua situação familiar. Vejamos como o escudeiro se expressa:

Escribome el duque mi señor el otro día, dándome aviso que habían entrado en esta ínsula ciertas espías para matarme, y hasta ahora yo no he descubierto otra que un cierto doctor que está en este lugar asalariado para matar a cuantos gobernadores aquí vinieren; llámase el doctor Pedro Recio y es natural de Tirteafuera, ¡porque vea vuesa merced qué nombre para no temer que he de morir a sus manos! Este tal doctor dice él mismo de sí mismo que él no cura las enfermedades cuando las hay, sino que las previene, para que no vengan; y las medicinas que usa son dieta y más dieta, hasta poner la persona en los huesos mondos, como si no fuese mayor la flaqueza que la calentura. Finalmente, él me va matando de hambre y yo me voy muriendo de despecho, pues cuando pensé venir a este gobierno a comer caliente y a beber frío, y a recrear el cuerpo entre sábanas de Holanda, sobre colchones de pluma, he venido a hacer penitencia, como si fuera ermitaño, y como no lo hago de mi voluntad, pienso que al cabo al cabo me ha de llevar el diablo (CERVANTES, 2015, p. 944).

Sancho chama a atenção do amo acerca do nome do doutor Pedro Récio: “¡porque vea vuesa merced qué nombre para no temer que he de morir a sus manos!” (CERVANTES, 2015, p. 944). Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola – RAE²⁶, o sobrenome do doutor Récio pode ser um adjetivo que apresenta as seguintes entradas: “1. Flerte, robusto, vigoroso; 2. Grueso, gordo; 3. Áspero, duro de genio; 4. Duro, difícil de soportar” (RAE, 2002, on-line).

Baseados nesses significados, podemos pensar que Sancho chama atenção acerca do nome do doutor, a fim de justificar o seu argumento. Ou seja, para que o amo entenda que o doutor, que o acompanha na ínsula, é insuportável e que tem vivido dias difíceis entre dieta e mais dieta até se converter em puro osso.

A comicidade está presente na exclamação e no exagero de Sancho, assim como na ênfase que o remetente constrói para narrar o seu estado tendo em conta os possíveis adjetivos do doutor como gordo e difícil de suportar. Por outro lado, segue seu lamento com a frustração declarada de que pensara ir à Baratária e passar bem enquanto na verdade tem passado mal.

²⁶ RAE. Disponível em: <https://dle.rae.es/recio?m=form>. Acesso em: 10 ago. 2022.

Para isso, Sancho enumera o que pensara, acerca de suas expectativas positivas durante a sua estadia no governo e em seguida posiciona seu receptor sobre seu estado. Esse discurso, alicerçado em provérbio e alertando para uma possibilidade de morte, é lamuriante e seguirá ainda no terceiro parágrafo, como vemos a seguir:

Hasta ahora no he tocado derecho ni llevado cohecho²⁷, y no puedo pensar en qué va esto, porque aquí me han dicho que los gobernadores que a esta ínsula suelen venir, antes de entrar en ella o les han dado o les han prestado los del pueblo muchos dineros, y que ésta es ordinaria usanza en los demás que van a gobiernos, no solamente en éste (CERVANTES, 2015, p. 944).

Nesse parágrafo, Sancho continua usando habituais provérbios para introduzir o assunto. Essa sabedoria popular, que o escudeiro domina, é sempre criticada pelo amo devido ao uso excessivo de refrãos. Além disso, em sua carta, o discurso de Sancho reforça a sua natureza atuando como uma espécie de identificação e de reconhecimento por parte do leitor. Por outro lado, Sancho parece insinuar que há corrupção no governo, porém ele não tem nada a ver com isso, ademais, adverte que parece ser comum a prática de empréstimos de dinheiros por parte dos governantes e que em Baratária, assim como em outros governos, é de uso corrente essa atividade. Esse fato, de empréstimos de dinheiros, pode fazer alusão ao comportamento do duque que, segundo dona Rodríguez²⁸, emprestou dinheiro do pai de seu futuro genro que desonrou a sua filha e fugiu para Flandres²⁹ para não se casar com a donzela. Devido a essa negociação, o duque não atende ao pedido de dona Rodríguez, o que faz ela apelar à assistência do cavaleiro solicitando a ele que intervenha e obrigue o jovem a se casar com a sua desonrada filha.

No parágrafo seguinte, Sancho informa que, ao percorrer à noite pela ínsula, em ronda com um de seus empregados, encontrou-se com um casal de irmãos, sendo eles invertidos em seus trajes, ou seja, a irmã com roupas de varão e o irmão vestido de mulher. A irmã foi alvo de desejo de seu empregado, e o irmão, Sancho o escolheu para que se torne seu futuro genro. O escudeiro descreve a condição do pai dos irmãos apontando que ele é um fidalgo e cristão velho quando se quer.

²⁷ O refrão aludido por Sancho é: “Ni tomes cohecho ni pierdas derecho” e significa: “Para conseguir algo no hay que tener tratos pocos limpios, pero tampoco se debe renunciar a los derechos legítimos. Sin perder lo que le pertenece, debe lograr algo siempre que le corresponda”. “Cohecho” é suborno, conforme o dicionário da Real Academia Espanhola, disponível em: <https://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/ficha.aspx?Par=59145&Lng=0>. Acesso em: 10 ago. 2022.

²⁸ No capítulo 48, dona Rodriguez conta a Dom Quixote seu infortúnio e lhe pede ajuda, pois está cansada de pedir ajuda ao duque que não quer saber de ajudá-la, pois ele tem dívida com o pai do homem que desonrou a sua filha.

²⁹ No capítulo 54, o narrador informa que os duques resolveram substituir o moço, que fugira para Flandres por não ter como sogra a dona Rodrigues, por um laçao a fim de que se cumprira a decisão de dom Quixote em desafiar o indivíduo restabelecendo a honra da filha da dona Rodriguez.

A comicidade está presente nessa afirmação, pois Sancho deixa suspensa a interpretação acerca da determinação religiosa do pai, que segundo o escudeiro é cristão velho conforme a situação. Esse fato pode antecipar o capítulo LIV em que Sancho encontra seu vizinho Ricote, o mourisco, no sentido de introduzir a complexa situação dos mouriscos na Espanha do século XVII.

O travestismo é um elemento recorrente no *Quixote*, visto que há algumas passagens em que homens se vestem de mulheres para um objetivo definido, como por exemplo no episódio da Condessa Trifaldi que, na realidade, é o mordomo dos duques, e o cura, na primeira parte³⁰, que pretendeu se travestir de donzela para ludibriar a dom Quixote.

Nessa passagem, os irmãos travestidos caminham pela ínsula a fim de um passeio noturno. A irmã não podia sair de casa, pois estava presa, por seu pai, há dez anos, depois da morte de sua mãe. Assim, com grande vontade de ver as ruas e tudo que acontecia nelas, trocou de roupas com o irmão para não ser descoberta. Porém, ao se deparar com a ronda dirigida pelo governador, ambos se assustaram: o irmão correu e a irmã vacilou e caiu, em seguida foi capturada. Sancho consolou a donzela e a ouviu, entre lágrimas e história, ela contou a Sancho o real motivo de estar naquele lugar naquela hora. Sancho, por sua vez, advertiu a donzela e o irmão, os levou até a casa dando a eles lugar seguro e a salvo.

Neste parágrafo, Sancho comunica ao amo as suas intenções de casar bem a sua filha, com o irmão travestido que encontrara em sua ronda noturna por Barataria, além de demonstrar alguns aspectos da realidade da ínsula e sua movimentação no povoado, conforme bem aconselhou o amo ao escudeiro, que se faça presente na vida do povo. Desse modo, no parágrafo seguinte, Sancho dá conta acerca desse conselho. Vejamos:

Yo visito las plazas, como vuestra merced me lo aconseja, y ayer hallé una tendera que vendía avellanas nuevas, y averigüele que había mezclado con una fanega de avellanas nuevas otra de viejas, vanas y podridas; apliquelas todas para los niños de la doctrina, que las sabrían bien distinguir, y senténciela que por quince días no entrase en la plaza. Hanme dicho que lo hice valerosamente; lo que sé decir a vuestra merced es que es fama en este pueblo que no hay gente más mala que las placeras, porque todas son desvergonzadas, desalmadas y atrevidas, y yo así lo creo, por las que he visto en otros pueblos (CERVANTES, 2015, p. 944).

Nesse parágrafo, Sancho recupera um dos conselhos dados pelo amo, o de estar presente na vida do povo, e o informa que tem visitado as praças como lhe foi aconselhado. Também crítica a vida dos habitantes tecendo juízo de valor sobre o comportamento das “placeras”, mulheres que comercializam seus produtos em praças, que segundo diz, e ele acredita nisso,

³⁰ No capítulo 27, da primeira parte, há uma descrição pormenorizada do travestismo do cura: “En resolución, la ventera vistió al cura de modo que no había más que ver. Púsole una saya de paño, llena de fajas de terciopelo negro de un palmo en ancho...” (CERVANTES, 2015, p. 257).

todas são desavergonhadas, sem alma e atrevidas. Sancho demonstra estar atento aos negócios do povoado e escreve ao amo que suas ações são vistas como valorosas.

As ações de Sancho no governo surpreendem a todos, o que nos leva a crer que os ensinamentos dados por dom Quixote e seu constante convívio com o amo o fez aprender algo. A fim de exemplificação apontamos duas passagens, do capítulo XLIX, que justificam o juízo de Sancho quanto as suas atitudes discretas, a saber:

a) Todos los que conocían a Sancho Panza se admiraban oyéndole hablar tan elegantemente y no sabían a qué atribuirlos, sino a que los oficios y cargos graves o adoban o entorpecen los entendimientos (CERVANTES, 2015, p. 917).

b) -Dice tanto vuesa merced, señor gobernador –dijo el mayordomo-, que estoy admirado de ver que un hombre tan sin letras como vuesa merced, que a lo que creo no tiene ninguna, diga tales y tantas cosas llenas de sentencias y de avisos, tan fuera de todo aquello que del ingenio de vuesa merced esperaban los que nos enviaron y los que aquí venimos. Cada día se ven cosas nuevas en el mundo: las burlas se vuelven en veras y los burladores se hallan burlados. (CERVANTES, 2015, p. 919).

No sexto parágrafo, o escudeiro dirá que está muito satisfeito com a carta e com o presente que a sua senhora, a duquesa, escreveu e enviou para sua esposa, e por isso procurará demonstrar gratidão a seu tempo: “De que mi señora la duquesa haya escrito a mi mujer Teresa Panza y enviádole el presente que vuestra merced dice, estoy muy satisfecho, y procuraré de mostrarme agradecido a su tiempo” (CERVANTES, 2015, p. 944). Novamente, Sancho, atento aos conselhos do amo, cordialmente solicita a dom Quixote que beije a mão da duquesa em agradecimento, e outra vez finaliza o parágrafo com um de seus famosos refrãos para dizer que não se esquecerá da boa ação recebida: “...bésele vuestra merced las manos de mi parte, diciendo que digo yo que no lo ha echado en saco roto³¹, como lo verá por la obra” (CERVANTES, 2015, p. 944).

Posteriormente, Sancho dialoga com o parágrafo oitavo da carta de dom Quixote: “Un negocio se me ha ofrecido, que creo que me ha de poner en desgracias de estos señores” (CERVANTES, 2015, p. 942), e demonstra apreensão na possível indisposição que o amo trará aos duques. Esse elemento denota o propósito da carta, a comunicação entre ausentes, pois ao ler e responder a carta do amo, o escudeiro vai tecendo respostas, o que implica na sua interpretação perante a leitura. Sancho, mesmo não sabendo do que se trata, por sua vez, retoma essa leitura para manifestar a sua temeridade e se posiciona contrário à possível investida do amo dizendo: “No querría que vuestra merced tuviese trabacuentas de disgusto con esos señores, porque si vuestra merced se enoja con ellos, claro está que ha de redundar en mi

³¹ “echar en saco roto algo: 1. loc. verb. coloq. Olvidarlo, no tenerlo en cuenta”, segundo a Real Academia Española. RAE. Saco: significado. Significado. 2022. Disponível em: <https://dle.rae.es/saco>. Acesso em: 10 ago. 2022.

daño...” (CERVANTES, 2015, p. 944). Além disso, Sancho apela a uma possível contradição de dom Quixote: como é possível o amo aconselhar sempre a gratidão se ao mesmo tempo parece não fazer o que aconselha. De outro modo, Sancho poderia se referir ao refrão: “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, para justificar a sua contradição, contudo assim se expressa: “y no será bien que, pues se me da a mí por consejo que sea agradecido, que vuestra merced no lo sea con quien tantas mercedes le tiene hechas y con tanto regalo ha sido tratado en su castillo (CERVANTES, 2015, p. 944).

Segue Sancho apontando o seu desconhecimento a respeito das ações do amo no castelo dos duques, ou seja, o escudeiro diz que nada entende sobre o fato do “gateamento”, discorrido no sétimo parágrafo da carta de dom Quixote, porém infere que deva ser algo referente aos encantadores e que brevemente entenderá, assim que estiverem novamente juntos. Desse jeito escreve Sancho: “Aquello del gateado no entiendo, pero imagino que debe de ser alguna de las malas fechorías que con vuestra merced suelen usar los malos encantadores; yo lo sabré cuando nos veamos (CERVANTES, 2015, p. 945). Podemos inferir que o escudeiro reforça a sua relação de amizade com o amo, pois o conhecendo bem, ele não tem dúvidas sobre o que aconteceu a dom Quixote tenha a ver com a sua ideia fixa, ou seja, os encantadores e as dinâmicas da cavalaria.

No parágrafo seguinte, Sancho deseja enviar presentes ao amo, porém não sabe o quê. Desse modo, tenciona encaminhar, de um jeito ou de outro, alguns canudos de seringas que com bexigas se fazem naquela ínsula. O desejo de Sancho ao remeter presentes ao amo é confuso, pois não sabe o que endereçar, porém encontra algo na ínsula que é comum e assim pretende despachar. Além disso, novamente, Sancho recorre a um refrão: “de haldas o de mangas” que quer dizer de um jeito ou de outro, ou ainda, licitamente ou ilicitamente, enquanto estiver no governo. Desse modo, parece sugerir uma espécie de corrupção em seu governo.

No penúltimo parágrafo, o remetente faz uma petição ao destinatário: caso sua mulher o escreva, que ele pague o gasto de envio da carta e a reenvie a ele, pois tem um grande desejo de saber como está a sua família: “Si me escribiere mi mujer Teresa Panza, pague vuestra merced el porte y envíeme la carta, que tengo grandísimo deseo de saber del estado de mi casa, de mi mujer y de mis hijos” (CERVANTES, 2015, p. 945). E encerrando o assunto, roga a Deus que livre seu amo dos encantadores maldosos e roga para si mesmo a providência divina para que o tire daquele lugar em paz e com saúde, ainda que suponha que o doutor Pedro Récio quer o contrário. Na sequência, Sancho retoma novamente o seu infortúnio maior: a fome, provocada pelo tratamento dado a ele pelo doutor.

No último parágrafo, Sancho elabora uma espécie de submissão hierárquica ou cordialidade necessária para com o amo: “Criado de vuestra merced” (CERVANTES, 2015, p. 945). E, por fim, assina o seu nome seguidamente do seu ofício “el Gobernador” (CERVANTES, 2015, p. 945).

Ao finalizar a carta, podemos observar uma oposição entre criado e governador, ambos qualificadores de Sancho. Assim, podemos inferir que o criado tem a ver com a proximidade entre amo e escudeiro, enquanto que Sancho governador se inscreve no campo da hierarquia política e administrativa na qual ele próprio se vê submetido. Podemos pensar que no final da carta de Sancho a dom Quixote, Sancho se aproxima do amigo na qualidade de criado e se distancia na qualidade de governador.

2.4 Entre cartas: dom Quixote e Sancho Pança

Poderíamos dizer que as cartas selam um percurso instrutivo que se inicia no discurso oral, em que amo e escudeiro compartilham nos capítulos XLII e XLIII, e finaliza no discurso escrito entre amo e escudeiro no capítulo LI.

As cartas entre amigos podem ser lidas como um “diálogo entre ausentes” (MUHANA, 2000, p. 329) e seu conteúdo é dividido entre dois aspectos, a saber: o elevado e o baixo. Enquanto a carta de dom Quixote se aproxima do discurso elevado, pois temos, em sua maioria, a prescrição de conselhos, a carta de Sancho se acerca ao discurso baixo, visto que o escudeiro lamenta muito de sua condição e exagera no uso dos refrãos. A oralidade está mais presente na carta de Sancho, enquanto que praticamente ausente na de dom Quixote, porém ambas cartas são fundamentadas em um estilo coloquial “como numa conversa entre amigos” (TIN, 2005, p. 24). Vale lembrar que “o tom coloquial não deve ser entendido como completo despojamento do estilo epistolar, mas como a expressão decorosa do que se pretende transmitir” (TIN, 2005, p. 25).

A clareza está associada à ordem dos fatos³² e na carta está condicionada também à vivência dos personagens, ou seja, cada um infere a respeito do conteúdo conforme seus conhecimentos de convivência e, desse modo, a carta demonstra clareza no assunto, pois narra conforme uma sucessão dos fatos. Sobre a verossimilhança, ambas cartas se desenvolvem a

³² Conforme a Retórica a Herenio: “Narraremos los hechos con claridad si los exponemos en el orden en que acontecieron, respetando su sucesión y la cronología en que ocurrieron o probablemente pudieron ocurrir.” (CÍCERO, 1997, p. 83).

partir de um mote comum e conforme os costumes de seus remetentes³³. Além disso, todo o conteúdo das cartas parte de acontecimentos vividos e ambos elaboram seus discursos de modo que tudo se corresponda aos fatos, inserindo, portanto, seus respectivos discursos dentro dos parâmetros da verossimilhança.

A comicidade está presente em ambas cartas, porém se expressa diferentemente entre elas. Dom Quixote adquire vieses de comicidade diante dos juízos que faz de Sancho: “Dícenme que gobiernas como si fueses hombre, y que eres hombre como si fueses bestia” (CERVANTES, 2015, p. 941). Suas sentenças se afirmam e se contradizem, instaurando um efeito de humor como em: “No te muestres, aunque por ventura lo seas, lo cual yo no creo, codicioso, mujeriego ni glotón” (CERVANTES, 2015, p. 942). Na carta de Sancho, a comicidade é expressa por meio dos refrãos e do exagero: “Finalmente, él me va matando de hambre y yo me voy muriendo de despecho”, “... pienso que al cabo al cabo me ha de llevar el diablo.” (CERVANTES, 2015, p. 944).

Podemos classificar ambas cartas de natureza familiar, já que versam sobre assuntos domésticos em que se ressaltam as novidades e cumprimentos que servem para consolar e aconselhar (MUHANA, 2000). O estilo³⁴, conforme a *Retórica a Herênio* (1997), é dividido em três, a saber: elevado, médio e simples. Nas cartas, dom Quixote se aproxima do estilo elevado, pois apresenta uma ordenação de expressões nobres e abundante, enquanto Sancho oscila entre o médio e o simples, ainda que o estilo simples predomine.

Dom Quixote combina assuntos variados, porém todos se referem a um objetivo comum: a instrução de Sancho. Podemos enumerar os elementos característicos nas cartas do amo, a saber: humildade moral (coração), humildade institucional (condição), equilíbrio e discrição nos comportamentos, gratidão, amizade e ensinamentos. Por sua vez, a carta de Sancho também é variada, mas em sua maioria se refere a lamentos em relação à fome que sofre e o pouco tempo disponível devido à sobrecarga de trabalho como governador. Contudo, podemos inferir que Sancho atendeu aos ensinamentos do amo e fez um bom governo pois, segundo o narrador, o escudeiro “ordenó cosas tan buenas, que hasta hoy se guardan en aquel lugar, y se nombran «Las constituciones del gran gobernador Sancho Panza»” (CERVANTES, 2015, p. 946).

³³ Segundo a *Retórica a Herênio*: “La narración será verosímil si la exponemos de acuerdo con lo que exige la costumbre, la opinión común y la naturaleza, si se respeta la duración de los hechos, la dignidad de los personajes, los motivos de las decisiones, la adecuación de los lugares, ...” (CÍCERO, 1997, p. 83).

³⁴ “El estilo elevado consiste en una ordenación de expresiones nobles en forma fluida y abundante. El estilo medio consiste en el uso de palabras menos elevadas, pero ni demasiado bajas ni demasiado usuales. El estilo simple es el que desciende hasta el uso más corriente del lenguaje correcto.” (CÍCERO, 1997, pp. 229-230).

CAPÍTULO 3 - PREOCUPAÇÕES EDUCACIONAIS E FILOSOFIA MORAL DA ESPANHA DO SÉCULO XVI – ERASMO E CERVANTES

3.1 Cervantes e Erasmo: a preocupação com a formação educacional

O que se pretende com este capítulo é propor uma descrição sobre os ensinamentos de dom Quixote a Sancho, situados nos capítulos XLII, XLIII e LI do *Quixote* de 1615. Além disso, nos propomos aproximar as ideias de educação proposta pelo filósofo humanista, do século XVI, Erasmo de Rotterdam. Justificamos a aproximação das ideias do humanista com o texto cervantino, pois, segundo Feracine (ROTTERDAM, 1530, p. 133-134), Erasmo foi um preceptor cujo compromisso era educar e alertar para “a necessidade de adequar o corpo ao espírito de onde refluem os princípios éticos da verdadeira e comum nobreza, a saber, a honestidade como já era ensinado por Cícero”.

Não se pode afirmar de modo conclusivo se de fato Cervantes chegou a conhecer a obra de Erasmo, porém é muito provável que tenha tido notícias dos estudos erasmianos a partir de seu mestre, pelo menos por um período breve, Juan López de Hoyos, um erasmista discreto, como dizem alguns. Entretanto, se não se pode afirmar com precisão a presença das ideias de Erasmo na obra cervantina, é possível detectar pontos de coincidência entre as ideias de Erasmo centradas na sabedoria, ensinadas por intermédio da educação e alguns episódios da obra de Cervantes. Neste capítulo, pretende-se recorrer a alguns textos do século XVI do filósofo humanista, como *O Manual do Cavaleiro Cristão* (1503), *Elogio da Loucura* (1511), *A Civilidade Pueril* (1530), no intuito de apontar uma possível relação ou um possível eco entre Cervantes e Erasmo em que, a partir do ensinamento e da educação, essa relação se estabelece.

Este capítulo se sustenta na leitura dos ensinamentos voltados para os cuidados com o corpo e a alma que poderiam edificar e instruir Sancho Pança, que será governador da ínsula Baratária. Será, portanto, uma tentativa de evidenciar, por meio do recorte do texto literário cervantino e das ideias erasmianas, a educação e, conseqüentemente, o ensinamento moral e comportamental, como prática formadora de uma governança ideal.

3.2 Os ensinamentos: alma e corpo

A intenção e a preocupação do amo em relação à formação de seu escudeiro perante o governo de Baratária, ínsula concedida a Sancho em função de burla e diversão por parte dos duques que os recebem em seu palácio, expressam o seu cuidado e a sua predisposição ao

acolhimento. Será por meio do diálogo entre amo e escudeiro, em uma reunião particular, cujo propósito é a instrução e o aconselhamento, que tentaremos evidenciar o caráter moralizante e pedagogizante do recorte à luz das ideias erasmianas de educação para formar um líder virtuoso.

Portanto, ao saber da partida iminente de Sancho à Baratária, dom Quixote o convoca para uma reunião particular, o toma pela mão e o aconselha: “En esto llegó don Quijote y, sabiendo lo que pasaba y la celeridad con que Sancho se había de partir a su gobierno, con licencia del duque le tomó por la mano y se fue con él a su estancia, con intención de aconsejarle cómo se había de haber en su oficio” (CERVANTES, 2015, p. 867).

Após estarem, amo e escudeiro, em um lugar privado e tranquilo, ambiente adequado para que fossem tratadas questões acerca da breve aventura de Sancho como governador de uma ínsula, dom Quixote, com voz calma, começará a proferir preceitos e regras a serem seguidas por Sancho para uma boa ordenança de seu governo, e finaliza, advertindo: “Si estos preceptos y estas reglas sigues, Sancho, serán luengos tus días, tu fama será eterna, tus premios colmados, tu felicidad indecible” (CERVANTES, 2015, p. 870).

Os ensinamentos oferecidos a Sancho Pança por seu amo são divididos em duas categorias, sendo a primeira relacionada à alma, e a segunda, ao corpo, podendo ser concebidos em dois planos: o plano moral, espiritual; e o plano físico, dos comportamentos. A referida divisão pode ser exemplificada no seguinte excerto: “Esto que hasta aquí te he dicho son documentos que han de adornar tu alma [capítulo XLII]; escucha ahora los que han de servir para adorno del cuerpo [capítulo XLIII]” (CERVANTES, 2015, p. 870).

O capítulo XLII, “*De los consejos que dio don Quijote a Sancho Panza antes que fuese a gobernar la ínsula, con otras cosas bien consideradas*”, e o capítulo XLIII, “*De los consejos segundos que dio don Quijote a Sancho Panza*” (CERVANTES, 2015, pp. 865 – 877), apresentam instrução moral e comportamental a serem seguidas pelo futuro governador. Por meio desta orientação podemos inferir que a educação é a base para a boa condução de um governo, assim como a atenção às convenções, às virtudes morais e aos comportamentos adequados e edificantes.

São a partir dos escritos de Erasmo, que nos é permitido conhecer sobre suas ideias e filosofias, a crença no poder da cultura clássica e da educação na formação de indivíduos. Portanto, o tom didático, a atmosfera, o conteúdo do diálogo entre instrutor e instruído são possíveis ecos trazidos pelo texto cervantino das ideias erasmianas.

Desse modo, na intenção de formar um líder virtuoso que conseqüentemente tende a governar um povo obediente e agradecido, dom Quixote se posiciona com amabilidade e solicita a Sancho a sua atenção aos seus conselhos. Evidenciamos, no recorte que segue, traços

da filosofia cristã salpicados por uma possibilidade de prazer³⁵ e uma referência à cultura clássica, elementos do discurso erasmista. Dom Quixote mobiliza Catão, alude a uma famosa máxima delfica e à escritura sagrada, além de priorizar Deus e elencar a construção, a manutenção e o exercício das virtudes para que Sancho as internalize e aprenda com o objetivo de fazer um bom uso de seu governo:

Dispuesto, pues, el corazón a creer lo que te he dicho, está, ¡oh hijo!, **atento a este tu Catón, que quiere aconsejarte y ser norte y guía** que te encamine y saque a seguro puerto de este mar proceloso donde vas a engolfarte, que los oficios y grandes cargos no son otra cosa sino un golfo profundo de confusiones.

Primeramente, ¡oh hijo!, has de temer a Dios, porque en el temerle está la sabiduría³⁶ y siendo sabio no podrás errar en nada.

Lo segundo, has de poner los ojos en quien eres, procurando **conocerle a ti mismo**,³⁷ que es el más difícil conocimiento que puede imaginarse.

[...]

Haz gala, Sancho, de **la humildad** de tu **linaje**, y no te desprecies de decir que vienes de labradores, ... **porque la sangre se hereda y la virtud se aquista**,³⁸ y **la virtud vale por sí sola lo que la sangre no vale** (CERVANTES, 2015, pp. 867-869, grifo nosso).

Temor a Deus, sabedoria, conhecer a si mesmo, humildade, linhagem e virtude são elementos presentes na instrução do escudeiro por seu amo. Estaria o presente texto ainda mais recheado de citações que comprovam o ensinamento. Porém, é suficiente essa enumeração para exemplificar o que alicerça os preceitos e as regras que dom Quixote, pacientemente, instrui a Sancho no propósito de “adornar tu alma” (CERVANTES, 2015, p. 870). Esses elementos são relevantes para a construção de um discurso instrutivo destinado ao aprendizado do futuro governador de Baratária. Portanto, a fim de sintetizar, enumeramos os principais ensinamentos para que esteja clara ao leitor a explícita motivação de seu amo.

Desse modo, dom Quixote aconselha dar graças a Deus pela dádiva alcançada, pois ela não provém das astúcias e do trabalho de Sancho, senão pela misericórdia de Deus: “Todo esto digo, ¡oh Sancho!, para que no atribuyas a tus merecimientos la merced recibida, sino que des gracias al cielo, que dispone suavemente las cosas...” (CERVANTES, 2015, p. 867). Ser virtuoso e humilde: “... préciate más de ser humilde virtuoso que pecador soberbio” (CERVANTES, 2015, p. 868). Ser justo e misericordioso: “Al culpado que cayere debajo de tu jurisdicción ... muéstratele piadoso y clemente, porque, aunque los atributos de Dios todos son

³⁵ Prazer no sentido oposto ao aprendizado punitivista e violento. O prazer como tranquilidade, nesse sentido, o prazer é dirigido a um ensinamento afável, bondoso, cuidadoso e tranquilo em um ambiente adequado cuja preocupação é o desenvolvimento do ensinado.

³⁶ Segundo o Salmo 111 (110) versículo 10, “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; todos os que cumprem os seus preceitos revelam bom senso. Ele será louvado para sempre!”.

³⁷ Nota da edição consultada: Es el tradicional *nosce te ipsum* del templo de Delfos.

³⁸ ‘se adquire’, segundo a nota da edição consultada.

iguales, más resplandece y campea a nuestro ver el de la misericordia que el de la justicia.” (CERVANTES, 2015, p. 870).

O capítulo XLII apresenta ao leitor uma série de conselhos para que Sancho seja um bom governador em Baratária, e está alicerçado na filosofia cristã, nas virtudes e na cultura clássica, elementos prezados por Erasmo em seu manual de conduta.

Na “Introdução à Filosofia da Educação em *A civilidade pueril* e em *De Pueris*”, escrito por Luiz Feracine como texto de apoio à *Civilidade Pueril* (ROTTERDAM, 1530, p. 136), podemos observar o conceito de ensino defendido por Erasmo:

Declara [Erasmo] ser a educação “o cultivo do espírito”. O termo de que faz uso no latim, traduz intensa carga nocional. Erasmo emprega o verbo “excolere” que, nominalmente, diz “fazer sair pelo trato” e, realmente, expressa a ideia de cultivar com cuidado, aperfeiçoar, tornar bonito (ROTTERDAM, 1530, p. 136).

Desse modo, aproximamos a noção de educação de Erasmo ao capítulo XLII, pois o diálogo entre Sancho Pança e dom Quixote, com parcimônia e atenção, instrui chamando atenção às virtudes morais com o objetivo de educar, ou como poderia dizer Erasmo, “cultivar o espírito”.

Quando dom Quixote aconselha Sancho a respeito da sua linhagem, para que não se envergonhe, e incentiva que a virtude pode ser adquirida e por si só é válida, estaria prezando pela educação e a crença erasmiana de que se pode educar qualquer indivíduo:

Eis porque Erasmo assegura que **a nobreza das atitudes supera de longe os símbolos do poder**. Para ele os caracteres bem estruturados desfazem as diferenças de status e aproximam grandes e pequenos na escala social pela elegância do mesmo convívio civilizado. Enfim, mediante **a prática generalizada das virtudes**, a sociedade nivela-se por cima. Todos ficam iguais em prestígio e nobreza. (ROTTERDAM, 1530, p. 137, grifo nosso).

Outro ponto digno de nota, que aproxima Erasmo de Cervantes, está no vocativo, pois estabelece uma relação entre amo e escudeiro. Dom Quixote chama Sancho, duas vezes, por filho. Segundo Feracine:

Erasmo evidencia, de modo muito claro, qual o tipo de relacionamento que se estabelece entre o educador e o educando. **Ele chama o destinatário da ação educativa de “filho caríssimo”**. Está a designar que a convivência da paternidade espiritual perpassa o empenho do educador ante a expectativa de acolhimento por parte do educando. (ROTTERDAM, 1530, p. 140, grifo nosso).

Ainda segundo o autor, “Erasmo se refere à ‘praeclara indolis’, ou seja, ‘à boa disponibilidade’. Com efeito, no processo educativo, a abertura de espírito por parte do aluno é um passo decisivo para o aproveitamento” (ROTTERDAM, 1530, pp. 140-141). Nesse sentido, inferimos que há grande disponibilidade de dom Quixote a instruir Sancho, com amabilidade, com segurança e com atenção. E o escudeiro lhe escuta atentamente, fazendo poucas interferências na conversa edificante.

Erasmus escreveu no preâmbulo de seu livro: “É de todo conveniente que o ser humano seja bem composto nas atitudes, nos gestos e no modo de trajar-se” (ROTTERDAM, 1530, p. 144). Esta frase captura a essência dos capítulos XLII e XLIII, pois pode ser entendida a partir da instrução dedicada a Sancho Pança por dom Quixote. Serão dois capítulos dedicados à instrução do principiante governador.

No entanto, é curioso perceber que Erasmo pontua o modo de se vestir: seria essa uma seleção ocasional? Vamos nos deter principalmente nessa questão: o modo de trajar-se. Ainda no capítulo XLII, antes de dom Quixote adentrar ao privativo quarto e iniciar a conversa sobre a edificação do espírito do futuro governador, o Duque informa:

- ... advertid que mañana en ese mismo día habéis de ir al gobierno de la ínsula, y esta tarde **os acomodarán del traje conveniente** que habéis de llevar y de todas las cosas necesarias a vuestra partida.
- **Vístanme** –dijo Sancho- como quisieren, que de cualquier manera que vaya vestido será Sancho Panza.
- Así es verdad –dijo el duque-, pero **los trajes se han de acomodar con el oficio o dignidad que se profesa**, que no sería bien que un jurisperito se vistiese como soldado, ni un soldado como un sacerdote (CERVANTES, 2015, p. 866, grifo nosso).

É sabido que Sancho é um escudeiro analfabeto e de pouca cultura institucionalizada. Desse modo, fica evidente que desconhece a relevância e a necessidade de se vestir adequadamente. Portanto, não basta que Sancho seja instruído apenas com ensinamentos morais, que edificam o espírito, mas também por ensinamentos comportamentais, ou seja, relevantes ao corpo, o que inclui o modo de se vestir adequadamente.

Nesse sentido, Erasmo acreditava que, por meio da instrução, o indivíduo poderia ser e parecer virtuoso, ou seja, no espírito e em seus comportamentos, o homem interior e exterior, a alma e o corpo. Esse preâmbulo nos remete à leitura do capítulo XLIII, em que ao final do capítulo XLII, dom Quixote anuncia: “escucha ahora los [consejos, instrucciones] que han de servir para adorno del cuerpo” (CERVANTES, 2015, p. 870). Para Erasmo, “a roupa, de certo modo, é o corpo. Isso porque externa as disposições interiores do indivíduo” (ROTTERDAM, 1530, p. 157).

Valendo-se da memória, o analfabeto Sancho escuta atentamente ao seu amo: “Atentísimamente le escuchaba Sancho y procuraba conservar en la memoria sus consejos, como quien pensaba guardarlos y salir por ellos a buen parto de la preñez de su gobierno” (CERVANTES, 2015, p. 871). A partir dessa atmosfera de atenção e de instrução construída pelo narrador, dom Quixote inicia seus preceitos e regras em relação ao corpo e não deixará de mencionar o traje, o modo de vestir adequado.

Erasmus, no capítulo II de seu livro, *A Civilidade Pueril* (1530), tratará da elegância dos trajes e o divide em três partes, a saber: a roupa, o asseio e o mantelete. Observaremos as prescrições erasmianas tentando aproximá-las do capítulo XLIII da narrativa cervantina.

Sobre o asseio, Erasmo prescreve que “um pouco de negligências nas vestes é perdoável nos jovens, porém, sem chegar à imundície” (ROTTERDAM, 1530, p. 158). Também adverte que, “tal como é decente manter as vestes limpas e bem cuidadas, também é de rigor que elas sejam adequadas ao tipo de corpo” (ROTTERDAM, 1530, p. 158). Dom Quixote adverte: “No andes, Sancho, desceñido y flojo, que el vestido descompuesto da indicios de ánimo desmazelado”³⁹ (CERVANTES, 2015, p. 870). Ensina como Sancho deve se vestir: “tu vestido será calza entera,⁴⁰ ropilla larga,⁴¹ herreruelo⁴² un poco más largo; greguescos,⁴³ ni por pienso,⁴⁴ que no les están bien ni a los caballeros ni a los gobernadores” (CERVANTES, 2015, p. 873).

Erasmus também determina o que se deve fazer antes das refeições: “Nunca se assentar sem ter lavado as mãos, porém, limpa, primeiro, as unhas. Que elas não escondam sujeiras senão podes levar o apelido de ‘unhas encardidas’” (ROTTERDAM, 1530, p. 165). Dom Quixote, primeiramente, recomenda a Sancho que seja limpo e corte as unhas, sem deixá-las crescer: “lo primero que te encargo es que seas limpio y que te cortes las uñas, sin dejarlas crecer, como algunos hacen, a quien su ignorancia les ha dado a entender...” (CERVANTES, 2015, p. 871).

Portanto, é possível, aproximar Erasmo e Cervantes, a respeito das regras de comportamento em relação ao espírito e ao corpo. As prescrições erasmianas ecoam na composição poética cervantina de forma muito particular, visto que ambos os textos são impulsionados por um caráter levemente cômico em Erasmo, e um tom mais elevado de comicidade em Cervantes. É interessante observar que essa característica do riso como “remédio”, como elemento de instrução com a finalidade de captar a audiência, também aparece no *Elogio da Loucura* (1511), porém, como não é foco decisivo neste capítulo, apenas a apontamos a fim de curiosidade e estímulo futuro para uma leitura de aproximação sobre esse aspecto no cotejo entre os autores.

No *Elogio da Loucura* (1511), Erasmo constrói um elogio paradoxal, um elogio às avessas, ou seja, usa uma composição poética que “louva” os vícios, aquilo que não se elogia e

³⁹ Descuidado, conforme nota da edição consultada.

⁴⁰ Calzas con medias del mismo tejido, de una sola pieza, conforme nota da edição consultada.

⁴¹ Vestido ceñido con mangas, conforme nota da edição consultada.

⁴² Capa corta con cuello, conforme nota da edição consultada.

⁴³ Calzones anchos, conforme nota da edição consultada.

⁴⁴ Ni pensarlo, en modo alguno, conforme nota da edição consultada.

empresta um caráter risível, cômico, divertido, vituperando as fraquezas humanas. Por meio de um estilo elevado em um universo baixo, produz sentidos cômicos, satíricos e paródicos a fim de instruir por meio do riso. Essa estratégia ecoa em Horácio, que traz a noção de que o riso é didático, portanto pode corrigir e curar. Além disso, esse procedimento pode promover uma didática do prazer, ou seja, ensinar com humor seria o ápice da educação, pois o aprendiz pode ser conquistado por prazer.

Vale salientar que o riso⁴⁵ tem seu limite e há fronteiras cuja ultrapassagem não é permitida, pois deve-se rir da vida dos homens, de seus comportamentos, porém com medida, não apontando ninguém, delimitando o humor – há, portanto, licença para rir. Por isso, há a alegoria da loucura, como se não fosse endereçada a um homem de fato. Portanto, ao fazer esse papel, o professor oferece o riso como um método para melhor ensinar.

3.3 Os efeitos do ensinamento em Sancho Pança

O capítulo LI: *Del progreso del gobierno de Sancho Panza, con otros sucesos tales como buenos*, narra os efeitos do ensinamento em Sancho Pança. Nele serão evidenciados os aprendizados do escudeiro e o conhecimento, por parte de dom Quixote, de suas atividades em Baratária. Teremos, ainda, um diálogo epistolar mediado, ou seja, amo e escudeiro se corresponderão por cartas, porém, como Sancho é analfabeto, será necessário o auxílio de um leitor e de um escritor para efetivar a comunicação com seu amo. Esse leitor e escritor será seu secretário. Antes de conhecermos o diálogo epistolar entre amo e escudeiro, é interessante examinar o seu preâmbulo, cujo objetivo é evidenciar a evolução de Sancho como indivíduo e os efeitos dos ensinamentos aprendidos nos capítulos anteriores, principalmente nos capítulos XLII e XLIII.

No início do capítulo LI, encontramos uma remissão ao comportamento de dom Quixote, mas aqui aplicado ao seu escudeiro. No primeiro parágrafo, o narrador revela que Sancho, em seu governo em Baratária, está oscilando entre a discricção e a tolice.

Vale observar que dom Quixote, em várias passagens da narrativa, comporta-se como louco na ação e discreto no discurso. Para justificar essa afirmação, acolhemos uma das passagens que evidencia, no início do capítulo XLIII, essa mistura entre loucura e discernimento; desse modo, o narrador revela:

⁴⁵ Para conhecer mais sobre o riso e sua manifestação social ver *O riso: Ensaio sobre o significado do cômico* de Henri Bergson. São Paulo: Edipro, 2018.

¿Quién oyera el pasado razonamiento de don Quijote que no le tuviera por persona muy cuerda y mejor intencionada? **Pero**, como muchas veces en el progreso de esta grande historia que, dicho, **solamente disparaba en tocándole en la caballería, y en los demás discursos mostraba tener claro y desenfadado entendimiento, de manera que a cada paso desacreditaban sus obras su juicio, y su juicio sus obras;** pero en esta de estos segundos documentos que dio a Sancho mostró tener gran donaire y puso su discreción y su locura en un levantado punto.” (CERVANTES, 2015, p. 871, grifo nosso).

Portanto, o capítulo LI nos permite aproximar as condutas dos protagonistas, pois Sancho também irá oscilar entre a discricção e a tolíce. Assim, diz o narrador: “... Sancho Panza hacía y decía, tan admirado de sus hechos como de sus dichos, porque **andaban mezcladas sus palabras y sus acciones, con asomos discretos y tontos**” (CERVANTES, 2015, p. 938, grifo nosso). Para além disso, da aproximação dos comportamentos entre amo e escudeiro, o capítulo avança dando mais exemplos das virtudes do governador de Baratária, demonstrando a humildade de Sancho em seu discurso, pois como ele afirma: “porque yo soy un hombre que tengo más de mostrenco que de agudo” (CERVANTES, 2015, p. 939).

No início do capítulo, Sancho está incumbido de julgar e de sentenciar um evento. O governador de Baratária deve decidir sobre a vida de um homem perante a um impasse: se deve ser enforcado e morto, ou cruzar uma ponte e estar livre. Dois senhores juízes pretendem enforcar o homem, mas estão indecisos a respeito da sentença, pois a interpretação de suas leis gira em torno da verdade e da mentira e ambos vêm até o governador para ouvir uma solução perante essa dificuldade legal, resumindo: “... el tal hombre jura que va a morir en la horca, y si muere en ella, juró verdad y por la ley puesta merece ser libre y que pase la puente; y si no le ahorcan, juró mentira y por la misma ley merece que le ahorquen” (CERVANTES, 2015, p. 939).

Sancho sentencia que o homem seja dividido em duas partes: a primeira, que seja enforcada, e a segunda, que seja livre. Essa sentença remete ao julgamento de Salomão, 1 Reis 3: 16-28, em que o Rei Salomão profere a mesma sentença a duas mães que disputam a posse de uma criança. No texto bíblico, a mãe verdadeira não concorda que a criança seja dividida e prefere ter seu filho vivo e com a outra mãe do que morto. Com essa sentença, o rei Salomão dá à mãe verdadeira o seu filho. Do mesmo modo, Sancho ao proferir a mesma sentença absurda, gera nos espectadores um desconforto, pois não é possível executar a ação de Sancho sem que o homem fique vivo e tampouco se cumpra a lei.

Para que a normalidade se restabeleça, Sancho recorre a um dos ensinamentos dados por dom Quixote para equilibrar o impasse: a misericórdia. Novamente, o governador de Baratária admite a sua condição de analfabeto, reconhece humildemente que aprendeu por

intermédio do ensinamento dado por seu amo, além de pontuar expressamente a atenção dada aos conselhos que foram registrados em sua memória:

Venid acá, señor buen hombre –respondió Sancho–: este pasajero que decís, **o yo soy un porro o él tiene la misma razón para morir que para vivir y pasar la puente**, porque si la verdad le salva, la mentira le condena igualmente; y siendo esto así, como lo es, soy de parecer que digáis a esos señores que a mí os enviaron que, pues están en un fil⁴⁶ las razones de condenarle o asolverle, **que le dejen pasar libremente, pues siempre es alabado más el hacer bien que mal. Y esto lo diera firmado de mi nombre si supiera firmar, y yo en este caso no he hablado de mí, sino que se me vino a la memoria un precepto, entre otros muchos que me dio mi amo don Quijote la noche antes que viniese a ser gobernador de esta ínsula, que fue que cuando la justicia estuviese en duda me decantase y acogiese a la misericordia**, y ha querido Dios que ahora se me acordase, por venir en este caso como de molde. (CERVANTES, 2015, p. 940, grifo nosso).

A partir desse fragmento, podemos compreender que, por meio dos comportamentos e da vivência instrutiva, que Sancho teve com seu amo e posteriormente os efeitos dos ensinamentos aprendidos, é possível inferir uma progressão do indivíduo, um aprendizado. Em outras palavras, podemos concordar com Erasmo quanto ao poder da educação, uma possibilidade de instruir os indivíduos.

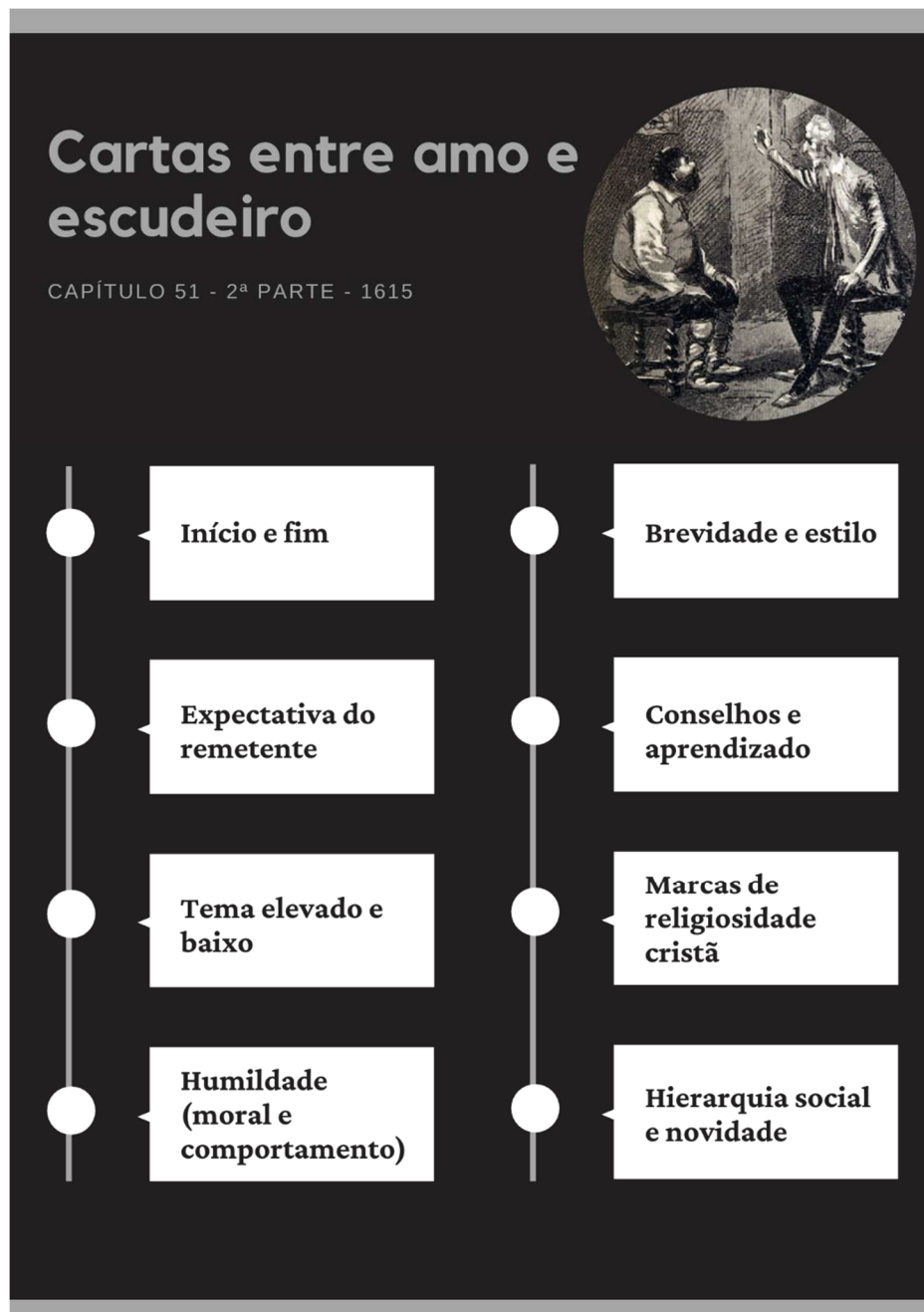
Após essa breve introdução do capítulo LI, que narra os feitos de Sancho em Baratária e conseqüentemente os seus comportamentos como governador, teremos as cartas trocadas entre amo e escudeiro: primeiramente de dom Quixote a Sancho Pança e, em seguida, de Sancho Pança a dom Quixote.

Desse modo, iremos pontuar brevemente os principais elementos comparativos das duas cartas. Além disso, tentaremos demonstrar algumas diferenças entre elas e concluiremos esta seção com a resposta da pergunta: Sancho Pança foi ou não um bom governador?

Para esse intento, resolvemos construir um pequeno quadro expositivo, para que fosse mais didático, visual e compreensível o cotejo entre as cartas, a fim de demonstrar os efeitos do ensinamento em Sancho Pança. Os elementos elencados na imagem são: início e fim, brevidade e estilo, conselho e aprendizado, tema elevado e baixo, hierarquia social e novidade, marcas de religiosidade cristã, expectativa do remetente e humildade.

⁴⁶ “Están equilibradas, igualadas; fil: fiel de la balanza”, conforme nota da edição consultada.

Figura 1 - Elementos comparativos entre as cartas



Fonte da ilustração: QBI (2021, on line).

Recorrendo ao sofista grego Libânio, Erasmo define carta como “um colóquio de ausente a ausente” (ROTTERDAM, 2005, p. 112). Ainda, segundo o autor, sendo um colóquio em termos familiares, expressa uma comunicação usual, “pois entendemos que a carta nada traz que a difira de uma conversação do cotidiano em linguagem comum” (ROTTERDAM, 2005, p. 112). Nesse sentido, as cartas trocadas entre dom Quixote e Sancho Pança podem revelar um tom intimista, privado e coloquial, respeitando o estilo narrativo de cada remetente, conforme sugere Erasmo: “Com efeito, o estilo epistolar deve ser simples e mesmo bastante descuidado, no sentido de um descuido estudado” (ROTTERDAM, 2005, p. 112).

É interessante o fato aparentemente paradoxal do "descuido estudado" da citação erasmiana, pois, no sentido comum, não é possível conceber um descuido estudado. Porém, Erasmo alude a um artifício, pois a carta é um texto produzido por alguém que deve conhecer as regras de composição, por isso é estudado. O adjetivo "descuidado" provoca a alusão ao artifício, que para manter uma coerência epistolar o seu estilo aparenta descuido, ou seja, sem pompa, sem grandes citações, sem forçar a erudição ou a ornamentação inadequada.

Ambas as cartas são breves e objetivas. Apresentam entre 9 e 10 parágrafos e tratam de um tema particular e reconhecível aos seus destinatários. Essas características "como brevidade e clareza, já prescritas pela tratadística antiga, são reafirmadas, o que as faz parecer cada vez mais elementos próprios do gênero epistolar" (TIN, 2005, p. 37).

Dom Quixote inicia a carta expondo a sua admiração em relação aos feitos de Sancho em Baratária. Também expressa agradecimento, além de utilizar o adjetivo "amigo", destacando a relação de amizade. Desse modo, podemos inferir que é uma expectativa positiva e amistosa: "Cuando esperaba oír nuevas de tus descuidos e impertinencias, Sancho amigo, las oí de tus discreciones, de que di por ello gracias particulares al cielo..." (CERVANTES, 2015, p. 941).

Por outro lado, Sancho responde em um tom de lamentação, pois trabalha muito e come pouco, o que contraria a sua expectativa antes de iniciar o seu governo na ínsula. Além disso, Sancho expõe a sua frustração perante o seu governo e se justifica por não ter enviado notícias antes, ao dizer que lhe faltava tempo:

La ocupación de mis negocios es tan grande, que no tengo lugar para rascarme la cabeza, ni aun para cortarme las uñas, y, así, las traigo tan crecidas cual Dios lo remedie. Digo esto, señor mío de mi alma, porque vuesa merced no se espante si hasta ahora no he dado aviso de mi bien o mal estar en este gobierno, en el cual tengo más hambre que cuando andábamos los dos por las selvas y por los despoblados. (CERVANTES, 2015, p. 943).

A carta de dom Quixote é redigida em tom discreto e seu tema versa sobre o aconselhamento, enquanto a de Pança é vulgar, utilizando-se de lamentos e coloquialismos. Dom Quixote elencará ensinamentos e reforçará para Sancho que os leia e releia a fim de bem governar:

Mira y remira, pasa y repasa los consejos y documentos que te di por escrito antes que de aquí partieses a tu gobierno, y verás como hallas en ellos, si los guardas, una ayuda de costa que te sobrelleve los trabajos y dificultades que a cada paso a los gobernadores se les ofrecen. (CERVANTES, 2015, p. 942).

Pança registra seu descontentamento em governar a ínsula com fome e com abundância de trabalho, além de se expressar por meio dos habituais refrãos:

... pues cuando pensé venir a este gobierno a comer caliente y a beber frío, y a recrear el cuerpo entre sábanas de Holanda, sobre colchones de pluma, he venido a hacer

penitencia, como si fuera ermitaño, y como no la hago de mi voluntad, pienso que al cabo al cabo me ha de llevar el diablo. (CERVANTES, 2015, p. 944).

Contudo, apesar de se lamentar e proferir provérbios como de costume, Sancho é grato aos ensinamentos de seu amo e expressa a sua atenção a ele exemplificando o seguinte aprendizado: “yo visito las plazas, como vuestra merced me lo aconseja...” (CERVANTES, 2015, p. 944). Além disso, o escudeiro se diz atento na escolha de um futuro pretendente para a sua filha e marca a religiosidade cristã sobressalente em seu discurso, a famosa característica de cristão velho: “yo escogí al mozo para mi yerno; [su padre], que es un tal Diego de la Llana, hidalgo y cristiano viejo cuanto se quiere” (CERVANTES, 2015, 944).

É interessante observar que Sancho Pança marca tanto a sua crença, pois, no século XVI, a religião era um assunto público, sendo comum que a fé cristã fosse expressa publicamente. Além disso, ser cristão velho faz oposição a cristão novo, ou seja, Sancho assinala que não era judeu nem mulçumano, cujo povos foram obrigados à conversão pela perseguição católica.

O amo escreve ao escudeiro com o propósito de lembrá-lo da humildade, moral e comportamental. Esse lembrete faz eco aos conteúdos dos capítulos XLII e XLIII, sobre os ensinamentos da alma e do corpo. Sancho demonstra ser humilde: "porque yo soy un hombre que tengo más de mostrenco que de agudo" (CERVANTES, 2015, p. 939). Dom Quixote, por sua vez, observa que a humildade deve ser conveniente, adequada ao cargo, referindo ao trato de vestir. Na carta, dom Quixote está falando que é bom ser humilde, mas em alguns aspectos da vida, dentre eles a vestimenta adequada a um governador, a de "ir contra la humildad del corazón" (CERVANTES, 2015, p. 941), e explica o motivo:

... porque el buen adorno de la persona que está puesta en graves cargos ha de ser conforme a lo que ellos piden, y no a la medida de lo que su humilde condición le inclina. Vístete bien, que un palo compuesto no parece palo: no digo que traigas dijes⁴⁷ ni galas, ni que siendo juez te vistas como soldado, sino que te adornes con el hábito que tu oficio requiere, con tal que sea limpio y bien compuesto. (CERVANTES, 2015, p. 941).

Ambas as cartas apresentam fatos desconhecidos que são revelados por meio do diálogo epistolar. Sancho remete ao Doutor Pedro Récio, responsável por sua fome no governo de Baratária, e dom Quixote alude ao “gateamento” sofrido por ele, descrito em capítulos anteriores. Desse modo, apontam uma novidade que trocam em suas cartas particulares. Embora nenhum dos dois saiba do que se trata essa novidade, cada um pode inferir sobre ela, uma vez que são íntimos e se conhecem.

⁴⁷ Joyas, conforme a nota da edição consultada.

Sobre a novidade de dom Quixote, ele escreve: “Yo he estado un poco mal dispuesto, de un cierto gateamiento que me sucedió no muy a cuento de mis narices, pero no fue nada, que si hay encantadores que me maltraten, también los hay que me defiendan.” (CERVANTES, 2015, p. 942). Além de posicionar a Sancho sobre o seu estado, dom Quixote retoma a sua ideia fixa com respeito à cavalaria. Conhecendo o seu amo, Sancho logo reconhece essas manifestações concernentes à cavalaria e, mesmo não entendendo muito bem do que se trata, está seguro que quando o veja saberá sobre a história, ao que responde: “Aquello del gateado no entiendo, pero imagino que debe de ser alguna de las malas fechorías que con vuestra merced suelen usar los malos encantadores; yo lo sabré cuando nos veamos.” (CERVANTES, 2015, p. 945).

Sancho não tem resposta acerca da novidade que conta em sua carta. Porém, nós, leitores, sabemos que dom Quixote desconhece o Doutor Pedro Récio, portanto classificamos que a novidade do escudeiro é certa para seu amo. Desse modo, Sancho escreve sobre o seu estado famélico e o descontentamento sobre o doutor:

...llámase el doctor Pedro Recio y es natural de Tirteafuera, ¡porque vea vuesa merced qué nombre para no temer que he de morir a sus manos! Este tal doctor dice él mismo que sí mismo que él no cura las enfermedades cuando las hay, sino que las previene, para que no vengan; y las medicinas que usa son dieta y más dieta, hasta poner la persona en los huesos mondos, como si no fuese mayor mal la flaqueza que la calentura. Finalmente, él me va matando de hambre y yo me voy muriendo de despecho” (CERVANTES, 2015, p. 944).

Dom Quixote finaliza a sua carta pedindo a Sancho que volte a escrever a ele contando o que está acontecendo em Baratária: “y de todo lo que te sucediere me irás dando aviso” (CERVANTES, 2015, p. 942). Além disso, expressa o seu desagrado pela vida ociosa que leva no castelo dos duques: “... pues es tan corto el camino: cuanto más que yo pienso dejar presto esta vida ociosa en que estoy, pues no nací para ella” (CERVANTES, 2015, p. 942). Dom Quixote fala como cavaleiro, que vive de aventuras e de façanhas, enquanto os nobres vivem dias ociosos e não trabalham. Por fim, expressa novamente uma condição amistosa ao encerrar a carta e roga a Deus que guarde Sancho e que não haja ninguém que se queixe dele: “Y a Dios, el cual te guarde de que ninguno te tenga lástima” (CERVANTES, 2015, p. 943). Encerra com "Teu amigo" e assina seu nome.

Ao encerrar sua carta, Sancho também marca a religiosidade cristã invocando Deus, além de pedir para si mesmo segurança para sair bem e em paz de seu governo. Sua última frase é mais um lamento acerca do doutor que o priva de comer como ele esperava. Por fim, finaliza imprimindo uma condição dúbia: "Criado de vuestra merced". Essa saudação final pode refletir uma hierarquia social concebida ou ainda a consciência de ser um indivíduo formado pelos

ensinamentos de seu amo. Finaliza assinando seu nome e postando seu cargo. Desse modo, Sancho escreve:

Y, con esto, Dios libre a vuestra merced de mal-intencionados encantadores y a mí me saque con bien y en paz de este gobierno, que lo dudo, porque le pienso dejar con la vida, según me trata el doctor Pedro Recio.
Criado de vuestra Merced.
Sancho Panza el Gobernador. (CERVANTES, 2015, p. 945).

Afinal, qual seria a resposta à pergunta: Sancho Pança foi ou não um bom governador?

3.4 Cervantes e Erasmo: o ensinamento por meio do risível

Close (1993, p. 91) reflete que no século XVI espanhol havia um sentido de humor “aristofânico – tosco, regocijado, agresivo, juvenil – que em torno a 1600 suscita una reacción contraria y complementaria por parte de Cervantes y otros escritores coetáneos”. Para o autor, o texto cervantino é cômico, uma “teoría cervantina de la obra o fábula risible” (CLOSE, 1993, p. 90). Além disso, pontua os valores positivos de uma concepção elevada e orgulhosa da arte cômica, “capaz de sanar penas y rencores” (CLOSE, 1993, p. 90). Ainda, segundo Close (1993, p. 90), a obra cervantina apresenta um ideal de riso saudável, com urbanidade e com afabilidade que se relaciona com uma ampla tradição culta que desemboca no renascimento. Desse modo, nas palavras do autor:

Henos aquí ante un **ideal de la risa sana, urbana y afable**, que entronca con una larga tradición culta: la Poética de Aristóteles; el segundo libro De Oratore de Cicerón; el sexto libro de la retórica de Quintiliano; la tradición terenciana y horaciana; el mito tradicional acerca de Demócrito, el filósofo riante. Tradición que desemboca en el Renacimiento: **en tratadistas de la risa como** Castiglione, Pantano, Robortello, Burton, y en humoristas geniales como **Erasmus**, Rabelais... (CLOSE, 1993, p. 90, grifo nosso).

Para cotejar Cervantes e Erasmo, também poderíamos propor o riso como elo, pois o riso pode ser um meio didático que ensina possibilitando a correção dos comportamentos viciosos e a formação de atitudes modelares a partir da exposição da fábula⁴⁸. Em alguns aspectos, podemos pensar que é assim que o leitor do *Quixote* pode se sentir ao ler as aventuras do amo e seu escudeiro.

Close (1993, p. 90) aponta que Cervantes, como novelista cômico, “suele sublimar la censura moral o social en situaciones risibles que la suavizan y la expresan oblicuamente”. Para Vilanova (1993), o *Elogio da Loucura*, de Erasmo, e o *Quixote*, de Cervantes, são textos análogos, e *O Manual do Cavaleiro Cristão*, uma alegoria cavalheiresca. Nas palavras do autor:

⁴⁸ Narração de sucessos fingidos, inventados para instruir ou divertir; conto imaginário ou mentiroso (CEIA, 2009, on-line).

En el caso del Quijote cervantino, se trata de una parodia satírica y burlesca, al estilo del *Moriae Encomium* de Erasmo, destinada a ridiculizar las ilusiones guerreras y heroicas engendradas en la fantasía de Alonso Quijano el Bueno por su desatinada lectura de libros de caballerías, que le ha hecho perder el juicio. **En el caso del *Enquiridión* erasmiano, estamos ante una alegoría cabaleresca, religiosa y devota**, a la manera de los libros de caballerías a lo divino, en la que se describe la perpetua guerra contra los vicios y pasiones que es la vida del hombre en la tierra (VILANOVA, 1993, p. 70, grifo nosso).

Portanto, a aproximação de Cervantes e de Erasmo, neste texto, se estabelece a partir da constituição artística da composição poética submetida a um conjunto de elementos significativos que poderíamos enumerar, não necessariamente nessa ordem, como: a) fábula; b) sátira; c) riso; d) deleite; e) ensinamento; f) loucura; g) moral cristã; h) cultura clássica.

Vilanova (1993, pp. 70-71) compara ambas as obras, *O Quixote* e o *Manual do Cavaleiro Cristão*, a fim de encontrar uma ligação entre elas. Para o autor, o idealismo do cavaleiro cristão está aparentado com a concepção do cavaleiro cervantino que, aos olhos mundanos, são comportamentos insanos:

El carácter poco menos que irrealizable y quimérico de esa búsqueda de la perfección espiritual, **propugnada por el *Enquiridión* erasmiano, que requiere un grado de virtud rayano en la santidad, aparece estrechamente unido, en la concepción del Quijote cervantino**, a la notoria imposibilidad de resucitar y poner en práctica los anacrónicos ideales cabalerescos que el buen hidalgo manchego pretende restaurar y que, al igual que el sacrificio y la renunciación a que ha de someterse quien aspire a seguir el ejemplo de Cristo, aparece a los ojos del mundo como una sublime locura (VILANOVA, 1993, pp. 70-71, grifo nosso).

Dessa maneira, é possível aproximar Erasmo e Cervantes, pois como nos indica Vilanova (1993), o soldado cristão e o cavaleiro manchego são concebidos a partir de ideais irrealizáveis. Portanto, o riso e a paródia são procedimentos do ensinar a partir do ridículo, assim do que não se deve fazer, ainda que diga o que fazer: correção pelo ridículo.

Tentou-se descrever e cotejar o ensinamento na composição poética por meio do diálogo entre dom Quixote e Sancho Pança a partir dos capítulos XLII, XLIII e LI da segunda parte de *O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de La Mancha* (1615) à luz das ideias de Erasmo centradas na sabedoria que pode ser ensinada por intermédio da educação.

Procuramos demonstrar o diálogo epistolar entre dom Quixote e Sancho, evidenciando o ensinamento e o aprendizado entre um letrado e um analfabeto. Por cotejo, esforçamo-nos em persuadir que Sancho foi um bom discípulo, por mais memorizar do que ler os princípios e regras estabelecidas por seu amo, pois para isso precisaria de seu secretário.

Desse modo, podemos inferir que Sancho destacou-se como aprendiz com o propósito de ser um bom governador para Baratária e não envergonhar seu amo. Embora ele não tivesse um conhecimento profundo do assunto, a maioria de suas ações e gestos vieram do seu coração, pois comoveu, deleitou e ensinou também a nós, leitores. Vale lembrar que, segundo Erasmo,

ler equivale a conversar e Sancho leu ao seu modo, em seu diálogo epistolar mediado com seu amo.

Além disso, acreditamos que foi possível perceber que a educação se dá por meio da paciência, do entendimento, do prazer. Dom Quixote assim educou Sancho, com palavras escritas, com palavras orais e com exemplos. Ofereceu ao seu escudeiro inúmeros ensinamentos, em particular por meio de uma conversa atenta, segura e comprometida.

Por sua vez, Sancho atendeu ao seu amo com respeito, concentração e humildade. Para Sancho, a memória é fundamental, assim como a oralidade, e esses dois elementos estão presentes em sua carta. Os costumeiros refrãos são a sua forma de justificativa perante o que acontece ao seu redor, é sua maneira de se expressar com uma roupagem pseudoletada, uma possibilidade de se fazer entender, um reflexo do seu modo de ver o mundo.

O que é inegável é a amizade construída por Sancho Pança e dom Quixote, o respeito que cada um carrega, a seu modo, de um para com o outro, o cuidado, a comicidade, o riso, o devir, a loucura; sendo essa loucura “a única que une os amigos e os conserva unidos” (ROTTERDAM, 2013, p. 63).

Portanto, acreditando que dom Quixote e Sancho Pança são amigos e esse vínculo se forma, pois, eles, de algum modo, são semelhantes (ROTTERDAM, 2013). Além disso, cumpre-nos concordar com Erasmo quando estabelece que a amizade “é tão necessária que nem o ar, nem o fogo, nem a água o são mais. E mais, ela é tão agradável que aquele que dela abrir mão estará abrindo mão do sol” (ROTTERDAM, 2013, p. 63).

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE RETÓRICA DAS CARTAS – UMA PRECEPTIVA EPISTOLAR

4.1. Pressupostos teóricos

Este capítulo tem por objetivo apresentar a análise retórica das cartas entre amo e escudeiro a partir de uma preceptiva epistolar fundamentada na leitura dos seguintes textos, a saber: *Retórica* de Aristóteles (1990), *Retórica em língua castelhana* de Miguel de Salinas⁴⁹ (1999), *Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna* de Antonio Gómez Castillo (2002) e *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio de Emerson Tin* (2005). Os textos analisados são as duas cartas trocadas entre amo e escudeiro, ambas contidas no capítulo LI, da segunda parte, o *Quixote* de 1615.

Para empreender a análise, resolvemos dividir as cartas em 3 partes, a saber: abertura, desenvolvimento e fecho, atendendo assim uma forma como indica Castillo (2002, p. 38): “*Os formulários e estilos* de escrever tratavam de criar um determinado cânone epistolar articulado em torno a três partes, abertura, desenvolvimento e fecho, que, em termos gerais, segue-se no discurso das cartas privadas”. Também, para efeito de justificativa, adotaremos a mesma estrutura da carta ciceroniana, pois segundo María Martín, a carta se divide em 3 partes: “abertura, setor central, conclusão, que considera os elementos estruturais fundamentais que vêm determinados por sua posição e sua função” (TIN, 2005, p. 22).

Aristóteles (1990) e Salinas (1999) dividem os gêneros do discurso em três tipos, a saber: deliberativo, judiciário e epidítico ou demonstrativo. Conforme, Guedes (2014, p. 69):

Para Aristóteles, o gênero epidítico, assim como os outros gêneros, tem uma função específica. Se a função do gênero deliberativo é deliberar o que é útil, a partir de decisões ou conselhos com perspectivas futuras; no gênero judiciário é pleitear o justo, visando a defesa, o ataque ou a demanda com relação a certa questão passada; no caso do epidítico, a função é enfatizar, por meio de elogios ou censuras, o que é belo ou feio, justo ou injusto, ético ou antiético, ou qualquer outro “valor”, como também pode ser apropriado a cerimônias solenes com a finalidade de elogios ou censuras, servindo-se sempre do verbo no presente. (GUEDES, 2014, p. 69).

⁴⁹ Para a análise, escolhemos a *Retórica* de Salinas, segundo os mesmos argumentos de García (1990, p. 120): “La elección de la *Retórica* de Salinas responde a una doble razón: de una parte es -como sabemos- la primera en lengua vulgar, lo que simboliza (quizá sensu contrario, dada su elaboración) esa permanente necesidad de «readaptación» que la disciplina retórica conoce -y conocerá- en cada momento de la historia. De otra, se trata de una obra explícitamente no original (destacando lo que de «retórica de la modestia» haya en la composición de Salinas), según declara el propio autor.”

Segundo Aristóteles (1990), podemos dividir as fases do discurso em: invenção, em que estão compostos os gêneros do discurso; disposição, sendo distribuída em exórdio, narração, prova e epílogo; elocução e, por fim, ação.

Iremos nos dedicar a observar o gênero demonstrativo, como explica Salinas (1999, p. 22): “es quando demostramos, o enseñamos, o damos cuenta de la qualidad y manera de alguna cosa [...]; o alabamos o vituperamos algo”. E a respeito das fases do discurso, focaremos na invenção (tema), disposição (exórdio e narração), elocução (estilo, clareza, metáfora) e a ação (leitura), visto que Sancho precisa da leitura em voz alta do discurso escrito.

Além disso, nos valeremos de algumas considerações de Demétrio, de Filóstrato de Lemnos, de Caio Júlio Victor, de Cícero, de Sêneca e de Gregório Nazianzeno, pois segundo Tin (2005), há nesses autores e em suas obras menções sobre cartas e “o interesse dessas referências antigas é patente, uma vez que são as primeiras teorizações sobre epistolografia de que se tem notícia e documentação” (TIN, 2005, p. 18). Essas considerações podem nos ser úteis para a análise, assim, com esse objetivo, resumidamente, listamos algumas dessas reflexões, antes de partir para a análise propriamente dita.

Demétrio indica algumas prescrições, das quais elencamos duas, que possibilitam ler as cartas como uma conversa, a saber: a) “escrever as cartas da mesma maneira que os diálogos, de tal forma que a carta seja como uma das duas partes de um diálogo”; b) “adotar na carta um estilo simples, pedestre, de maneira que mais se aproxime de uma conversa entre amigos” (TIN, 2005, p. 19-20). Filóstrato de Lemnos, refere-se a clareza nas cartas como “o maior meio de persuasão” (TIN, 2005, p. 27). Caio Júlio Victor, segundo Tin (2005), divide os tipos de cartas entre cartas de negócio e cartas familiares. A respeito das cartas familiares, cujo tipo associamos às cartas entre amo e escudeiro, a brevidade é fundamental e a clareza deve emanar da carta não apresentando pontos obscuros, pois não é possível o esclarecimento por parte do destinatário em sua leitura. Em relação ao destinatário e ao remetente, ambos estão submetidos ao grau de amizade mantido entre eles, assim, deve ser observado o decoro adequando-se: “uma carta escrita a um superior não deve ser jocosa; a um igual, não deve ser descortês; a um inferior, não deve ser soberba” (TIN, 2005, p. 30).

Ainda conforme Tin (2005), para Cícero, a carta é como uma conversa escrita, demonstra o caráter do remetente. Em relação aos tipos de cartas, divide-as entre público e privado adotando estilos diferentes entre elas. Atentando-se ao decoro, as cartas devem ser adequadas ao estilo mais apropriado e adaptáveis às circunstâncias e ao temperamento dos destinatários (TIN, 2005). Para Sêneca (TIN, 2005), a carta traz a ideia de presença do destinatário. Essa personificação virtual está alinhada ao estilo em tom coloquial, assim

derivando em uma conversa entre amigos. Vale recordar que a coloquialidade deve ser entendida como uma expressão decorosa impressa na carta. Segundo Tin (2005, p. 24), “para Sêneca, assim como para Cícero, a carta tem o poder de tornar presente a pessoa do destinatário”, e ainda, “quanto ao estilo, as cartas devem adotar um tom coloquial, como numa conversa entre amigos [...]”, porém, esse tom coloquial “não deve ser entendido como completo despojamento do estilo epistolar, mas como a expressão decorosa do que se pretende transmitir” (TIN, 2005, p. 24).

Gregório Nazianzeno apresenta três elementos de uma carta, a saber: a concisão, a clareza e a graça. Em relação à concisão, este elemento determina a extensão e o objetivo da carta. A clareza está relacionada com a persuasão, próxima a um estilo popular, podendo ser entendida imediatamente “tanto ao ignorante quanto ao sábio” (TIN, 2005, p. 27). A graça, por fim, relaciona-se com o equilíbrio de ornatos, de outro modo, nas palavras do autor: “não usá-los de todo é rústico, usá-los demais é saciar o leitor” (TIN, 2005, p. 27). Em síntese, a carta deve ser escrita com parcimônia na ornamentação, clareza persuasiva e concisão nos argumentos e na extensão dela.

Para Erasmo (TIN, 2005), todas as espécies de cartas são divididas em três gêneros de causa: demonstrativo, deliberativo e judicial. Justo Lipsis (TIN, 2005) divide as cartas também em três categorias: séria, doura e familiar. Tendo isso em conta, classificamos as cartas de dom Quixote e Sancho Pança como cartas familiares ou cartas demonstrativas, conforme as definições de Justo Lipsis e Erasmo respectivamente. Pois, nelas encontramos o elogio e a censura, assim como os assuntos privados, ou seja, aqueles “que toca às coisas nossas ou em torno de nós, às coisas frequentes na vida” (TIN, 2005, p. 140).

O que nos propomos até o momento foi apresentar algumas reflexões e prescrições sobre as cartas para que possamos abrir um possível caminho para a análise, a qual será dividida conforme a seguinte configuração: abertura, desenvolvimento ou setor central, e fecho ou conclusão.

4.2. Abertura

A parte primeira da carta, a chegar aos olhos e aos ouvidos do destinatário, procura-se instaurar a relação amistosa entre ela e seu remetente, por isso, deve-se mencionar o nome a quem a carta se dirige e causar um possível efeito de benevolência, para que a carta seja lida de forma a persuadir o destinatário, tornando-o atento e disposto para o que vem a seguir. Segundo María Martín (TIN, 2005, p. 23), “a ‘abertura’ do corpo estabelece o contato entre remetente e

destinatário” e “bem como ser costume na saudação tomar material do nome do destinatário” (TIN, 2005, p. 39).

Dom Quixote inicia a sua carta a Sancho manifestando a sua surpresa positiva diante dos comportamentos do escudeiro no governo em Baratária. A saudação, segundo o Anônimo de Bolonha, “é uma expressão de cortesia que transmite um sentimento amistoso compatível com a ordem social das pessoas envolvidas” (TIN, 2005, p. 84). Ao iniciar desse modo, o cavaleiro tem por objetivo captar a benevolência do destinatário, expressando um sentimento amistoso e saudando Sancho adjetivando-o como amigo: “Cuando esperaba oír nuevas de tus descuidos e impertinencias, Sancho amigo, las oí de tus discreciones, de que di por ello gracias particulares al cielo” (CERVANTES, 2015, p. 941).

O nome do destinatário figura desde a primeira linha e é retomado ao longo do parágrafo. Assim, podemos classificar a saudação como “circunscrita”, pois o nome do destinatário é escrito em vários lugares de modo a referenciá-lo (TIN, 2005). A saudação do cavaleiro ao escudeiro é adequada e decorosa, pois prepara o destinatário para o assunto a ser tratado. A seguir, instaura a captação da benevolência como forma de torná-lo atento e disposto, sendo que “a boa disposição pode ser assegurada pela pessoa que envia a carta se menciona humildemente alguma coisa sobre seus negócios, ou suas obrigações, ou suas razões” (TIN, 2005, p. 97). A saudação é muito breve e, como vimos, está atrelada à captação da benevolência. Segundo Anônimo de Bolonha (TIN, 2005) isso é comum e deve prosseguir imediatamente para a narração ou para a petição, tendo por breve e modesto o seu início.

A carta de Sancho tem seu início abrupto, ou seja, não apresenta uma saudação inicial, mas sim uma desculpa imediata para a sua falta de tempo em responder ao amo, devido ao excesso de trabalho na suposta ínsula. No entanto, nomeia o destinatário, não diretamente, mas como seu senhor: “Digo esto, señor mío de mi alma” (CERVANTES, 2015, p. 943). A partir disso, vai dando notícias dos acontecimentos no governo. Em outros termos, a abertura da carta de Sancho apresenta uma enunciação marcada pelo lamento e pela desculpa. O discurso prosaico de Sancho expõe ao amo a sua justificativa por não lhe ter escrito antes, pois devido à sua rotina atribulada, carece de tempo para coisas banais como coçar a cabeça e cortar as unhas. Reverbera, ainda, a sua importância na condução da ínsula e a responsabilidade que lhe compete na manutenção do governo. Além disso, Sancho recorre à memória para exemplificar o seu estado famélico, pois embora seja um governador, sofre pela fome mais do que antes, quando estava junto ao seu amo nos campos.

Vale pontuar que, segundo Erasmo (TIN, 2005, p. 59), “também se pode, nas cartas familiares e humorísticas, começar abruptamente”, visto que “as cartas enviadas e recebidas

duma parte e doutra são a imagem de uma conversação e de diálogo (*mutuum alloquium*), será bem mais belo que elas produzam tão fielmente quanto possível a realidade que representam” (TIN, 2005, p. 59). A carta lida a Sancho o afeta, anima-o e impulsiona-o a respondê-la imediatamente, desta forma, a carta promove uma oportunidade do escudeiro em se aproximar de seu amo, reconhecendo-o na leitura. Desse modo, o seu comportamento é previsível e esperado.

Ao cotejarmos a abertura das duas cartas, podemos observar que dom Quixote segue as premissas iniciais prescritas nas *Rationes dictandi* (1135), que orienta a divisão da carta na seguinte ordem: saudação, captação da benevolência, narração, petição e conclusão. Sancho, por sua vez, subverte o esquema da divisão da carta, pois consideramos que não há uma saudação inicial. No entanto, o escudeiro não se esquece de mencionar o destinatário na abertura, cuja prescrição nos diz que deve estar na saudação. Vale pontuar, que segundo o Anônimo de Bolonha (TIN, 2005), a carta pode ser considerada completa se a saudação é omitida. Assim, a estrutura da carta é mantida, mesmo que falte algum elemento prescritivo, como menciona o autor: “Tais partes não são necessariamente exigíveis em todas as cartas. [...] pode haver cartas em que se omita a *salutatio* e/ou a *captatio benevolentiae*” (TIN, 2005, p. 41). Com isto, concluímos que Sancho omite a saudação e a captação da benevolência, porém está adequado a respeito da estrutura epistolar. Erasmo (TIN, 2005, p. 118), adverte que “é conveniente, de fato, algumas vezes mudar alguma coisa na ordem constituída e tradicional”, pois a situação pode exigir uma nova configuração.

É interessante observar que o exórdio, nos discursos epidícticos ou demonstrativos, se aplica ao início da carta de dom Quixote, pois se apresenta a partir de um elogio: “Ahora bien, lo que se dice en los exordios de los discursos epidícticos se saca de un elogio o de una censura” (ARISTÓTELES, 1990, p. 559). Assim, podemos inferir que a carta do amo segue prescrições retóricas a partir do discurso demonstrativo, que tem como objetivo elogiar ou censurar assinalando o que é justo ou injusto. Além disso, é possível reconhecer que após o elogio, dom Quixote também censura o escudeiro para que ele esteja atento à humildade: “Dícenme que gobiernas como si fueses hombre, y que eres hombre como si fueses bestia, según es la humildad con que te tratas; y quiero que adviertas...” (CERVANTES, 2015, p. 941).

Sancho, por sua vez, não segue tais prescrições, mas seu discurso é adequado e verossímil relativo à sua pessoa, visto que o escudeiro é analfabeto e não dispõe de conhecimentos formais para a redação da carta. Esse juízo está baseado na construção de caráter da personagem que é impressa em sua carta. Para tornar essa avaliação válida, percebemos que o narrador evidencia a autoria da carta por Sancho: “llamando al secretario, se encerró con él

en su estancia, y sin dilatarlo más quiso responder luego a su señor don Quijote y dijo al secretario que, sin añadir ni quitar cosa alguna, fuese escribiendo lo que él le dijese, y así lo hizo” (CERVANTES, 2015, p. 943). Desse modo, a abertura da carta de Sancho se dá pela imediata resposta e por encontrar a desculpa como principal prioridade em sua contestação. No entanto, o escudeiro não deixa de nomear o destinatário, ainda que indiretamente, promovendo uma abertura decorosa. Segundo Justo Lipsisio:

Por *decoro* entendo aquilo a que os gregos chamam *adequação*; encontra-se numa carta quando alguma coisa está adequada e apropriadamente escrita. Envolve dois aspectos: a *pessoa* e o *assunto*. Quanto à pessoa, esta tem enfoque dúplice: com respeito a ti mesmo e a quem tu escreves. Já o assunto, em qualquer caso, é simples: qualquer coisa deve concordar com o conteúdo, e as vestes das sentenças e frases devem ser adequadas à estrutura do assunto (TIN, 2005, pp. 146-147).

Tendo isso em conta, podemos inferir que a abertura decorosa da carta de Sancho está relacionada com a sua pessoa: homem sem instrução formal, analfabeto e rústico; além disso, também se relaciona ao assunto: as lamentações que virão a seguir. Entendemos que a desculpa inicial pode ser uma espécie de paródia da captação da benevolência, no sentido que dá ao destinatário a oportunidade de reconhecer na leitura da carta as dificuldades enfrentadas pelo remetente, perante os diversos impasses e adversidades contraídas no governo, e a partir disso, pode se tornar disposto e atento para o que se dita posteriormente.

Para Aristóteles (1990), o exórdio é o lugar do tema, do assunto a ser tratado ao decorrer da epístola, nas palavras do autor: “la función más necesaria y propia del exordio es mostrar la finalidad por cuya causa se dice el discurso” (ARISTÓTELES, 1990, p. 562). Assim, avaliamos que no discurso demonstrativo, baseados na carta entre amo e escudeiro, o assunto refere-se à instrução a partir de conselhos no primeiro e na desculpas e lamentações no segundo, pois “los exordios de los discursos epidícticos se obtienen de lo siguiente: del elogio, de la censura, del consejo, de la disuasión y de las disculpas” (ARISTÓTELES, 1990, p. 560).

Em síntese, podemos reconhecer na abertura das cartas os seguintes elementos característicos, a saber: a) o discurso demonstrativo em que se baseiam as duas cartas; b) o principal assunto: conselhos e lamentos; c) a saudação inicial ou a falta dela; d) a nomeação dos destinatários; e) a captação da benevolência e uma suposta paródia dela; f) o caráter dos remetentes; g) a carta privada com estilos diferentes, adaptados “às circunstâncias e ao temperamento dos destinatários”, conforme prescreveu Cícero (TIN, 2005).

Tendo em conta esses elementos, classificamos a abertura como uma conversa entre amigos em que cada um conhece muito bem o outro e seus discursos soam adequados pela coloquialidade enunciativa e pela adoção da estrutura inicial, visto que cabe a Sancho reclamar e se desculpar e ao amo aconselhar, elogiar e censurar.

4.3. Desenvolvimento ou setor central

A segunda divisão da carta é a mais extensa. Nela encontramos o assunto desenvolvido, sendo na carta de dom Quixote, especialmente, os conselhos e os ensinamentos; e na carta de Sancho as lamentações e o atendimento aos conselhos dados pelo amo. Além disso, versam também sobre outros assuntos, tais como: o que tem acontecido com cada um em seu lugar, dá notícias sobre o que pretendem fazer e solicitam pedidos um ao outro. Desse modo, a narração em ambas as cartas é de natureza complexa, segundo as prescrições de Anônimo de Bolonha e de Erasmo, pois “compreende a exposição de várias matérias” (TIN, 2005, p. 99). Ademais, para Erasmo, “as cartas com assunto múltiplo são frequentes entre amigos (*familiares*)” (TIN, 2005, p. 58).

Em sua carta, Dom Quixote, estrutura os fatos a partir de uma ótica do ensinamento. Inicialmente, adverte o escudeiro em relação aos vícios e às virtudes e, posteriormente, dita regras a partir de um discurso imperativo. Também apresenta a sua condição imediata no castelo, dizendo sobre o seu estado ao escudeiro; além disso, solicita-lhe notícias a respeito de suas suspeitas, em que enquadramos na parte da petição da carta, após a narração.

Sancho, por sua vez, relata os fatos acontecidos em Baratária, sempre narrando o seu descontentamento e a sua situação famélica, aponta também que tem seguido as instruções dadas pelo amo e dialoga com a carta recebida, trazendo respostas pontuais aos questionamentos de dom Quixote. Sancho, após a narração, solicita ao amo que lhe envie uma carta de sua esposa, pois tem grande vontade de conhecer notícias sobre sua família, essa solicitação pode ser classificada como petição.

Vale recordar que Erasmo é crítico em relação à estrutura da carta. Segundo o autor, a divisão canônica estabelecida em 4 partes torna ridículos os remetentes que sempre a adotam. Nas palavras de Erasmo: “Quão ridículos são aqueles que todas as cartas em saudação, exórdio, narração e conclusão dividem, e pensam que nelas consiste toda a arte.” (TIN, 2005, pp. 118-119). Segundo o autor, os remetentes devem fazer uso da prudência na hora de escreverem suas cartas e a parcimônia no uso das prescrições, pois “nem sempre é necessário usá-las todas juntamente, nem com frequência inteiramente e, como nos discursos, muitos mudam, conforme o caso, os tempos, a necessidade, a ocasião” (TIN, 2005, p. 119).

Após a narração, temos a petição. As petições nas cartas entre amigos podem ser classificadas distintamente, pois enquanto na carta de Sancho a petição é simples e direta (“Si me escribiere mi mujer Teresa Panza, pague vuestra merced el porte y envíeme la carta...” CERVANTES, 2015, p. 945), na carta de dom Quixote, a petição, além de ser também direta,

é didática e admonitória. Segundo Anônimo de Bolonha, uma petição didática se dá por meio de preceitos, admonitória por aconselhamento, e direta é realizada “somente pela sua indicação ou enunciação direta” (TIN, 2005, p. 100). A petição direta de dom Quixote se encontra no final da carta, assim como a de Sancho, e são dois pedidos, o primeiro sobre avisá-lo de uma possível suspeita e o segundo, de continuar escrevendo sobre tudo o que ocorre no governo: “Avísame si el mayordomo que está contigo tuvo que ver en las acciones de la Trifaldi, como tú sospechaste; y de todo lo que te sucediere me irás dando aviso...” (CERVANTES, 2015, p. 942).

Sobre as petições de caráter didática e admonitória, é possível observá-las em toda a carta, pois o amo pede a Sancho, por meio de conselhos e de preceitos, comportamentos e ações que ele considera dignas e decorosas para um governador. Na carta, como um diálogo, é como se dom Quixote dissesse: Sancho, peço a você que: “No hagas muchas pragmáticas”, “ser bien criado con todos”, “vístete bien”, “sea limpio y bien compuesto”, “mira y remira, pasa y repasa los consejos y documentos que te di” (CERVANTES, 2015, pp. 941-942). Assim, a respeito da ordenação da matéria da carta, ou seja, a divisão canônica, dom Quixote se adequa ao assunto e à pessoa. Em outras palavras, a petição não está presente apenas após a narração, mas sim faz parte dela para compor o discurso.

4.4. Fecho ou conclusão

O final das cartas entre dom Quixote e Sancho Pança se aproximam e se afastam, dependendo dos critérios analisados. Elas são semelhantes ao serem iniciadas pela conjunção de adição “y” e a invocação a “Deus”, por exemplo: “Y a Dios” na carta do amo e “Y, con esto, Dios...” na carta do governador. Ambas cartas demonstram uma relação entre destinatário e remetente, enquanto a relação é amistosa na finalização do amo: “Tu amigo”, a relação é servil na do escudeiro: “Criado de vuestra merced” (CERVANTES, 2015, p. 945). Ademais, os dois assinam as cartas com seus nomes. Por outro lado, se afastam em relação à extensão, pois dom Quixote é breve e Sancho extenso. O escudeiro também acrescenta, no final do seu nome, o cargo de governador, explicitando assim a sua condição social naquele momento.

Segundo o Anônimo de Bolonha, a definição da conclusão é dada como “a passagem pela qual uma carta é terminada” (TIN, 2005, p. 100). Para Justo Lipsis (TIN, 2005, p. 136), é chamada de “termo da carta e o seu fim” e divide a conclusão em cinco partes convencionais, a saber: a) *Valedictio*; b) Indicação de lugar; c) Indicação de tempo; d) Fecho complementar; e) Assinatura.

Ao compararmos as conclusões das cartas entre amo e escudeiro, podemos observar a adoção de algumas partes prescritas por Justo Lúpsio, pois ambas cartas utilizam o “Valedictio”, o “Fecho complementar” e a “Assinatura”, porém deixam de indicar o lugar e o tempo na conclusão. Ainda segundo o autor, a *Valedictio*, significa adeus e se caracteriza como: “uma formalidade da conversação, em que desejamos bons votos ao destinatário” (TIN, 2005, p. 136). Além disso, o adeus também pode expressar uma vontade, isto é, nas palavras do autor: “algumas vezes a *valedictio* compreende um desejo: *Peço a Deus que te proteja e favoreça os teus desígnios etc.*” (TIN, 2005, p. 136). O “Fecho complementar” funciona como uma espécie de “demonstração de respeito e lealdade” (TIN, 2015, p. 137), e a “Assinatura” é o nome dos remetentes. Tendo isso em conta, podemos ilustrar e resumir a classificação da conclusão a partir da seguinte tabela:

Tabela 1- Conclusão das cartas

“Valedictio”	
Dom Quixote	“Y a Dios, el cual te guarde de que ninguno te tenga lástima.” (CERVANTES, 2015, p. 943).
Sancho Pança	“Y, con esto, Dios libre a vuestra merced de malintencionados encantadores y a mí me saque con bien y en paz de este gobierno, que lo dudo, porque le pienso dejar con la vida, según me trata el doctor Pedro Recio.” (CERVANTES, 2015, p. 945).
“Fecho complementar”	
Dom Quixote	“Tu amigo” (CERVANTES, 2015, p. 943).
Sancho Pança	“Criado de vuestra merced” (CERVANTES, 2015, p. 945).
“Assinatura”	
Dom Quixote	“Don Quijote de la Mancha” (CERVANTES, 2015, p. 943).
Sancho Pança	“Sancho Panza el Gobernador” (CERVANTES, 2015, p. 945).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Atencioso, Dom Quixote encomenda o escudeiro a Deus e encerra estabelecendo a relação de amizade. Por fim, assina seu nome de cavaleiro. Sancho, por sua vez, preocupado, roga a Deus que livre o amo dos mal-intencionados encantadores, retomando assim, a ideia fixa que comparte com o amo; em seguida clama a Deus que seja retirado do governo com saúde e em paz, sem antes deixar, novamente, explícito o seu lamento acerca do seu infortúnio: o tratamento dado a ele pelo doutor Pedro Récio. Finaliza a carta estabelecendo uma relação servil com o amo, assina com o seu nome e o seu cargo, instituindo, desse modo, uma categoria hierárquica socialmente reconhecida por ambos.

Diante do exposto, é possível perceber que as cartas trocadas entre amo e escudeiro podem ser lidas a partir de uma composição prescritiva epistolar. Embora a estrutura não siga à risca as prescrições, ela é desenvolvida e adequada ao momento e a situação dos remetentes, conforme defende Erasmo (TIN, 2005). Além disso, as cartas têm à função de informar: diretamente aos remetentes e aos destinatários e indiretamente aos duques e seus criados. Pois,

vale recordar, que amo e escudeiro estão sob constante vigilância e as cartas são lidas previamente antes de chegarem ao destinatário final. Podemos assim, inferir que as cartas apresentam destinatários variados, ainda que haja apenas um oficialmente reconhecido.

Ademais, tratando a carta como um recurso verossímil de composição poética, ela possibilita ao leitor entender a narrativa de forma ampla, ou seja, reconhecer e atestar as estratégias dos duques, observar e verificar as ações e os pensamentos dos protagonistas e, ainda, experimentar a uma “representação dentro da própria representação” (VIEIRA, 2015, p. 79). Afinal, as cartas são um dos elementos dessa representação, visto que, para o leitor, remetente e destinatário não são o que parecem ser, nem mesmo os duques e seus criados. As cartas institucionalizam uma comunicação entre amo e escudeiro, mas também sugerem uma conversa entre cavaleiro e governador, no entanto são apenas um louco e seu companheiro, tão igualmente carentes de cordura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação procurou demonstrar que a leitura do *Quixote* pode ser compreendida por meio do entendimento da circulação dos gêneros que transitavam na época, da compreensão da sociedade de corte e seus costumes, da ideia de educação e de princípios morais que eram sustentados para a educação de príncipes e por um código de conduta prescrito e estimulado. Além disso, foi possível examinar as cartas entre dom Quixote e Sancho Pança a fim de observar uma leitura à luz das prescrições epistolares que vigoravam na época.

Durante o trajeto deste trabalho, consideramos que a comicidade nos diálogos entre amo e escudeiro e, principalmente, nas cartas, foi alcançada, basicamente, a partir das suas ações exageradas, isto é, dom Quixote pelo excesso de razão e Sancho pelo excesso de refrãos. Além disso, o efeito de humor também pôde ser observado a partir da paródia de certas prescrições instrutivas tornando os manuais uma fonte de intertextualidade na composição das cartas.

As cartas, por sua vez, fazem parte de um recurso de composição literária que traz verossimilhança à narrativa, pois, por meio do papel, as vozes de Sancho e de dom Quixote foram transcritas, podendo, assim, se expressarem em privado a respeito das suas percepções de mundo e de suas próprias vidas. Nelas, não são perdidos o temperamento dos remetentes, tampouco a forma com que produzem a comicidade. É possível inferir que, o intelectual tem por preocupação primeira a educação de Sancho e o analfabeto em ascender socialmente, no intuito de: comer com fartura, ter uma vida confortável, casar bem seus filhos.

Como vimos, as cartas do amo e do escudeiro podem ser lidas a partir de premissas retóricas e poéticas que vigoraram durante o século XVI e XVII, uma doutrina que possibilita ao leitor observar o ensinamento e o deleite por meio da narrativa cervantina em que a presença do aconselhamento e os seus frutos se fez presente nos diálogos instrutivos entre dom Quixote e Sancho Pança.

Por fim, entendemos que a narrativa cervantina foi composta com “apacibilidad de estilo y con ingeniosa invención” (CERVANTES, 2015, p. 942), na qual foi possível conseguir “enseñar y deleitar juntamente” (CERVANTES, 2015, p. 942). Afinal, tal composição poética, versátil e diversa, em gêneros e em discursos, promove admiração no leitor que reconhece no *Quixote* uma grande obra escrita, pois, conforme dito por dom Quixote, no capítulo IV da primeira parte: “que cada uno es hijo de sus obras (CERVANTES, 2015, p. 50), e também por Sancho, no capítulo XLVII da mesma parte: “cada uno es hijo de sus obras” (CERVANTES, 2015, p. 489), ambos personagens reafirmam a nossa admiração, no sentido que admiramos

Cervantes por aquilo que compôs, sendo o *Quixote* um filho muito admirado em todo o mundo, decorridos mais de quatro séculos de existência.

BIBLIOGRAFIA

ALVAR, Carlos. *Gran Encilopedia Cervantina*: volumen II. Madrid: Castalia, 2006.

ANÔNIMO. *Lazarilho de Tormes*. Edição bilíngue. Tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. São Paulo: Editora 34, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Introducción, Traducción y notas por Quintín Racionero. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

ARISTÓTELES. *Poética*. 2. ed. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

ARROYO, Florencio Sevilla. “Don Quijote dilatado en 1615”. *ehumanista*: Cervantes, Santa Barbara, v. 4, 2015, pp. 1-25. Disponível em: https://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.span.d7_eh/files/sitefiles/cervante/s/volume4/1%20ehumcerv4.sevilla.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.

BAÑOS, Pedro Martín. “Familiar, retórica, cortesana: disfraces de la carta en los tratados epistolares renacentistas”. *Cuadernos de Historia Moderna*, Almendralejo, v. 4, 2006, pp. 15-30. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1973219>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BAÑOS, Pedro Martín. “Retórica epistolar: de la carta a la autobiografía, el ensayo y la novela”. *Actas de las III Jornadas de Humanidades Clásicas*. Almendralejo, 2001, pp. 147-154. Disponível em: https://www.academia.edu/48569584/Ret%C3%B3rica_epistolar_de_la_carta_a_la_autobiograf%C3%ADa_el_ensayo_y_la_novela. Acesso em: 29 mar. 2022.

BAÑOS, Pedro Martín. *Fuentes de la doctrina epistolar del Manual de escribientes (c. 1551-59) de Antonio de Torquemada: materiales para una edición anotada*. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/24784633/Fuentes_de_la_doctrina_epistolar_del_Manual_de_escribientes_c_1551_59_de_Antonio_de_Torquemada_Materiales_para_una_edici%C3%B3n_anotada. Acesso em: 29 mar. 2022.

BARROSO, Raphael Henrique Dias. “A cultura epistolar entre antigos e modernos: normas e práticas de escrita em manuais epistolares em princípios do século XVI”. *Cantareira*, 2019, pp. 11-25. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/30790>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BLANCO, Mercedes. “De cómo los libros cambian el mundo: el quijote de 1615”. *Criticón*, n. 127, 2016, pp. 57-75. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/criticon.2945>. Acesso em: 19 maio 2022.

BOUZA, Fernando. “Introducción: escritura en cartas”. *Cuadernos de Historia Moderna*: Anejo IV: Cultura epistolar en la alta Edad Moderna, Madrid, v. 1, n. 1, 2005, pp. 9-14. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/article/view/CHMO0505220009A/22108>. Acesso em: 19 maio 2022.

BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito: una historia cultural del siglo de oro*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, S.A., 2001.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. *Poesia de Agudeza em Portugal*. São Paulo: Edusp e Humanitas Editorial, 2007.

CASTILLO, Antonio Gómez (comp.). *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Barcelona: Gedisa, 1999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/351745552/Castillo-comp-Escribir-y-leer-en-el-siglo-de-Cervantes-pdf>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CASTILLO, Antonio Gómez (org.). *Libro y Lectura en la Península Ibérica y América*. Salamanca: Imprenta Kadmos, 2003.

CASTILLO, Antonio Gómez. “Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. (Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. Disponível em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/6745>. Acesso em: 26 mai. 22.

CASTILLO, Antonio Gómez. *Entre la pluma y la pared: una historia social de la escritura en los siglos de oro*. Madrid: Akal Universitaria, 2006.

CASTILLO, Antonio Gómez. *Livros e Leituras na Espanha do Século de Ouro*. Tradução de Claudio Giordano. Cotia: Ateliê Editorial, 2014.

CERVANTES, Biblioteca Virtual Miguel de. *QBI: banco de imágenes del «quijote» (1605-1915)*. 2021. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/portales/quijote_banco_imagenes_qbi/imagenes/?episodio=0027&titulo=todos&dibujante=todos&grabador=todos&tema=todos. Acesso em: 27 jun. 2021.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de La Mancha*. Barcelona: Alfaguara, 2015.

CICERO. *Retórica a Herenio*. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

CLOSE, Anthony. “Cervantes frente a los géneros cómicos del siglo XVI”. *Actas del III Coloquio Internacional de La Asociación de Cervantistas*. Alcalá de Henares, 1993, pp. 89-104. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/coloquios/cl_III/cl_III_09.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

CONCHA, Víctor García de la. *Nueva lectura del Lazarillo: el deleite de la perspectiva*. Madrid: Editorial Castalia, 1981.

COSTA, Ricardo da. “A retórica na Antiguidade e na Idade Média”. *Trans/Form/Ação*, [S.L.], v. 42, 2019, pp. 353-390. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/wrCMVbRK9THLXXvKdCz8cxH/?lang=pt>. Acesso em: 29 mar. 2022.

DIGITAL, Biblioteca Valenciana. *Epistolario de Juan Luis Vives*. 1520. Disponível em: <https://bivaldi.gva.es/es/corpus/unidad.do?posicion=1&idCorpus=1&idUnidad=11765>. Acesso em: 29 mar. 2022.

DIGITAL, Biblioteca Valenciana. *III. El epistolario de Juan Luis Vives*. 1978. Disponível em: <https://bivaldi.gva.es/es/corpus/unidad.do?posicion=1&idCorpus=1&idUnidad=11738>. Acesso em: 29 mar. 2022.

EGIDO, Aurora. “Los manuales de escribientes desde el Siglo de Oro. [Apuntes para la teoría de la escritura]”. *Bulletin Hispanique*, v. 97, n. 1, 1995, pp. 67-94. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1995_num_97_1_4854. Acesso em: 29 mar. 2022.

GARCÍA, Luis Alburquerque. “La ‘inventio’ en la retórica de Miguel de Salinas”. *Actas del III Simposio Internacional de la Asociación Española de Semiótica*. Madrid, 1990, pp. 215-224. Disponível em: <https://digital.csic.es/handle/10261/12440>. Acesso em: 28 abr. 2023.

GUEDES, Rosane Mavignier. Gênero Epidítico: ferramenta da argumentação jurídica. *Tradução em Revista*, [S.L.], v. 2014, n. 17, p. 69-77, 14 nov. 2014. Semestral. Faculdades Católicas. <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.tradrev.23653>. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=27150&numfas=11&nrseqcon=23653&NrSecao=11. Acesso em: 28 abr. 2023.

HANSEN, João Adolfo. “Instituição retórica, técnica retórica, discurso”. *Matraga*, v. 20, n. 33, dez. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19759>. Acesso em: 07 jun. 2022.

LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na Aldeia*. Lisboa: Editorial Presença, 1991. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/11756124/b51647>. Acesso em: 26 maio 2022

MORÁN, José Manuel Martín. “El diálogo en el Quijote: conflictos de competencia entre el narrador y los personajes”. *Actas Selectas del VIII Congreso Internacional de La Asociación de Cervantistas*, Oviedo, 2014. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/congresos/cg_VIII/cg_VIII_09.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.

MOREU, Xavier Tubau. *Lope de Vega y las polémicas literarias de su época: Pedro de Torres Rámila y Diego de Colmenares*. 2008. 500 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filologia Espanhola, Filologia Espanhola e Teoria da Literatura, Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 2008. Cap. 2. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/13277161.pdf>. Acesso em: 19 maio 2022.

MUHANA, Adma Fadul. “O gênero epistolar: diálogo per absentiam”. *Discurso*, [S.L.], n. 31, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38043>. Acesso em: 29 mar. 2022.

OCAÑA, Antonio Cortijo. “La Retórica en la Edad Media y el Renacimiento: de la teoría a la práctica”. *Retórica Aplicada: a la literatura medieval y de los siglos XVI y XVII*, Cidade do México, 2016. Disponível em: <http://www.destiemposeditorial.com/RETORICAAPLICADA.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. 2. ed. São Paulo/Campinas: Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Unicamp, 2018.

PELAYO, Javier Antón. “La teoría de la carta familiar (siglos XVI-XIX)”. *Revista de Historia Moderna*, [S.L.], n. 37, 2019. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/97990/1/Revista-de-Historia-Moderna_37_04.pdf. Acesso em: 29 mar. 2022.

PETRUCCI, Armando. *Escribir cartas: una historia milenaria*. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand, 2019.

PINCIANO, Alonso López. *Philosophía Antigua Poética*. Alcalá: José Antonio de Castro, 1998.

ROJAS, Fernando de. *La Celestina*. 16. ed. Madrid: Catedra, 2007.

ROTTERDAM, Desidério Erasmo de. Brevíssima e Muito Resumida Fórmula de Elaboração Epistolar. In: TIN, Emerson (org.). *A arte de escrever cartas*. Campinas: Unicamp, pp. 111-128, 2005.

ROTTERDAM, Erasmo de. *A Civilidade Pueril*. 1530. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3469863/mod_resource/content/1/Erasmus.pdf. Acesso em: 29 jun. 2021.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da Loucura*. Tradução do latim Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Hedra, 2013.

SALINAS, Miguel de. *Rhetorica en lengua castellana*. Edición y notas de Encarnación Sánchez García. Napoli: Desktop Publishing—I.u.O, 1999. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/view/14042863/rhetorica-en-lengua>. Acesso em: 27 out. 2022.

SAN PEDRO, Diego de. *Cárcere de amor*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

SANTOS, Marcos Martinho dos. “Arte dialógica e epistolar segundo as Epístolas morais a Lucílio”. *Letras Clássicas*, [S.L.], n. 3, 1999, pp. 45-93. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73756>. Acesso em: 29 mar. 2022.

SHIBATA, Ricardo Hiroyuki. “A ‘arte do ditado’: a emergência do dictamen e da ars dictaminis na idade média”. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 65, 2016, pp. 8-23. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/65/001.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

TIN, Emerson (org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

VÁZQUEZ, Antonio Barnés. “Don Quijote: retórica en acción”. *Retórica y Política: los discursos de la construcción de la sociedad*, Logroño, 2012, pp. 407-422. Disponível em: https://www.academia.edu/2938618/Don_Quijote_ret%C3%B3rica_en_acci%C3%B3n?email_work_card=title. Acesso em: 29 mar. 2022.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. *A Narrativa Engenhosa de Miguel de Cervantes*. São Paulo: Edusp, 2012.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. Cervantes: “Dom Quixote e Sancho Pança – fragmentos de uma aprendizagem deleitosa”. *Literatura e Sociedade*, [S. 1.], v. 23, n. 28, 2018, pp. 10-26. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/152426>. Acesso em: 2 jun. 2022.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. *O Dito pelo Não-Dito: paradoxos de dom quixote*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

VILANOVA, Antonio. “Don Quijote y el ideal erasmista del perfecto caballero cristiano”. *Actas del III Coloquio Internacional de La Asociación de Cervantistas*, Alcalá de Henares, 1993, pp. 69-87. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/coloquios/cl_III/cl_III_08.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.